



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE RONDONÓPOLIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



WELBER EDUARDO VAZ

**EDUCAÇÃO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS: ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS DO CAMPO NO GIBI “CHICO BENTO
MOÇO”**

RONDONÓPOLIS-MT/2021

WELBER EDUARDO VAZ

**EDUCAÇÃO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS: ANÁLISE DAS
REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS DO CAMPO NO GIBI “CHICO BENTO
MOÇO”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Rondonópolis, como requisito para a obtenção de título de Mestre em Educação, Linha de Pesquisa Infância, Juventude e Cultura Contemporânea: direitos, políticas e diversidade.

Orientador: Professor Dr. Flávio Vilas-Bôas Trovão

RONDONÓPOLIS-MT/2021

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

V393e Vaz, Welber Eduardo.
Educação e história em quadrinhos: análise das representações dos jovens do campo no gibi "Chico Bento Moço" / Welber Eduardo Vaz. -- 2021
144 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Flávio Vilas-Bôas Trovão.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação em Educação, Rondonópolis, 2021.
Inclui bibliografia.

1. Educação. 2. História em quadrinhos. 3. Estudos Culturais. 4. Chico Bento. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS RONDONÓPOLIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: EDUCAÇÃO E HISTÓRIA EM QUADRINHOS: ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES DOS JOVENS DO CAMPO NO GIBI "CHICO BENTO MOÇO"

AUTOR: MESTRANDO Welber Eduardo Vaz

Dissertação defendida e aprovada em 29 de 07 de 2021.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Presidente Banca / Orientador Doutor Flávio Vilas-Bôas Trovão
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
2. Examinadora Interna Doutora Raquel Gonçalves Salgado
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
3. Examinador Interno Doutor Marcelo Fronza
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
4. Examinador Suplente Doutor Aguinaldo Rodrigues Gomes
INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

RONDONÓPOLIS, 29 DE JULHO DE 2021.



Documento assinado eletronicamente por **FLAVIO VILAS BOAS TROVAO, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 05/08/2021, às 16:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARCELO FRONZA, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 12/08/2021, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **RAQUEL GONCALVES SALGADO**,
Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, em 12/08/2021, às
10:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do
[Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).

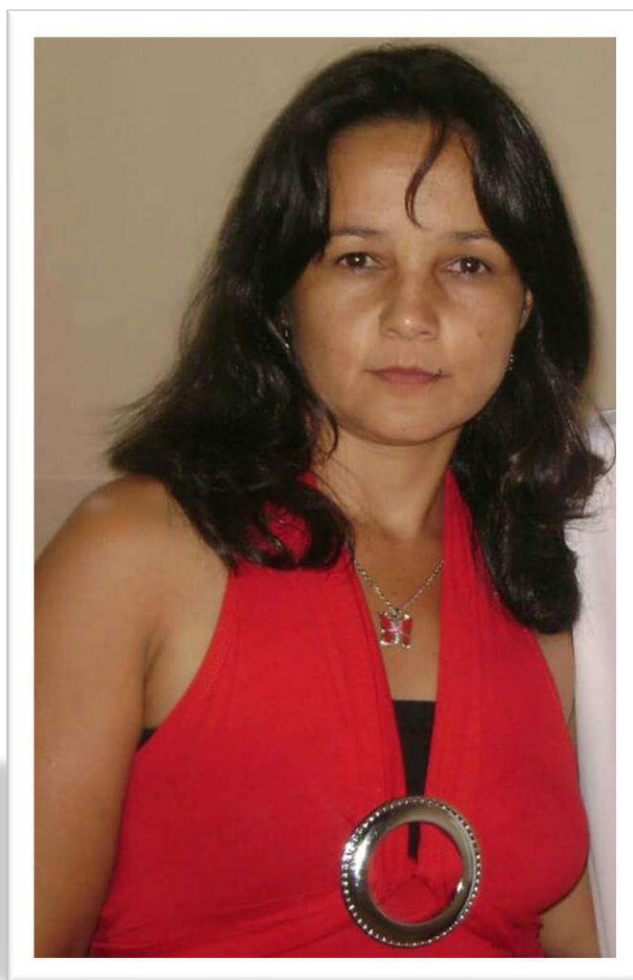


A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código
verificador **3756803** e o código CRC **705730C2**.

Referência: Processo nº 23108.055250/2021-17

SEI nº 3756803

DEDICATÓRIA



Dedico essa pesquisa à minha eterna mãe, *Mônica Rosa de Lima Vaz*, nascida aos 22 de novembro de 1970, falecida aos 37 anos em 16 de outubro de 2008. Filha de trabalhadores rurais, essa mulher também foi uma trabalhadora do campo fiel e dedicada à família. Me ensinou o amor ao próximo, a educação, o respeito, a fraternidade, a amizade. Durante meus 16 anos ao seu lado, pude sentir o verdadeiro amor, a verdadeira entrega. Hoje meu coração se alegra com essa conquista, mas chora por não te ter mais comigo. Jamais vou esquecer dos conselhos, dos ensinamentos, do seu jeitinho carinhoso me abraçando quando eu precisava de colo. O seu amor a fez andar na chuva e no sol por nós, seus filhos. Fez com que eu me tornasse quem sou hoje. É para a senhora que escrevo esse texto, minha mãe, para lembrar de todos os momentos felizes que vivemos juntos no campo, e deixar registrado que a vida no campo nos ensina muitas coisas, principalmente que o céu é o limite, que não podemos parar, que precisamos sonhar, assim como a senhora tinha o sonho de ser jornalista. Desde cedo você me ensinou que era preciso sonhar. Tudo isso, é para você!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela oportunidade de chegar até aqui e por me dar força para superar minhas limitações e os desafios diários os quais vivi durante esse período de estudos, principalmente, nesse período de pandemia. Não foi fácil superar cada obstáculo, mas a alegria toma conta de mim, ao ver esse texto concluído. Gratidão por Ele ter me concedido a graça de entrar nesse programa de pós-graduação, pois, ele é um sonho antigo que estou realizando nesse momento.

Agradeço também ao meu orientador Professor Dr. Flávio Vilas-Bôas Trovão que não mediu esforços para me orientar e, principalmente, por ele ter me incentivado e me feito perceber que sou capaz. Por diversos momentos me senti incapaz de chegar até aqui, mas com muito carinho e dedicação, ele conseguiu me mostrar que era possível. E aqui estamos, com esse estudo pronto, graças às leituras críticas da mídia que esse excelente profissional me ensinou a fazer.

Um agradecimento especial à minha família, em particular, meu pai e meus irmãos que sempre me deram força e me incentivaram a não desistir, mesmo estando tão distantes fisicamente. Agradeço meu irmão Welton que fez parte da minha história acadêmica durante a graduação, que nunca mediu esforços para me levar de moto para as aulas nos finais de semana que ficavam a mais de 90 km do nosso município. Todos esses detalhes fizeram com que eu chegasse até aqui com tanta gratidão no coração. Gratidão às minhas primas: Professora Mestra Euda Mendes e Professora Mestra Neuda Mendes que sempre foram inspirações para minha formação profissional.

Agradeço aos amigos e amigas de Barro Alto-GO que permaneceram me apoiando até hoje. Gratidão àqueles que me ligaram e se mostraram presentes nos momentos que mais precisei. Agradeço também as amigas que fiz em Mato Grosso. Sei que cada um(a) contribuiu para que eu permanecesse firme nessa caminhada.

Por fim, agradeço aos meus professores e ex-professores que sempre me ajudaram a superar cada dificuldade encontrada. Em especial, à Professora Mestra Cláudia Regina Bertoso, que me orientou na graduação e especialização, que desde o começo disse para eu almejar o mestrado. Suas palavras de incentivo me fizeram chegar até aqui, pois, com sua dedicação me fez perceber o quanto é importante voltar o olhar para as causas sociais, principalmente para o campo.



Cristiana Maria

O menino da roça sonhava alto... sempre tão caladinho, mas com grandes sonhos. O menino da roça de sorriso cativante enxergou além das montanhas... deixou seu cantinho como um recanto e alçou voo... sem medo e com muita determinação. E é por isso que hoje você pode dizer "Eu venci". E o menino da roça mostrou a todos que com esforço e sabedoria é possível vencer... basta crer e jamais desistir. Menino da roça... Deus quis que você brilhasse além de seu "paraíso"... o mérito é seu! **Parabéns!** 🙌🙌🙌🙌🙌

Cristiana Maria da Conceição, 2020.

Minha professora do Ensino Fundamental.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as representações dos jovens do campo no gibi *Chico Bento Moço*, produzido pelos Estúdios Maurício de Sousa. O estudo dá ênfase à imagem estereotipada desses jovens, principalmente aquela presente na fala, na roupa e na ingenuidade do personagem. Por meio das análises, é investigado o preconceito que os estereótipos associam aos jovens do campo, sobretudo, ao migrarem para a cidade em busca de Ensino Superior e melhores condições de trabalho, mote de *Chico Bento Moço*. Aborda a relação deles com o ambiente rural, sua chegada à cidade, bem como os enfrentamentos relacionados à aceitação e à adaptação. Além disso, trata sobre as experiências do jovem do campo na universidade. A partir da hipótese de que muitos dos leitores podem não conhecer a realidade das diversas culturas e saberes dessas pessoas, problematizamos as imagens transmitidas nesses gibis, tendo por base os Estudos Culturais e as Pedagogias Culturais. A metodologia deste trabalho pauta-se na análise crítica da mídia, conforme sugerido por Douglas Kellner (2001), o qual advoga que a análise crítica da mídia possibilita às pessoas condições de examiná-la de forma mais autônoma, ficando menos sujeitas às suas sugestões e manipulações. Concluiu-se que essas representações geralmente são estereotipadas e que o poder educativo do gibi é capaz de moldar o pensamento e a visão dos leitores a respeito das pessoas do campo e pode potencializar o preconceito e a discriminação contra elas. Mas também foi possível perceber que esse produto está renovando sua forma de representar essa população por meio de uma imagem diferente desse famoso estereótipo, levando-nos a questionar se houve mudança na representação por considerar a diversidade do campo ou apenas por considerar que a cidade é capaz de tirar o “caipirês” das pessoas.

Palavras-chave: Educação; História em quadrinhos; Estudos Culturais; Chico Bento.

ABSTRACT

This research has the objective of analyzing the representations of rural youngsters in the comic book *Chico Bento Moço*, produced by Maurício de Souza Studios. The study gives emphasis to the stereotyped image of these youngsters, mainly present in the speech, the wardrobe and in the ingenuity of the character. Through the analyses, it is investigated the prejudice that the stereotypes associate to the rural youngsters, especially, by migrating to the city in search of Higher Education and better conditions of work, theme of *Chico Bento Moço*. It addresses the relation between them with the rural environment, their arrival in the city as well as the confrontation related to the accepting and the adapting. In addition, it discusses the experiences of rural youngsters in the university. From this hypothesis that many readers might not know the reality of the diverse culture and knowledge of these people, we problematized the images given in these comic books, based on the Cultural Studies and Cultural Pedagogies. The methodology of this research work is guided by the critical analysis of media, as suggested by Douglas Kellner (2001), who argues that the critical analysis of media enables people conditions to examine it in more autonomous way, being less subject to its suggestions and manipulations. It concluded that these representations are generally stereotyped and that the educational power of the comic book is capable of shaping the thought and the vision of readers in relation to people of the country and may intensify the prejudice and the discrimination against them. But it was also able to notice that this product is renewing its way of representing this population through a different image of the famous stereotype, leading us to question if there was a change in the representation due to considering the diversity of the countryside or to only considering that the city is capable of taking the “countrified” of these people.

Keywords: Education; Comic book; Cultural Studies; Chico Bento.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Mudanças nos traços de Chico Bento.....	41
FIGURA 2 – Zeca – o primo da cidade.....	44
FIGURA 3 – Chico Bento jovem	46
FIGURA 4 – Capa nº 1– <i>Um novo começo</i>	49
FIGURA 5 – Capa nº 2 – <i>Vida na República</i>	51
FIGURA 6 – Capa nº 5 – <i>A primeira semana</i>	52
FIGURA 7 – Capa nº 7 – <i>Bicos e altas confusões</i>	55
FIGURA 8 – Importância de CB para sua família	58
FIGURA 9 – Mudança de vida	59
FIGURA 10 – Preconceito contra os jovens do campo	61
FIGURA 11 – Orgulho de ser do campo	62
FIGURA 12 – Em busca de seus sonhos	63
FIGURA 13 – Orgulho e gratidão	64
FIGURA 14 – Trabalhar o dobro para pagar as despesas	66
FIGURA 15 – Carteirinha de estudante	67
FIGURA 16 – Confundido com um mendigo	71
FIGURA 17 – Correndo entre os carros	73
FIGURA 18 – Uma pessoa muito estranha	74
FIGURA 19 – Reconhecendo CB na cidade	75
FIGURA 20 – Gente ingênua	76
FIGURA 21 – Os colegas da república	78
FIGURA 22 – Comparado a um personagem de programa humorístico	79
FIGURA 23 – Vítima de piadas e zombarias	80
FIGURA 24 – CB torna-se o centro das atenções	82
FIGURA 25 – Como os jovens da cidade veem CB	83
FIGURA 26 – Bicho do mato	85
FIGURA 27 – Tentando mudar sua linguagem	87
FIGURA 28 – Incomodado com o barulho I	89
FIGURA 29 – Incomodado com o barulho II	89
FIGURA 30 – Frustrado com os colegas de república	90
FIGURA 31 – Triste pelas dificuldades enfrentadas	91
FIGURA 32 – Escrevendo cartas	94

FIGURA 33 – Entregando as cartas nos correios	96
FIGURA 34 – Trechos das cartas	97
FIGURA 35 – Linguagem difícil do professor	99
FIGURA 36 – Vetor circuito eletrônico	101
FIGURA 37 – O primeiro dia de aula	102
FIGURA 38 – Marcação dos “bichos”	103
FIGURA 39 – Aulas práticas	104
FIGURA 40 – Gritando com CB	106
FIGURA 41 – Classe social superior	108
FIGURA 42 – Surpreendido e derrubado pelo colega	109
FIGURA 43 – Devia ter universidade na roça.....	111
FIGURA 44 – Folheto da Universidade Federal de Agronomia	113
FIGURA 45 – Mexendo com estreme	114
FIGURA 46 – Ensinando português	115
FIGURA 47 – Um brinde às novas amigas	116
FIGURA 48 – Vendendo frutas no mercadinho	119
FIGURA 49 – Seus conhecimentos fazem a diferença	121
FIGURA 50 – Ajudante no pet shop	122
FIGURA 51 – Vendedor na loja de calçados	124
FIGURA 52 – Vendendo botinas para o professor	125
FIGURA 53 – Entregador de pizzas	126
FIGURA 54 – Lavando roupas	127
FIGURA 55 – Preparando o almoço	128
FIGURA 56 – Desistir, jamais!	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: UMA RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, GIBI E ESTUDOS CULTURAIS	17
1.1 GIBI E HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UM ENTENDIMENTO NECESSÁRIO	17
1.2 GIBI E EDUCAÇÃO: UMA PEDAGOGIA CULTURAL	20
1.3 A REPRESENTAÇÃO NOS GIBIS E A IMPORTÂNCIA DE SUA ANÁLISE	25
1.4 ESTUDOS CULTURAIS: UM COMPROMISSO COM POPULAÇÕES EM DESVANTAGEM	30
1.5 A CULTURA DA MÍDIA: O PERIGO DAS REPRESENTAÇÕES OPRESSIVAS CAMUFLADAS DE ESPETÁCULO	33
1.6 ESTADO DA ARTE: CHICO BENTO MOÇO	36
2 APRESENTANDO CHICO BENTO	40
2.1 O CAIPIRINHA DE MAURÍCIO DE SOUSA	40
2.1.1 Chico Bento Moço: um novo personagem?	46
2.2 RECORTES PARA ANÁLISE	49
3 DO CAMPO PARA A CIDADE: ANÁLISE DO ESTEREÓTIPO PRESENTE NA FALA, NA ROUPA E NA INGENUIDADE	57
3.1 SAINDO DO CAMPO: A RELAÇÃO DOS PERSONAGENS COM O AMBIENTE RURAL	57
3.2 CHEGANDO À CIDADE: DILEMAS E APRENDIZAGENS DE UM JOVEM CAMPONÊS	70
3.3 UM JOVEM DO CAMPO NA CIDADE: A ACEITAÇÃO	78
3.4 UM JOVEM DO CAMPO NA CIDADE: A ADAPTAÇÃO	86
4 EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS DE CHICO BENTO	93
4.1 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NA UNIVERSIDADE	97
4.2 OUTRAS EXPERIÊNCIAS NÃO MUITO AGRADÁVEIS	105
4.3 UM BRINDE AOS BONS MOMENTOS NA UNIVERSIDADE	113
5 OUTRAS REPRESENTAÇÕES DO JOVEM DO CAMPO	118

5.1 UM JOVEM ESFORÇADO E TRABALHADOR	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS	137

INTRODUÇÃO

“Bobinho da roça!”

Esta frase me marcou muito desde o meu primeiro ano na escola, após ser chamado assim por um colega de sala ao brincar no escorregador. Aos 6 anos, morador do campo, franzino, tímido e estudante de uma escola situada em perímetro urbano, tentava entender o real motivo para aquele colega ter me chamado assim. O fato é que um sentimento de inferioridade tomou conta de mim a partir daquele dia e, mesmo sempre tendo comigo a certeza de que não era e não sou “bobinho”, alguma coisa mais forte me faz ainda me sentir inferior às outras pessoas. E o fato de ainda lutar contra esse trauma gerado por aquela frase, talvez inocente, porém cruel, é que temos como objetivo geral analisar as representações dos jovens do campo, no gibi *Chico Bento Moço*, produzido pela Maurício de Sousa Produções, por considerar que esse é um produto da indústria cultural muito apreciado no Brasil, que há anos educa o público leitor sobre a realidade do campo, suas culturas, costumes e saberes. Talvez com isso, entendamos que “bobinho da roça” possa ser uma imagem criada por questões culturais e políticas que subjazem à construção da sociedade brasileira e representada em diferentes produtos da indústria cultural.

Além disso, minha conexão com os gibis percorre toda minha trajetória enquanto aluno morador do campo e atualmente como professor da educação básica. Em diversos momentos dessa trajetória, deparei-me com os gibis da versão infantil de Chico Bento. Sempre gostei do personagem, afinal, havia ali conteúdos que representavam uma realidade parecida com aquela em que eu vivia. Os animais, as plantas, o trajeto entre casa e escola, a vida simples, a família, entre outros detalhes permitiram essa aproximação com o personagem. Entretanto, no início de 2019, após iniciar os trabalhos como alfabetizador, denominado na rede estadual do estado de Mato Grosso como *articulador da aprendizagem*, ocasião em que atendia alunos com dificuldades de aprendizagem, realizei um projeto para arrecadar gibis, o qual visava auxiliar o processo de alfabetização e letramento daquelas crianças. Foi a partir desse projeto que me deparei com essa nova versão do Chico Bento, até então, desconhecida por mim. A partir dessa ligação com os gibis e com esse personagem, deu-se início a este estudo.

Estudos realizados durante esse período apontam que os gibis são produtos da indústria cultural muito utilizados na educação escolar no Brasil como recurso pedagógico. Suas características que envolvem a linguagem visual e verbal são meios que facilitam a sua utilização no processo de alfabetização e desenvolvimento da leitura em muitas instituições

educacionais. Além disso, compreende-se que, fora dessas instituições, esses produtos fazem ainda mais sucesso, principalmente os mais tradicionais como os gibis da *Turma da Mônica* e *Turma do Chico Bento*. Ao compreender esse forte vínculo que pessoas com diferentes idades têm com esse material, entende-se que suas histórias e imagens podem ser capazes de educar seus leitores. Por isso, este estudo trabalha com a ideia de que o poder educativo desse produto pode ser positivo, mas também pode trazer informações distorcidas sobre as pessoas do campo. Acreditamos que seja necessário compreender se as representações dessa nova versão superam ou não o velho estereótipo da pessoa do campo. A partir dessa concepção, surgem algumas indagações que se tornaram a problemática desta pesquisa. Elas nos levam a questionar: as representações do jovem do campo, sobretudo nas caracterizações do personagem Chico Bento Moço, do ponto de vista físico e subjetivo, questionam a permanência do velho estereótipo do homem caipira na mídia ou de algum modo corroboram com a sua superação e/ou desmistificação? Na busca de responder a esses questionamentos, especificamente, espera-se:

- compreender quais mudanças ocorrem nos traços do personagem infantil e do jovem que contribuem para a manutenção do estereótipo do jovem do campo;
- identificar e discutir o estereótipo presente nas representações da fala, da roupa e da ingenuidade do jovem do campo;
- analisar as experiências do personagem Chico Bento com o ambiente educacional, sobretudo, sua chegada à universidade, seus dilemas e aprendizagens;
- debater sobre outras imagens do jovem do campo presente nesse gibi, questionando se elas podem reforçar ou superar o velho estereótipo da pessoa do campo.

Na busca de responder aos questionamentos e alcançar os objetivos, este estudo faz uma análise crítica das representações dos jovens do campo no gibi “*Chico Bento Moço*”, produzido pelos estúdios Maurício de Sousa. Optamos por fazer um recorte para as análises, o qual compreende as seguintes edições: 1ª edição, intitulada “*Um novo começo*”, lançada em agosto de 2013; a 2ª, intitulada “*Vida na república*” e lançada no mês seguinte do mesmo ano; a 5ª cujo título é “*A primeira semana*”, lançada em dezembro de 2013, e a 7ª edição, “*Bicos e altas confusões*”, lançada em fevereiro de 2014. Essa nova versão retrata o jovem Chico Bento saindo do campo para a cidade em busca de Ensino Superior e de melhores condições de vida. As experiências do personagem são semelhantes à realidade vivida por muitos jovens que precisam entrar no curso superior, como aquela vivida por mim, por exemplo, que fui morador do campo até os 18 anos e precisei sair da minha localidade para ingressar na

universidade. As histórias de Chico Bento, certamente, chamam muito a atenção dos leitores, mas as formas de o gibi representar os jovens do campo são ainda mais intrigantes e carecem de uma análise crítica, principalmente, quando imagens e textos representam essas pessoas a partir de um estereótipo.

Portanto, a metodologia deste trabalho pauta-se na análise crítica da mídia, conforme sugerido por Douglas Kellner (2001). Esse autor advoga que a análise crítica da mídia possibilita às pessoas condições de poder examiná-la de uma forma mais autônoma, permitindo que esses leitores críticos fiquem menos sujeitos às suas sugestões, manipulações, etc. Segundo Kellner (2001, p. 10), “aprendendo a como ler e criticar a mídia, avaliando seus efeitos e resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominantes”.

A leitura crítica da mídia, conforme sugerido por Kellner, insere-se nos chamados Estudos Culturais, que advogam a ideia de que os produtos da indústria cultural carregam ideias e são também instrumentos políticos, ideológicos, de poder etc. Portanto, Kellner considera que essa análise crítica deve compreender

algumas das maneiras como a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo em que fornece instrumental para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta. Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputa no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutas através de imagens, discursos, mitos, e espetáculos veiculados pela mídia. (KELLNER, 2001, p. 10-11).

Por consideramos que o gibi fornece imagens e textos que podem contribuir com essa dominação ideológica, fortalecimento das relações de poder, a opressão, a dominação e a discriminação contra as pessoas do campo por meio de uma imagem estereotipada, consideramos necessário realizar esta análise crítica. Por isso, deparamo-nos com a pedagogia cultural que esses produtos possuem, ou seja, ele age como um meio educativo, mesmo que usado fora do ambiente escolar. Portanto, a metodologia pautada na leitura crítica da mídia considera que os produtos midiáticos têm uma pedagogia cultural, conforme desenvolvido pelos estudiosos dos estudos culturais.

Para problematizar as imagens transmitidas nesses gibis, este estudo tem por base os Estudos Culturais e as Pedagogias Culturais. Alguns autores como Douglas Kellner (2001, 2013), com as abordagens de cultura da mídia e leitura crítica da mídia, Stuart Hall (2016), com o conceito e definição de representação social, e Silva (2000a, 2000b, 2005) sobre as

pedagogias culturais e os Estudos Culturais e educação. Além desses autores, trabalhamos com Andrade e Costa (2015), que nos orientam a respeito das pedagogias culturais no cenário acadêmico brasileiro. Esses teóricos dão suporte para as reflexões trazidas no decorrer desta pesquisa, pois dialogam com o objeto de estudo.

Para auxiliar nesta análise crítica dos quadrinhos proposta pelos Estudos Culturais, tomamos como base alguns autores que trabalham com esse produto. Eisner (1989, 2005), que nos orienta sobre a arte sequencial e narrativas gráficas; McCloud (1995), que nos ajuda a compreender os quadrinhos como um livro em quadrinhos. Esse autor nos apresenta vários conceitos, como conclusão, sarjeta, ícones, etc, que dão suporte teórico para as análises. Além desses autores, utilizamos o historiador Fronza (2007, 2012), que analisa esses produtos como fontes históricas que possibilitam a reconstrução de narrativas históricas, ou seja, eles são considerados artefatos da cultura histórica de uma sociedade.

Para nos referir ao caipira e à relação entre campo e cidade, temos como base importantes autores, como Darcy Ribeiro (1995), que aborda questões relevantes sobre o caipira e suas lutas. Raymond Williams (1989), o fundador dos Estudos Culturais, nos dá um suporte extremamente valioso sobre o campo e a cidade; e Antonio Candido (2010) sobre a cultura do caipira e sobre o uso do termo “rústico”.

Esta dissertação está estruturada em cinco capítulos, sendo o primeiro teórico-metodológico. Deste primeiro capítulo, constam a fundamentação teórica, apontando alguns estudos já realizados; a contribuição de diversos autores; as informações sobre o objeto de estudo, sua relação com a educação e os aspectos metodológicos que amparam este estudo. Para compreender o conceito de gibi e história em quadrinhos e justificar o motivo de optarmos pelo uso do termo *gibi*, contamos com a colaboração de Carvalho (2006). Na busca de discutir a relação entre gibi e educação e sobre a pedagogia cultural que se faz nesses produtos, valemos das ideias de Vergueiro e Ramos (2009). Além disso, neste capítulo, usamos referências que nos orientam sobre a representação nos gibis e a importância de sua análise para atingir os objetivos deste estudo. Abordamos também o campo dos Estudos Culturais e cultura da mídia.

O segundo capítulo traz informações sobre o personagem Chico Bento, suas características e as mudanças nos traços dele, desde que foi criado. Além disso, o capítulo apresenta a nova versão do gibi, intitulada *Chico Bento Moço*, as características do personagem jovem bem como suas ambições e objetivos. São pontuados também os recortes utilizados para as análises, já que foi necessário optar pelas edições de números 1, 2, 5 e 7, que tratam da saída do jovem do campo para a cidade e sua inserção no Ensino Superior. Essas edições também mostram outras representações desse jovem, principalmente como trabalhador. Tais

representações nos chamam a atenção e, por isso, optamos por analisá-las.

Para as análises do terceiro capítulo, foram selecionados alguns recortes que contribuem para a discussão a respeito do estereótipo presente na fala, na roupa e na ingenuidade dos jovens do campo. As análises se dão por meio das experiências que mostram a saída desses jovens para a cidade e a relação deles com o campo. O tópico “*Saindo do campo: a relação dos personagens com o ambiente rural*” aponta as primeiras experiências de Chico Bento com o vestibular, as expectativas, os anseios, os medos e também a sua partida, que é marcada por despedidas e boas lembranças. O segundo, “*Chegando à cidade: dilemas e aprendizagens de um jovem camponês*”, aponta as dificuldades enfrentadas por Chico Bento nos primeiros dias e o preconceito e a discriminação sofrida ao chegar à cidade. Além disso, o capítulo é composto por um tópico sobre a aceitação e um outro sobre a adaptação do jovem camponês na cidade. Ambos mostram que o personagem sofreu muita discriminação e foi vítima de piada pelos colegas, por isso, teve de se adaptar à nova cultura, tendo de modificar seus hábitos, sua linguagem, seu comportamento e seu modo de ser e vestir.

Para o quarto capítulo, foram selecionados alguns quadrinhos, os quais nos permitiram o debate sobre as experiências do personagem com o ambiente educacional, sobretudo, sua chegada à universidade. Com essas análises, realizamos um debate a respeito dessa representação, com intuito de compreender a importância de acolher os jovens de diferentes lugares que chegam à universidade todos os anos e, principalmente, dialogar sobre o respeito à diversidade cultural brasileira. O capítulo também apresenta as dificuldades do jovem em compreender a linguagem dos professores na universidade, bem como os entraves enfrentados na relação com alguns colegas. Porém, aponta boas experiências que o jovem vivenciou como universitário.

O quarto capítulo trouxe algumas considerações sobre outras imagens do jovem do campo que se distanciam do famoso estereótipo do camponês preguiçoso e sem conhecimentos veiculado na mídia há anos, pois essa nova versão, em diversos momentos, apresenta o jovem do campo como um sonhador, trabalhador, esforçado, inteligente, astuto, criativo e disposto a ajudar sua família e os colegas, por isso, consideramos importante abordar também essa forma de representar esse jovem. As experiências do jovem se aproximam da minha experiência enquanto aluno e morador do campo, que precisei sair do campo em busca de Ensino Superior e de melhores condições de trabalho.

Para finalizar este estudo, descrevemos, nas considerações finais, alguns resultados obtidos com as análises, as quais permitiram a reflexão sobre a representação do jovem do campo nesse produto e o debate sobre o respeito à diversidade do campo brasileiro.

1 ASPECTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS: UMA RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO, GIBI E ESTUDOS CULTURAIS

Neste primeiro capítulo, faz-se necessário trazer as mais importantes informações teóricas e metodológicas que darão suporte para as análises da representação da juventude do campo, a partir do personagem Chico Bento¹, de Maurício de Sousa, comercializado em forma de gibi² a partir de 1961 e, principalmente, sua nova versão intitulada “*Chico Bento Moço*”³, lançada em 2013 pela Maurício de Sousa Produções em estilo mangá⁴, a qual retrata os jovens saindo do campo para a cidade em busca de Ensino Superior e melhores condições de vida fora do campo.

Além disso, abordaremos um estado da arte a respeito do gibi CBM, para que possamos nos inteirar das pesquisas já realizadas até o momento que envolvem o jovem do campo e sua ida para a cidade e universidade. Não consideramos necessário realizar um estado da arte da versão infantil desse gibi, uma vez que só a citamos no capítulo 2, no qual apresentaremos o personagem CB.

1.1 GIBI E HISTÓRIA EM QUADRINHOS: UM ENTENDIMENTO NECESSÁRIO

Há muito, leitores do mundo todo aprendem e se distraem com um produto atraente aos olhos por conter imagens e textos simples que facilitam a interpretação das ideias transmitidas, até mesmo para pessoas com outras condições de letramento ou aquelas que sequer têm o domínio da leitura. Essas revistinhas, gibis ou histórias em quadrinhos compõem rodas de leitura, bibliotecas, coleções, bancas, até mesmo são usadas como passatempo por pessoas de todas as idades.

Por isso, cabe-nos aqui, inicialmente, observar que são usados variados termos para fazer referência a esse produto. Entretanto, este estudo fará uso do termo *gibi*, expressão empregada apenas no Brasil.

¹ Doravante, CB.

² Gibi é um termo usado apenas no Brasil e tem relação com uma história em quadrinhos de muito sucesso no país. Por isso, trabalharemos com esse conceito e debateremos sobre o uso dele ao longo deste capítulo.

³ O termo “*Chico Bento Moço*”, que se refere ao gibi analisado, doravante será tratado pelo acrônimo CBM.

⁴ Segundo Carlos (2009, p. 6) “no Japão, Mangá significa História em Quadrinhos no geral, porém quando as HQs japonesas chegaram ao Ocidente, convencionou chamá-las como Mangá, ou seja, referindo-se aos quadrinhos nipônicos especificamente”. Algumas características que o diferencia de outras HQs é o fato de serem publicados em preto e branco, os traços que dão volume aos olhos dos personagens e a ordem da leitura que podem ser organizadas de trás para frente, lembrando que, ao chegarem no Ocidente, algumas produções perdem parte das características originais.

Segundo Carvalho (2006, p. 26), o termo *gibi* surgiu a partir do lançamento da revista intitulada *O Gibi*, criada por Roberto Marinho, em 1939, “cujo sucesso foi tanto que, ainda hoje, o nome da publicação é sinônimo de história em quadrinhos (originalmente, a palavra ‘gibi’ significa ‘moleque’ e refere-se ao menino negro, símbolo da revista)”. Isto posto, justifica-se que *gibi* é reconhecido nacionalmente como histórias em quadrinhos, inclusive, atualmente, o significado da palavra no dicionário da língua portuguesa passa a se referir como “revista em quadrinhos; revistas cuja narrativa se divide em partes menores e ilustradas”, apesar de o significado original ainda constar do dicionário como “moleque negro; negrinho”⁵.

Além disso, a escolha pelo uso do termo *gibi* justifica-se por analisarmos, neste estudo, um produto produzido no Brasil e por um cartunista brasileiro. As obras de Maurício de Sousa são sucesso nacional, e o termo *gibi*, inclusive, é utilizado também na página de sua editora. Evidente que a popularização do termo *gibi* se deu também pelo fato de a revista *O Gibi* ter sido lançada em forma de quadrinhos. Segundo Eisner (2005, p. 10), quadrinhos é “a disposição impressa de arte e balões em sequência”. Por isso, com o sucesso da revista em quadrinhos, gerou-se na cultura brasileira a ideia de que toda revista com formato semelhante àquela seria um *gibi*.

É notório que a palavra *gibi*, nesses 81 anos do lançamento feito por Roberto Marinho, perdeu seu significado de origem e passou a ter outro com sentido diferente. Por isso, acredita-se que a circulação desse produto no âmbito nacional é intensa, reconhecido e, conseqüentemente, um grande transmissor de informações e formador de opiniões. Para maior aprofundamento a respeito desse tipo de mídia, nos basearemos na teoria de Will Eisner sobre os quadrinhos e nas características do *gibi* lançado por Maurício de Sousa. Acredita-se que Eisner, por ser considerado um grande estudioso dos quadrinhos, contribuirá muito para as análises desta pesquisa, mas além desse autor, trabalharemos com os conceitos trazidos por McCloud (1995) e Fronza (2007, 2012). O conceito de quadrinhos aparentemente é bem compreendido pelo fato de terem como marca principal os quadros. A princípio, pensa-se que toda história escrita dentro de quadros é, portanto, uma história em quadrinhos, porém, além da definição de quadrinhos citada anteriormente por Eisner, deve-se atentar para um significado mais amplo do termo, já que o autor observa que não é apenas a presença dos quadros que caracteriza esse tipo de arte.

A função fundamental da arte dos quadrinhos (tira ou revista), que é comunicar ideias e/ou histórias por meio de palavras e figuras, envolve o movimento de certas imagens (tais

⁵ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gibi/>. Acesso em: 20 out. 2020.

como pessoas e coisas) no espaço. Para lidar com a captura ou encapsulamento desses eventos no fluxo da narrativa, eles devem ser decompostos em segmentos sequenciados. Esses segmentos são chamados quadrinhos. Eles não correspondem exatamente aos quadros cinematográficos (EISNER, 1989, p. 38).

Portanto, para Eisner, o que caracteriza uma história em quadrinhos é a arte de contar uma história em que a narração do artista envolve palavras, imagens e balões e deve ser feita em quadros e em sequência. Dito isso, um gibi, como definimos nesta pesquisa, é, nesse caso, um produto que apresenta histórias narradas em uma sequência de quadros com o objetivo de comunicar ideias e/ou histórias para o público.

Já McCloud (1995, p. 9) apresenta-nos uma definição de histórias em quadrinhos como “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou a produzir uma resposta no espectador”. Fronza (2007, p. 41) tem uma explicação interessante a respeito da definição de McCloud. Segundo o autor, “a expressão “imagens pictóricas e outras” se refere ao fato de que, no Ocidente, mesmo uma palavra escrita, apesar de não ser pictórica [...], não deixa de ser uma imagem, um elemento visual.” Portanto, essas imagens são utilizadas para transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador, como é o caso do gibi CBM que, ao nosso ver, transmite aos leitores muitas informações sobre as pessoas do campo e, ao mesmo tempo, produz respostas no espectador sobre a cultura e saberes dessas pessoas.

Para Eisner (2005, p. 7), o fato de as histórias em quadrinhos e os filmes empregarem textos e imagens ou diálogos os colocam como os principais contadores de histórias por meio de imagens. O autor afirma que, na segunda metade do século XX, com a proliferação do uso de imagens, a leitura visual passa a ser uma das habilidades obrigatórias para a comunicação, e as histórias em quadrinhos estão no centro desse fenômeno. Além disso, Fronza (2007, p. 34, 35) considera que “as palavras e as imagens contidas nas histórias em quadrinhos, por exemplo, estão sempre carregadas de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, permitindo-nos entender que elas são capazes de educar seus leitores por meio da linguagem visual e verbal.

O conteúdo simples e de fácil entendimento é um fator chamativo e primordial para esse tipo de produto. Sabe-se que um texto, quando é muito complexo, geralmente, não é interpretado ou simplesmente não é lido ou não agrada a maioria dos seus leitores. Os gibis, entretanto, têm características que evitam esse estresse do leitor, como ressalta Carvalho (2006, p. 46, 47) ao dizer que “toda história em quadrinhos trabalha com modelos míticos, isto é, (de maneira simplificada), com personagens que representam ideias e valores que nos ajudam a

entender e enfrentar o mundo por meio de suas aventuras”. Essa simplificação permite que um maior número de pessoas entenda o conteúdo exposto nesse produto e, quando se fala em conteúdo, é preciso lembrar que envolve tanto os textos quanto as imagens. O uso de imagens é o que torna o gibi um produto tão apreciado e de fácil entendimento, pois “os conceitos complexos tornam-se mais facilmente digeríveis quando são reduzidos a imagens” (EISNER, 2005, p. 9).

Em todas as edições do gibi *Chico Bento*, tanto na versão infantil quanto na jovem, são perceptíveis variadas características que facilitam a sua leitura e aumentam o interesse do leitor. As relações entre imagens e textos são bem utilizadas, a linguagem é simples, e esse misto de características atrai os olhares dos leitores para suas histórias. Essas histórias têm um objetivo e, mesmo que de maneira indireta, têm um papel educativo na sociedade. Eisner (2005, p. 11) diz que o ato de contar histórias faz parte do comportamento social dos grupos humanos antigos e modernos. Ele afirma que “as histórias são usadas para ensinar o comportamento dentro da comunidade, discutir morais e valores, ou para satisfazer curiosidades. Elas dramatizam relações sociais e os problemas de convívio, propaga ou extravasa fantasias. Contar uma história exige habilidade”.

Esse poder educativo das histórias é facilitado com o uso de imagens acompanhadas de textos ou vice-versa. Enquanto o ato de contar histórias oralmente exige habilidade para que esta seja bem compreendida, os gibis trazem esse conjunto em um único produto. Eisner (2005, p. 17) ainda diz que existem diferentes maneiras de se contar uma história, mas apesar de a tecnologia ter criado vários veículos de transmissão, “existem fundamentalmente duas grandes maneiras: palavras (oral ou escrita) ou imagens” e, às vezes, as duas estão combinadas, como é o caso dos gibis que usam as duas formas de linguagem.

1.2 GIBI E EDUCAÇÃO: UMA PEDAGOGIA CULTURAL

Estudos realizados até o momento apontam que os gibis são produtos da indústria cultural muito utilizados como material pedagógico nas escolas para auxiliar o processo de leitura dos alunos. Algumas pesquisas realizadas no Brasil trazem informações importantes a respeito dessa relação entre gibi e educação e o poder formativo desse produto. Fábio da Silva Paiva (2016), em sua tese de doutorado intitulada *Histórias em quadrinhos na educação: memórias resultados e dados*, apresenta os avanços e os resultados das histórias em quadrinhos na educação. O autor realizou uma pesquisa de coleta de dados em duas frentes de trabalho diferentes. Na primeira, recorreu a documentos oficiais do censo escolar brasileiro, buscando

por informações referentes ao uso e à presença de HQs nas salas de aula do país. A segunda foi feita junto aos educadores e educadoras que responderam a questionários. Um dos resultados obtidos por ele é “que as relações entre HQs e educação avançaram muito e que é perceptível que a atenção dos estudos acadêmicos e das iniciativas para aproximação dos quadrinhos das atividades educacionais é crescente” (PAIVA, 2016, p. 88). Outro ponto importante discutido por Paiva é que “há educação nos quadrinhos, por si só. Ler uma HQ é educação. As HQs que são ferramentas didático pedagógicas, auxílios para alcançar diferentes conteúdos, facilitadoras para apresentação de ideias, são também em sua própria existência, um processo educacional” (PAIVA, 2016, p. 89).

Dito isso, pode-se pensar que os gibis, no contexto brasileiro, são ferramentas utilizadas na educação escolar, porém, formam também um recurso pedagógico por si só, ou seja, o poder educativo desse produto ultrapassa os muros da escola. Entretanto, outras visões a respeito dos quadrinhos não consideram esse produto como um recurso pedagógico, como por exemplo, Fronza (2007, p. 47), que analisa esses produtos como fontes históricas, que possibilitam a reconstrução de narrativas históricas, ou seja, eles são considerados artefatos da cultura histórica de uma sociedade. Para esse autor, “o equilíbrio existente entre imagens e palavras é um dos elementos que determinam a especificidade das histórias em quadrinhos como fontes históricas”. Nesse caso, podemos pensar em quantas vezes os professores usam os gibis com outras finalidades. Entretanto, Fronza (2007, p. 55) considera que “é possível construir inferências e evidências históricas (ou conhecimento histórico elaborado) mesmo quando esses artefatos culturais não sejam utilizados como documentos”. Essa é uma questão que nos chama bastante atenção, pois muitas vezes, nas escolas, os gibis são usados como passatempo, leituras aleatórias ou complementares, mas não se pensa no que há dentro deles, nas histórias, nas representações etc. Mas, neste trabalho, temos um gibi como um produto da indústria cultural que educa seus leitores, até mesmo na hora do lazer, na hora de dormir, de brincar, nos recortes, nas colagens etc, ou seja, a representação das pessoas do campo que está nesse produto fornece para seus leitores a imagem de quem é a pessoa do campo. É nesse contexto que ocorre a pedagogia cultural, como definimos logo adiante.

Outra obra que traz respostas sobre essa relação é o livro *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*, de Vergueiro e Ramos (2009). Segundo os organizadores, o objetivo desse livro é ajudar o professor, o estudante ou o pesquisador a entender melhor a ligação que existe entre quadrinhos e educação e de que forma estes podem ser trabalhados em sala de aula. A respeito dessa relação, os organizadores firmam que “as histórias em quadrinhos em seus diferentes gêneros oferecem possibilidades diversas de aplicações no universo escolar em todos

os seus níveis. Também configuram prática de leitura desejável para todas as idades” (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 8). Portanto, nessa obra, os autores deixam claro que esses produtos estão diretamente ligados à educação e são considerados excelentes materiais pedagógicos, já que são apreciadas por públicos de diferentes idades.

No livro *A educação está no gibi*, de DJota Carvalho (2006), o autor mostra as possibilidades de utilização dos gibis em sala de aula, situa o leitor no mundo dos quadrinhos, apresenta suas peculiaridades e sua história, bem como a relação entre os gibis e a educação. Outro ponto interessante da obra está no capítulo 3, intitulado: “*Quadrinhos e educação: uma relação conturbada*”. Nesse capítulo, o autor faz uma comparação da utilização dos quadrinhos no Brasil e nos Estados Unidos. Ele exemplifica que Will Eisner, um dos maiores expoentes de quadrinhos de todos os tempos, utilizava os quadrinhos para ensinar. Segundo Carvalho (2006), Will Eisner foi contratado pelo Governo dos Estados Unidos para desenvolver quadrinhos instruindo soldados na utilização de equipamentos, no domínio de técnicas de higiene, entre outras atividades. Esse material foi utilizado pela facilidade de ser interpretado. Porém, o autor salienta que, aqui no Brasil, houve um período em que surgiram várias críticas formais contra as HQs, e isso fez com que essas historinhas fossem, por muitos anos, consideradas impróprias para ensinar, porém, destaca que atualmente são aceitas e consideradas importantes no processo de ensino e aprendizagem.

Portanto, pensando no fato de o gibi ser um artefato midiático capaz de ensinar dentro e fora da escola, esta pesquisa, com amparo dos estudos culturais, fará reflexões sobre o papel pedagógico desse produto por meio das representações, pois, até aqui, entende-se que os gibis, seja dentro ou fora da escola, ensinam alguma coisa. Segundo Silva (2005, p. 139), “sob a ótica dos Estudos Culturais, todo conhecimento, na medida em que se constitui, num sistema de significação, é cultural”. Essa ideia leva-nos a enxergar uma pedagogia cultural nas representações do gibi CB e CBM, já que ele tem ensinado sobre o que é ser jovem do campo e o que é ser morador ou moradora do campo. Além disso, Silva (2005, p. 139) complementa dizendo que, “tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também tem uma pedagogia, também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade”.

Sob a ótica dos estudos culturais, as palavras do autor nos mostram que a cultura é vista como uma pedagogia e que a pedagogia também é cultural. O autor tenta situar-nos nessa comparação entre os processos escolares e os não escolares que ensinam naturalmente. Nesse caso, apesar de o gibi ser utilizado na educação, ele se constitui como um produto da indústria cultural que se faz presente dentro das salas de aula, mas que executa seu processo de ensino

fora dela também, ou seja, ele é um sistema cultural extraescolar, mas também é utilizado dentro da escola, como é o caso de filmes, por exemplo, que são usados com finalidades pedagógicas. Na maioria das vezes, esses produtos não são feitos para essa finalidade, mas acabam tornando-se úteis pela carga de informações e de conteúdos que trazem. O que estamos fazendo aqui, portanto, é reconhecer o gibi como um produto capaz de educar e não apenas de entreter.

Em seus textos a respeito do currículo que envolve os diversos processos culturais, Silva (2005, p. 140) faz-nos perceber de forma clara a pedagogia existente neles. Segundo o autor, embora esses produtos não tenham um currículo explícito como os recursos escolares têm, e eles não tenham o objetivo de ensinar, é óbvio que ensinam alguma coisa, e esses conhecimentos são vitais na formação da identidade e da subjetividade. Na verdade, na visão desse autor, os produtos da indústria cultural podem ensinar tanto quanto os currículos escolares, apesar de se distinguirem, principalmente pelo fato de estes apresentarem-se de uma forma mais sedutora e irresistível. Apesar de não ser nosso objetivo discutir questões curriculares, faz-se necessário compreender o currículo que envolve esse produto e reconhecer a pedagogia cultural que se faz por meio dele. Além disso, o autor considera que

revoluções nos sistemas de informação e comunicação, como a internet, por exemplo, tornam cada vez mais problemáticas as separações e distinções entre o conhecimento cotidiano, o conhecimento da cultura de massa e o conhecimento escolar. É essa permeabilidade que é enfatizada pela perspectiva dos Estudos Culturais. A teoria curricular crítica vê tanto a indústria cultural quanto o currículo propriamente escolar como artefatos culturais. [...] A crítica curricular torna-se, assim, legitimamente, também crítica cultural. (SILVA, 2005, p. 141, 142).

Por isso, por considerar a questão educacional que envolve o gibi muito pertinente para esta pesquisa e por reconhecê-lo como um poderoso artefato cultural usado como recurso pedagógico direta ou indiretamente dentro e fora das escolas, fundamentamos as análises da representação dos jovens do campo nessa teoria da pedagogia cultural.

Mas qual a importância de reconhecer o papel pedagógico do gibi na formação da sociedade? E para que precisamos fazer essa análise crítica das representações? Ao basearmos-nos nos estudos culturais, pretendemos fazer o que Apple (1989) chama de “leitura da nossa formação social”. Segundo esse autor, o ato de ler nossa formação social de forma diferente, apesar de não ser fácil, é um ato criativo e, para ver como a sociedade realmente funciona, necessitamos dessa leitura que

requer que conscientemente coloquemos entre parêntesis aquilo que achamos

natural a respeito de como nossas escolas, a mídia, o governo e as instituições funcionam. Ao mesmo tempo, requer que identifiquemos como e sob que formas o poder desigual se manifesta. (APPLE, 1989, p. 13).

Sabe-se que as pessoas do campo são discriminadas e lutam há anos por direitos básicos. Existe uma desigualdade gritante entre o campo e a cidade que é frequentemente reforçada pela mídia. O que Apple alerta-nos é, justamente, o que se necessita fazer para entender as relações de poder que existem em nossa sociedade e, neste estudo em particular, entender de que formas o poder desigual se manifesta nas histórias de CB e quais os efeitos desse produto em nossa sociedade, principalmente na vida das pessoas do campo. Além disso, é necessário reconhecer o poder da cidade em relação ao campo e suas consequências.

A partir dessa ideia de que o gibi é uma fonte que educa e não apenas gera entretenimento e que existem diferentes lugares de ensino, trabalharemos com o conceito de pedagogia cultural para sustentar as análises a serem realizadas desse produto, no intuito de reconhecer o seu papel educacional, uma vez que é um produto de consumo e, ao mesmo tempo, veículo de informação social. Segundo o vocabulário crítico de teoria social da educação de Silva (2000b, p. 89), o termo pedagogia cultural designa

na nomenclatura de analistas como Shirley Steinberg e Henry Giroux, inspirada nos Estudos Culturais, qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido — em conexão com relações de poder — no processo de transmissão de atitudes e valores, tais como o cinema, a televisão, as revistas, os museus etc.

Neste caso, o significado do termo pedagogia cultural transborda às margens desta pesquisa, principalmente por entendermos que a representação das pessoas do campo e dos jovens que ali residem, por meio do personagem *Chico Bento*, apresenta uma visão de mundo a respeito dessa população que é capaz de transformar o pensamento dos leitores sobre a realidade do campo brasileiro. Entende-se que esse dispositivo cultural pode atropelar um campo onde há uma grande diversidade de culturas e identidades, representando um campo que é todo caipira e tido como intelectualmente inferior à cidade.

De acordo com Andrade e Costa (2015, p. 50), a expressão *pedagogias culturais* começou a circular no cenário acadêmico brasileiro há aproximadamente 20 anos e “tem se mostrado um dos conceitos mais produtivos acionados a partir do referencial teórico dos Estudos Culturais em seu cruzamento com a educação”. Portanto, seria inevitável realizar um diálogo a respeito das questões educacionais e pedagógicas que envolvem a representação no gibi, sem amparo das pedagogias culturais, sabendo-se que esse conceito, na visão de

Wortmann, Costa e Silveira (2015, p. 37), é “largamente utilizado para abordar a multiplicidade de processos educativos em curso, para além daqueles que têm lugar em instituições historicamente vinculadas a ações de educar (como é o caso da escola, da família, da igreja etc.)”. Por isso, a partir da abordagem das pedagogias culturais se pretende pensar sobre o uso do gibi na construção das identidades e subjetividades das pessoas, tanto dentro quanto fora da escola, ou seja, os efeitos dessa mídia como um dispositivo pedagógico na formação de uma sociedade que usufrui de diferentes produtos da indústria cultural, na maioria das vezes, sem reconhecer o seu poder de ensino.

Costa e Andrade (2015) constataram em suas pesquisas que os estudos sobre representação estão, de certa forma, atrelados ao conceito de pedagogias culturais. Como já mencionado no tópico sobre representações, entende-se que aprendemos diariamente por meio da representação em textos, imagens e sons que circulam por meio da mídia e, na opinião de Costa e Andrade (2015, p. 852), “é por meio da produção e circulação dessas representações que as pedagogias culturais operam”. Essa contribuição fortalece o estudo das representações dos jovens do campo por entender que as pedagogias culturais acontecem cotidianamente por meio dessas representações e que elas são distintivas para fortalecer a desigualdade entre campo e cidade, além de problematizar a vida nesses lugares.

Ao perceber o papel importante de uma história na sociedade e principalmente quando essa história vem acompanhada de imagens, é preciso refletir sobre os desfechos dela na vida das pessoas que são representadas nas informações explícitas e implícitas contidas no gibi. O ato de escutar uma história faz os ouvintes viajarem no mundo da imaginação, criarem e recriarem seus personagens por meio do que escutam. Porém, quando essas informações já vêm prontas, com formas e cores, há uma maior probabilidade de o poder de formação delas se manifestar nos leitores. É nessa junção entre os textos, as imagens e as informações que constam nos gibis que a pedagogia cultural se faz. Por isso, espera-se que as análises deste estudo levem ao exercício de pensar nos impactos desse produto na sociedade.

1.3 A REPRESENTAÇÃO NOS GIBIS E A IMPORTÂNCIA DE SUA ANÁLISE

Os gibis são produtos da indústria cultural muito apreciados e fazem parte, também, do processo de educação escolar no mundo todo, até mesmo antes da efetivação do processo de alfabetização, uma vez que sua linguagem transcende tanto a comunicação visual quanto verbal. Sabe-se que, em nosso cotidiano, são muito conhecidos como linguagens o sistema escrito e o sistema falado, mas igualmente, segundo Hall (2016, p. 37), são também linguagens “as

imagens visuais, sejam elas produzidas pela via manual, mecânica, eletrônica, digital, ou por outros meios quando usadas para expressar sentidos”. Pensando no fato de que os leitores, compreendendo ou não a linguagem escrita do gibi, já conseguem ler suas imagens, é possível que eles identifiquem alguns personagens apenas por suas características físicas representadas nesse produto, o que permite levá-los ao possível mundo do personagem.

De acordo com Eisner (2005, p. 7), na segunda metade do século 20, com o crescimento de uma tecnologia que exigia cada vez menos a habilidade de se ler um texto, as imagens ajudaram as palavras e, muitas vezes, até as substituíram. “A partir dessa mudança, a leitura visual se torna uma habilidade obrigatória para a comunicação neste século”. Levando em conta esse contexto, entende-se que os gibis se tornaram produtos de leitura importantes no século passado e, de certa forma, contaram aos leitores inúmeras histórias e ensinaram sobre diferentes realidades. O autor complementa afirmando que “em nossa cultura, os filmes e as revistas em quadrinhos são os principais contadores de histórias através de imagens” (EISNER, 2005, p. 7). Essa característica dos gibis chama a atenção dos leitores e lhes ensina muito a respeito das pessoas representadas pelos personagens. Por essa questão, a análise da representação das pessoas do campo se faz necessária a partir do momento em que esse produto transmite a ideia de um campo único e caipira.

Para que se compreenda o objetivo deste estudo ao analisar a representação dos jovens do campo, ancoramo-nos nas ideias de Stuart Hall (2016) que analisa criteriosamente a cultura e a representação. Esse teórico cultural e sociólogo britânico-jamaicano, que tem forte influência nos estudos culturais, apresenta-nos uma teoria sobre a força da representação por meio da linguagem para dar sentido às coisas. Além das ideias de Hall, trabalharemos com os conceitos de representação de Silva (2000), que aponta a visão filosófica clássica e a visão pós-estruturalista de representação, para que seja possível compreender o que, de fato, é uma representação. Esse último autor diz que o conceito de representação tem uma multiplicidade de significados. Segundo ele,

na história da filosofia ocidental a ideia de representação está ligada à busca de formas apropriadas de tornar o “real” presente - de apreendê-lo o mais fielmente possível por meio de sistemas de significação. Nessa história, a representação tem-se apresentado em suas duas dimensões - a representação externa, por meio de sistemas de signos como a pintura por exemplo ou a própria linguagem; e a representação interna ou mental - a representação do real na consciência. (SILVA, 2000, p. 90).

As duas dimensões apresentadas pelo autor mostram que a representação, segundo a

história da filosofia ocidental, está voltada para questões realistas e que esse processo de representar pode ser feito tanto pelos signos ou pela linguagem como pela própria imaginação. Mas além dessa ideia, o autor traz uma visão que questiona essa noção clássica de representação. Para Silva (2000, p. 90), o Pós-estruturalismo e a chamada filosofia da diferença por conceber a linguagem – e, por extensão, todo sistema de significação – como uma estrutura instável e indeterminada, questionam essa noção clássica de representação, mas apesar disso, “não impediu, que teóricos e teóricas ligados sobretudo aos Estudos Culturais como, por exemplo, Stuart Hall, recuperassem o conceito de representação desenvolvendo-o em conexão com uma teorização sobre a identidade e a diferença”. A partir dessas definições, chega-se a uma visão pós-estruturalista que concebe a representação como “marca ou traço visível, exterior”, assim como “um sistema de signos, como pura marca material”. Nessa concepção, portanto, a representação nunca é “mental ou interior” (SILVA, 2000, p. 90).

Por meio dessa visão, cabe-nos relacioná-la à representação nas duas versões do gibi CB por se tratar de um produto que representa as pessoas do campo em seus textos e imagens, muitas vezes por meio de uma linguagem visual e verbal carregada de estereótipos, representando um campo que é sempre de “paz e amor” como é mostrado nas histórias de CB e sua vida no campo, apresentados nos próximos capítulos. Além disso, entende-se que essa questão da representação é mais importante ainda quando falamos das relações de poder que ela impõe. Para Silva (2000, p. 91), “a representação não é simplesmente um meio transparente de expressão de algum suposto referente. Em vez disso, a representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido”. Isso faz da representação um sistema capaz de criar uma identidade, ditar regras, modificar ideias, transformar uma sociedade. Essa é uma questão crucial para esta pesquisa por entendermos que as teorias que sustentam os conceitos de representação se debruçam sobre o que tem sido feito nos gibis, por meio do personagem Chico Bento, seu modo de vestir, de falar, seu contexto de vida, sua relação com a natureza, com a cidade e com a escola. Essas questões mostram que os artefatos da mídia, nesse caso, o gibi, por meio da representação, tem poder na formação das identidades dos leitores.

Adentrando mais nessa discussão, adotaremos como suporte teórico as abordagens sobre a representação social de Stuart Hall. Segundo Ituassu (2016, p. 10), Hall obteve destaque acadêmico ao se fazer perguntas sobre o poder da mídia e das imagens em nossa vida e como elas nos ajudam a entender o funcionamento do mundo. Hall se perguntava “como essas imagens apresentam realidades, valores, identidades, e o que podem acarretar, isto é, quem ganha e quem perde com elas, quem ascende, quem descende, quem é incluído e quem é

excluído”. A partir desses questionamentos do autor, deu-se início aos estudos sobre o que essas imagens que circulam na mídia representam na sociedade.

Como veremos no próximo capítulo, o personagem Chico Bento é do interior paulista. Ao analisar esse personagem tão querido pelos apreciadores de quadrinhos nacionais, nota-se uma representação de camponês, mais especificamente, caipira. Por isso, acreditamos que essa representação envolve uma questão histórica e cultural sobre o camponês dessa região. Mas o que significa ser caipira? Qual é a imagem que a sociedade tem de um caipira? Por que associam a imagem do caipira a todas as pessoas que moram no campo? Qual seria o sentido de camponês gerado pela linguagem do gibi Chico Bento? Candido (2010) nos ajuda a compreender o que levou a essa denominação, considerando a naturalidade do personagem:

Da expansão geográfica dos paulistas, nos séculos XVI, XVII e XVIII, resultou não apenas incorporação de território às terras da Coroa portuguesa na América, mas a definição de certos tipos de cultura e vida social, condicionados em grande parte por aquele grande fenômeno de mobilidade. Não cabe analisar aqui o seu sentido histórico, nem traçar o seu panorama geral. Basta assinalar que em certas porções do grande território devassado pelas bandeiras e entradas — já denominado significativamente Paulistânia — as características iniciais do vicentino se desdobraram numa variedade subcultura do tronco português, que se pode chamar de “cultura caipira”. (CANDIDO, 2010, p. 43).

Por isso, o autor entende que a cultura do campo, considerada uma subcultura do tronco português com a expansão geográfica dos paulistas, passa a ser chamada de cultura caipira. Porém, esses caipiras lutaram contra o Estado e sofreram inúmeras consequências por isso. Sobre essa luta do caipira, Ribeiro (1995) tem contribuições importantes. As informações trazidas por ele apontam que

propriedades pulverizadas por efeito de heranças sucessivas de famílias extensas se reconstituem por compra das parcelas de exploração inviável. Entram em ação os demarcadores de glebas a se fazerem pagar em terras pelos que não têm dinheiro. Multiplicam-se os grileiros, subordinando juízes e recrutando as forças policiais das vilas para desalojar famílias caipiras, declaradas invasoras de terras em que sempre viveram. Postas fora da lei e submetidas a perseguição policial, elas são finalmente escorraçadas das terras à medida que sua exploração comercial se torna viável (RIBEIRO, 1995, p. 386).

A partir dessas informações, é possível compreender que os trabalhadores do campo lutaram e lutam há muitos anos por um pedaço de terra, pela sobrevivência, pela oportunidade e, principalmente, pelos seus direitos. Não poderíamos deixar de ressaltar a luta histórica e

diária dessas pessoas, que até hoje, com apoio dos movimentos sociais do campo, lutam para que os “caipiras” sejam retribuídos por todo estrago causado pelo Estado. Não iremos nos aprofundar nesse assunto, mas consideramos importante pensar nessas pessoas, que nesse gibi são representadas pelo personagem CB e sua família. Mas não precisamos ir muito além, sabemos quais características tem essa “cultura caipira”, pois, há anos, ela vem sendo usada pela mídia como espetáculo e comédia que visam apenas ao lucro. Porém, infelizmente, o lucro traz consigo a ridicularização dessas pessoas representadas, até hoje, como pessoas pobres, sem conhecimento e fora do padrão eurocêntrico de sociedade.

Por meio da linguagem dos quadrinhos, a sociedade contemporânea passa a ter uma concepção das pessoas do campo. Na verdade, Hall usa um exemplo fácil que nos ajuda a entender esse processo de representação e produção de significados e conceitos por meio da linguagem. Segundo Hall (2016, p. 34), se você bota em cima da mesa um copo que estava segurando e sai do recinto, você ainda pode pensar no copo, muito embora ele não esteja mais fisicamente presente. Na verdade, você não pode pensar com o copo; você só pode pensar com o *conceito de copo*. Nesse caso, não é possível falar com o copo real, só podemos falar utilizando a palavra *copo*, que é um signo linguístico utilizado para nos referirmos a objetos que usamos para beber água. Para o autor,

aqui é onde a representação aparece: ela é a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem. É a conexão entre conceitos e linguagem que permite nos referirmos ao mundo real dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios. (HALL, 2016, p. 34).

Percebe-se, portanto, que a representação é a produção de sentido pela linguagem e, no caso do conceito de caipira relacionado ao campo, pode ter influência pela linguagem usada ao representar essas pessoas no gibi, ou seja, estudar a representação do caipira no gibi significa compreender que elementos da linguagem dos quadrinhos são acionados para criar uma “imagem” caipira. A imagem formada em nossa mente trata-se do que pensamos sobre as pessoas do campo, mas que é formada por uma linguagem visual, escrita ou falada com a qual tivemos contato em algum lugar ou por meio da mídia, por exemplo. A partir do momento que usamos esse conceito para nos referir a essas pessoas, estamos fazendo uma representação delas ou simplesmente projetando uma dada representação nelas. Portanto, para Hall (2016, p. 31), a “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura”.

No caso da representação no gibi CB que fala sobre a realidade do meio rural, é

importante pensar que a linguagem visual e a linguagem verbal auxiliam os leitores na criação de um conceito único de camponês inclusive sobre sua forma de falar, levando em consideração que não há outro personagem criado por Maurício de Sousa que represente outras formas de vida no campo. Horn (2010, p. 204) diz que a imagem de CB (infantil) ensina um modo de ser rural e, segundo ela, “essa não variação, a não disposição de outras formas de ser rural acaba se tornando uma espécie de padrão, de modelo verdadeiro”, fazendo com que as pessoas criem e recriem esse estereótipo da pessoa do campo. Isso, com certeza, não permite que a cultura do campo seja reconhecida como plural, pelo contrário, é vista como se as pessoas pensassem e fizessem as mesmas coisas por morarem fora da cidade e, apesar da certeza de que nem na cidade as pessoas pensam e fazem as mesmas coisas, a visão que se tem do campo parece ser diferente. Para complementar esse pensamento, consideramos fazer uso das palavras de Williams (1989) que nos comprova a diversidade do campo:

A “forma de vida campestre” engloba as mais diversas práticas — de caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais —, e sua organização varia da tribo ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifúndios e *plantations* às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais. (WILLIAMS, 1989, p. 11).

Após essas considerações, voltamos nosso olhar para a diversidade do campo e acreditamos que estereotipar a imagem das pessoas do campo é menosprezar a grande diversidade de culturas que existe nele.

Voltando ao pensamento de Horn (2010, p. 197), ela traz para debate o fato de essas representações estarem “na maioria dos artefatos visuais e sua repetição nos leva a crer que as coisas são apenas dessa forma e que, na maioria das vezes, essas convenções repercutem e engendram um padrão que é bastante difundido e aceito”. A partir disso, precisa-se refletir sobre o papel dessa representação na construção da imagem das pessoas do campo e como ela tem influenciado a exploração dessa imagem pela mídia para obter lucro, como é o caso desse gibi que será analisado. O mesmo que foi lançado nos anos 1960 e até hoje faz sucesso nas bancas do Brasil, provavelmente, teve influência na construção desse estereótipo. Mais importante ainda é ressaltar as experiências de CBM na cidade e na universidade, que mostram as possíveis consequências sofridas por essa população quando decide viver na cidade.

1.4 ESTUDOS CULTURAIS: UM COMPROMISSO COM POPULAÇÕES EM DESVANTAGEM

Para que seja possível fazer uma análise crítica da representação dos jovens e das pessoas do campo no gibi CBM e por considerá-lo um produto da indústria cultural muito apreciado, é importante ancorar-se nos Estudos Culturais como campo de investigação, pois estes “estão comprometidos com o estudo de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade” (SILVA, 1995, p.13, citado por NELSON; TREICHLER e GROSSBERG, 2013), e tal comprometimento dos estudos culturais nos ampara nesta pesquisa, possibilitando-nos um estudo crítico, porém, com respeito às pessoas do campo e à diversidade cultural existente nele.

Segundo o filósofo norte-americano Douglas Kellner (2001, p. 47), “os estudos culturais britânicos surgiram nos anos 1960 como um projeto de abordagem da cultura a partir de perspectivas críticas e multidisciplinares”. Esses estudos foram instituídos na Inglaterra pelo Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham. A partir daí, iniciaram-se os estudos sobre a cultura que se disseminaram por diversos países. Conforme Silva (2005, p. 131) aponta, “o impulso inicial do Centro partia de um questionamento da compreensão de cultura dominante na crítica literária britânica”. Segundo esse autor, ao citar a obra de F. R. Leavis, a cultura era privilégio de um grupo restrito de pessoas, era exclusiva das grandes obras da literatura e das artes em geral, além disso, ressalta que havia uma incompatibilidade entre cultura e democracia.

Essa concepção de cultura foi contestada por grandes nomes dos estudos culturais. Um deles foi Raymond Williams, na obra *Culture and society*, publicada em 1958, e em livros posteriores, nos quais desenvolveu uma concepção de cultura que deu ao Centro as bases de sua teorização e metodologia. Conforme cita Silva (2005, p. 131), “para Williams, em contraste com a tradição literária britânica, a cultura deveria ser entendida como o modo de vida global de uma sociedade, como a experiência vivida de qualquer agrupamento humano”. A partir dessa concepção, a cultura foi entendida sem a separação entre as grandes obras e as diversas outras produzidas por grupos supostamente inferiores. Na verdade, a princípio, os estudos do Centro concentraram-se nas culturas urbanas ou subculturas. Silva (2005, p. 133) ainda complementa que a cultura, além disso, “é vista como um campo relativamente autônomo da vida social, como um campo que tem uma dinâmica, que é, em certa medida, independente de outras esferas que poderiam ser consideradas determinantes”. Nesse caso, os estudos culturais entendem que a cultura se faz em todos os espaços e em todos os grupos sociais, inclusive naqueles mais distantes dos centros urbanos, os mais subordinados e vistos como inferiores, como é o caso do meio rural, que mesmo não tendo muitos de seus saberes reconhecidos cientificamente, são produtores de cultura.

Outra questão importante em relação à cultura para esse campo de estudos é que eles a concebem como um campo de luta em torno dos significados sociais produzidos e a relação de poder que a envolve. Sobre isso, Silva (2005, p. 133, 134) ressalta que “a cultura é um campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferentes de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla”, e essas lutas podem acarretar em discriminação, racismo, preconceito, subordinação, entre outros prejuízos para determinados grupos. As histórias de CBM vão mostrar situações de constrangimento e preconceito sofridos pelo personagem pelo fato de ele ser um camponês. Na realidade, a situação não parece ser diferente, a cultura do campo vista como inferior é escancarada na mídia que tem intenções lucrativas com a representação desse estereótipo caipira. Os estudos culturais, portanto, estão preocupados com essas relações de poder que definem o campo cultural, por isso, serão importantes neste estudo para pensarmos nesse processo de construção social por meio do gibi a respeito das pessoas do campo e as possíveis consequências disso na vida dos jovens que saem do campo e vão para a cidade.

É de suma importância compreender que esse campo metodológico abre espaço para uma discussão que não se prende em uma disciplina, uma vez que eles “constituem um campo interdisciplinar, transdisciplinar e algumas vezes contradisciplinar que atua na tensão entre suas tendências para abranger tanto uma concepção ampla antropológica, de cultura quanto uma concepção estreitamente humanística de cultura” (NELSON; TREICHLER; GRASSBERG, 2013, p. 12).

Sendo assim, os Estudos Culturais vão além de uma análise pré-formada: eles alargam os caminhos para que se compreenda uma determinada realidade e facilitam o entendimento do processo de formação cultural de uma sociedade. Além disso, os estudos culturais se distinguem das disciplinas acadêmicas tradicionais pelo seu envolvimento explicitamente político. Segundo Silva (2005, p. 134),

as análises feitas nos Estudos Culturais não pretendem nunca ser neutras ou imparciais. Na crítica que fazem das relações de poder numa situação cultural ou social determinada, os Estudos Culturais tomam claramente o partido dos grupos em desvantagem nessas relações.

Devido ao forte interesse e compromisso com populações sem poder, os estudos culturais fazem tanto sentido para esta pesquisa. Um fato interessante abordado por Nelson, Treichler e Grassberg (2013, p. 26) sobre Williams e Hoggart, figuras centrais na criação desses estudos, é que “vieram de famílias operárias e estiveram, na verdade, entre os/as primeiros/as

estudantes de classe operária a obter acesso às instituições de elite da educação universitária britânica”. Esse detalhe, que talvez passe despercebido, é extremamente reconhecido por esta pesquisa, já que se relaciona com a realidade na qual se baseiam os objetivos deste estudo. Os textos desses estudiosos foram importantíssimos para a formação e disseminação desse campo de estudos assim como, hoje, ajudam-nos a analisar as diferentes realidades sociais e culturais em nossa sociedade.

1.5 A CULTURA DA MÍDIA: O PERIGO DAS REPRESENTAÇÕES OPRESSIVAS CAMUFLADAS DE ESPETÁCULO

Estudos já realizados mostram-nos que a cultura do campo geralmente foi vista pelas pessoas como inferior, até mesmo pelos próprios moradores do campo que pelo fato de a vida na cidade ser mais moderna, atribuem à modernidade um juízo de valor de superioridade. Sabe-se, também, que essa população foi por muito tempo subalternizada e até hoje é desfavorecida de muitos direitos. No processo de colonização, fomos submetidos a um sistema de dominação econômica, cultural e política que acarretara inúmeros prejuízos à nossa população, principalmente às mais pobres e afastadas da cidade. Ao nos basearmos nos Estudos Pós-Coloniais, percebemos que, no processo de colonização, fomos submetidos a um sistema de dominação econômica, cultural e política que acarretara inúmeros prejuízos à nossa população, principalmente aquelas das áreas rurais. A partir da dominação dos grupos hegemônicos sobre outros grupos, inicia-se um processo de luta e resistência como reação a esse movimento. Os indígenas que habitavam o território brasileiro lutaram contra essa opressão. Ribeiro (1995, p. 49) ressalta que, “frente à invasão europeia, os índios defenderam até o limite possível seu modo de ser e de viver.” Por isso, acreditamos que o preconceito vivido pelos camponeses até os dias atuais seja herança desse período, quando foram silenciados e subalternizados, quando foram vistos como inferiores para facilitar o processo de dominação.

Além disso, acreditamos que a discriminação contra a população do campo possa ter aumentado por meio da representação estereotipada nos produtos da indústria cultural. Em todas as edições do gibi *Chico Bento*, por exemplo, é apresentada ao público leitor uma distância cultural exorbitante entre as pessoas do campo e da cidade, e essa diferença infelizmente mostra a cultura citadina muito superior à do campo ou simplesmente como a certa. Kellner (2001, p. 9) alerta-nos sobre os vários meios de comunicação que “fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente”, e entre esses meios de comunicação que são produtos da indústria cultural, ele cita as histórias em

quadrinhos. O autor compreende que “a cultura veiculada pela mídia fornece o material que cria as identidades pelas quais os indivíduos se inserem nas sociedades tecnocapitalistas contemporâneas, produzindo uma nova forma de cultura global”.

Os gibis que serão analisados, portanto, assim como a TV, o rádio, o cinema entre outros, têm uma questão cultural e política que os envolve, pois carregam em seus quadrinhos conteúdos informativos sobre diferentes estilos de vida e, muitas vezes, dita qual é o adequado ou o inadequado. Mas precisa-se pensar nessas questões com criticidade. Para Kellner (2001, p. 11), “a cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades e capacidades de fala, ação e criatividade”, e a cultura da mídia também tem essas mesmas características, além de “moldar a vida diária, influenciando o modo como as pessoas pensam e se comportam, como se veem e veem os outros e como constroem sua própria identidade” (p. 10). No entanto, se a cultura da mídia tem modelado os indivíduos e influenciado seus modos de pensar e agir, afirmando quem tem poder e quem não tem, induzindo os indivíduos a identificar-se com a cultura dominante, como seria possível um produto da indústria cultural fazer tanto sucesso por anos consecutivos? Esse é um ponto chave para os estudos de Kellner de modo que responde a esse questionamento. Para Kellner (2001, p. 11), uma coisa é clara, “o entretenimento oferecido por esses meios frequentemente é agradabilíssimo e utiliza instrumentos visuais e auditivos, usando o espetáculo para seduzir o público e levá-lo a identificar-se com certas opiniões, atitudes, sentimentos e disposições”.

Esse olhar do filósofo auxilia-nos a pensar o que o personagem CB pode esconder atrás da imagem alegre e descontraída. Esse detalhe leva-nos a lembrar também de muitos personagens do campo representados pelas novelas, filmes, programas de comédia, etc, como o de *Jeca Tatu*, do livro de Monteiro Lobato, o *Nerso da Capitinga*, do programa televisivo “*Escolinha do professor Raimundo*”, o *Jeca Gay*, um caipira homossexual do também televisivo programa “*A Praça é Nossa*”, *Os caipiras*, igualmente personagens desse programa, os irmãos *Mirna e Crispim*, da telenovela “*Alma Gêmea*”, entre tantas outras figuras que divertem o público por meio da imagem estereotipada da pessoa do campo.

A representação dessas pessoas quase sempre fora ridicularizada, a mídia majoritariamente usou a imagem da pessoa do campo como o sujo, desdentado, preguiçoso, sem cultura, sem educação, sem modos. O caipira tornou-se um símbolo do campo como se fosse uma figura do folclore, inclusive faz parte das tradicionais festas juninas, nas quais o caipira torna-se uma fantasia. Pintam-se os dentes e as sobrancelhas grossas, rasgam-se as roupas ou costuram-se os remendos, colocam-se os chapéus de palha, as botinas e caem na farra. Mas esse estereótipo revela muito mais do que se possa imaginar e, com certeza, essas

observações aparecerão no decorrer das análises que serão feitas posteriormente a respeito dessa representação no gibi.

A teoria sobre cultura da mídia de Kellner é tão importante quanto necessária atualmente e para este estudo. O próprio autor mostra-nos a importância de ter acesso a informações críticas sobre a mídia. Segundo ele, “aprendendo como ler e criticar a mídia, resistindo à sua manipulação, os indivíduos poderão fortalecer-se em relação à mídia e à cultura dominantes” (KELLNER, 2001, p.10). Com isso em mente, busca-se fazer uma leitura crítica das imagens que representam as pessoas do campo com intuito de trazer para o debate informações fundamentadas sobre a importância do gibi CB e CBM como formadores de opiniões, principalmente a respeito da cultura do campo e das juventudes que vivem nessas localidades. Ao citarmos a leitura crítica de imagens, precisa-se reconhecer que os gibis, por apresentarem uma linguagem visual atrativa com variadas imagens e cores, são apreciados por crianças que ainda não concluíram o processo de alfabetização, dando a elas a oportunidade de ler apenas as imagens, que podem ser estereotipadas ou não. Portanto, é preciso pensar na importância de ler imagens, tanto para crianças quanto para adultos. Nesta pesquisa, a leitura de imagens será fundamental para que seja possível analisar criticamente as representações dos jovens nesse produto. A respeito disso, Kellner (2013, p. 106) afirma que “ler imagens criticamente implica aprender como apreciar, decodificar e interpretar imagens, analisando tanto a forma como elas são construídas e operam em nossas vidas quanto o conteúdo que elas comunicam entre situações concretas”. Essa concepção nos permite uma análise dos principais pontos que podem enaltecer a vida no campo ou que podem acarretar preconceitos contra essas pessoas.

Por fim, Kellner (2001, p. 83) ressalta que “as teorias críticas tentam contribuir para a prática, e o estudo cultural crítico procura conferir poder aos indivíduos ao lhes dar ferramentas para criticar as formas culturais, as imagens, as narrativas e os gêneros dominantes”, ou seja, em tempos de disseminação da mídia e intenso fluxo de informações, é importante que esses estudos sejam praticados e difundidos cada vez mais, para que se alcancem os resultados esperados. O autor ainda ressalta:

Quando as pessoas aprenderem a perceber o modo como a cultura da mídia transmite representações opressivas de classe, raça, sexo, sexualidade, etc. capazes de influenciar pensamentos e comportamentos, são capazes de manter uma distância crítica em relação às obras da cultura da mídia e assim adquirir poder sobre a cultura em que vivem. Tal aquisição de poder pode ajudar a promover um questionamento mais geral da organização da sociedade e ajudar a induzir os indivíduos a participarem de movimentos políticos radicais que lutem pela transformação social. (KELLNER, 2001, p. 83).

O que nos foi apresentado por essa citação resume a importância dos estudos de Kellner sobre a cultura da mídia para esta pesquisa e para o atual contexto. O papel dos estudos culturais para entendermos a cultura da mídia e as representações transmitidas por ela é de extrema importância e nos faz compreender o poder da indústria cultural na transformação da sociedade. Isso ocorre principalmente no que diz respeito à construção social da juventude do campo por meio do gibi CBM, a partir do entendimento de que esse produto constrói uma determinada imagem do que é ser jovem do campo no século XX e, além disso, ensina-nos como buscar meios de lutar pela transformação social.

1.6 ESTADO DA ARTE: CHICO BENTO MOÇO

Para que seja possível uma melhor discussão a respeito da nova versão de “*Chico Bento Moço*” e as discussões de pesquisas já realizadas com esse produto, várias buscas foram realizadas em bancos de dados. Encontramos alguns estudos que foram feitos com essa nova versão do gibi. O primeiro, é o 14º capítulo do livro “*Linguística, letras e artes: culturas e identidades*”, organizado por Tonelli e Souza (2021). O capítulo, intitulado “*A construção da subjetividade nas representações do sujeito do campo em Chico Bento Moço: uma abordagem discursiva*”, das autoras Azevedo e Alvarez (2021), tem como objetivo discutir os modos de discursivização do personagem Chico Bento Moço. Os resultados das análises realizadas por Azevedo e Alvarez (2021, p. 163), apontaram que

as formas de discursivização do homem do campo reproduzem estereótipos que indicam um estranhamento, e uma diferenciação entre homem do campo e homem urbano, opondo características identitárias a estes dois grupos sociais.

Portanto, podemos perceber que as autoras compreendem a linguagem usada por Chico Bento como meio de diferenciar a pessoa do campo e da cidade, permitindo também que esses estereótipos causem estranhamento às pessoas que o escutam. Além disso, as autoras compreendem que o personagem Chico Bento, muitas vezes, é usado nas escolas para trabalhar as variações linguísticas. Entretanto, consideram importante avaliar que não são representações fiéis das variedades linguísticas que eles supostamente veiculam. Por meio das análises, as autoras concluíram que, de um modo geral,

as imagens e as falas dos personagens com os quais Chico convive nessa nova realidade, discursivizam o homem do campo como alguém com dificuldade

de se adaptar à cidade, um ser estranho, desconectado do espaço urbano (AZEVEDO; ALVAREZ, 2021, p. 173).

Portanto, Azevedo e Alvarez reconhecem que o personagem Chico Bento, mesmo sendo representado por meio de uma imagem mais moderna, ainda apresenta características que o diferencia do jovem da cidade. Concluíram também que há certa estranheza nessa representação, principalmente por enfatizar tamanha dificuldade de se adaptar à cidade.

Outro trabalho encontrado nos canais digitais foi a Dissertação de Mestrado da pesquisadora Illa Pires de Azevedo (2016), intitulada “*Da vila aboborinha para nova esperança: a construção discursiva do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento*”. A pesquisa está inserida no âmbito dos estudos discursivos e teve como objetivo principal investigar como se constrói, pelo discurso, a imagem do homem do campo nas histórias em quadrinhos de Chico Bento e Chico Bento Moço. Para Azevedo (2016, p. 94), os gestos de leitura realizados permitiram observar que o sujeito morador da cidade, ao enunciar, estava sempre inscrito em uma formação discursiva predominante que concebia o homem do campo como ingênuo, bobo, atrasado no que se refere aos avanços da cidade. Essa conclusão da pesquisadora se assemelha à ideia trazida na obra citada anteriormente, a qual considera que a representação diferencia a pessoa do campo e da cidade. Para Azevedo (2016, p. 94),

a construção da imagem do morador do campo baseada em imaginários sociodiscursivos já cristalizados fez-se notar durante o estudo. Tais imagens aproximam-se sobremaneira de outros personagens caipiras criados ao longo da história, como Jeca Tatu, de Monteiro Lobato – o que evidencia a ligação dessas construções ao interdiscurso, isto é, ao que já foi dito sobre o homem do campo.

Foi possível perceber que as imagens usadas pelos gibis se aproximam daquelas que são conhecidas ao longo da história. Essa visão de Azevedo permitiu a reflexão sobre a permanência da representação da pessoa do campo como o atrasado ou inferior, no que diz respeito ao discurso usado no gibi. A partir das análises realizadas no decorrer do estudo, Azevedo (2016, p. 94) considerou que a construção discursiva do homem do campo nessas histórias em quadrinhos é representada, de forma recorrente, como:

trabalhador rural, responsável, religioso, simples, que desconhece a cultura da cidade, bem como possui certa aversão a ela. Tal imagem é construída através das próprias relações e interações sociais, sendo modificada a partir das próprias mudanças históricas e culturais de uma dada época e local.

Por meio dessas análises, a pesquisadora nos mostra que a representação da pessoa do campo nesses produtos permanece usando a velha imagem do camponês que circula na mídia há anos. Com essas palavras, pensaremos também a respeito das representações do jovem do campo na cidade e na universidade, levando em consideração que as pesquisas que mostram as questões discursivas apontam essa disparidade entre campo e cidade.

O terceiro trabalho que contribui com discussões envolvendo a nova versão desse gibi é o artigo de Souza e Santos (2018), intitulado “*Urbanização e monitoração estilística: a variação linguística e as representações da fala caipira nas histórias em quadrinhos*”. O artigo aborda questões relevantes sobre o personagem Chico Bento infantil e o jovem. A intenção dos pesquisadores foi lançar um novo olhar sobre a fala do caipira, a partir dos contínuos da urbanização e da monitoração estilística propostos por Bortoni-Ricardo (2004, 2011).

Mediante os estudos realizados, Souza e Santos (2018, p. 2857) verificaram que

situar o personagem Chico Bento no contínuo de urbanização fez-nos refletir sobre o discurso que a gramática normativa sustenta sobre a língua ideal, legítima, ou seja, aquela que prioriza o linguajar “correto”. Nessa perspectiva, as estruturas que não seguem esse padrão carregam o estigma de língua desprestigiada e “estropiada”, sobretudo, materializada nas culturas de oralidade das comunidades rurais.

Portanto, os pesquisadores consideram que a linguagem utilizada por Chico Bento, sob a visão da gramática normativa, é considerada errada. Por isso, acreditam que a linguagem desse personagem é utilizada como forma de ressaltar a diferença, o erro e a distância do padrão aceito pela sociedade.

Por último, nos deparamos com o artigo de Silva, Souza e Gomes (2014), intitulado “*As aventuras de um caipira na cidade grande: observações sobre chico bento, de Maurício de Sousa*”. Este estudo se assemelha com nossa pesquisa, por abordar questões que também nos propomos analisar. O artigo trata sobre a inclusão social de Chico Bento na cidade grande, bem como leva a reflexões sobre as variedades linguísticas estigmatizadas que não são reconhecidas como válidas por grande parte dos falantes urbanos mais letrados, mostrando os possíveis desafios enfrentados pela maioria das pessoas que saem do campo para estudar na “cidade de concreto”. Para Silva, Souza e Gomes (2014, p. 657), “Chico Bento representa com louvor uma classe estereotipada e estigmatizada pelo grande grupo da sociedade, tendo que provar a cada instante a que veio e para que veio”. Além da luta em ter que provar sua capacidade de viver na cidade, a pesquisa apresenta outros diversos problemas enfrentados pelo jovem no ambiente

urbano. Na mesma página, os pesquisadores escrevem que Chico Bento pode ser considerado “o herói dos quadrinhos de Maurício de Sousa”, pois o personagem que “representa a classe estigmatizada, conheceu a sociedade democrática e acima de tudo capitalista e teve que se adaptar à nova rotina, o que não é fácil para as pessoas, pois o novo sempre assusta.” Portanto, os pesquisadores reconhecem como plausível o personagem ser representado por meio da imagem de alguém que supera os desafios para atingir seus objetivos. Além disso, eles acreditam que algumas mudanças positivas têm ocorrido a partir dessa nova forma de representar a pessoa do campo.

No Brasil, a língua portuguesa é uma unidade que se constitui de muitas variedades dialetais, sendo necessário uma reflexão no repertório linguístico da população, pois há muito preconceito no modo de falar e é comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio social como inferiores ou erradas. Mas acreditamos que todo esse processo de reflexão está caminhando, de forma lenta, mas contínua (SILVA; SOUZA; GOMES, 2014, p. 657).

A partir do pensamento desses pesquisadores, podemos perceber que a linguagem permanece sendo questionada, investigada e, principalmente, motivo de reflexões importantes sobre as pessoas do campo. Como vimos nessa última citação, os pesquisadores acreditam que esse processo de reflexão sobre a língua portuguesa e a variedade linguística do Brasil está caminhando de forma lenta, porém sinaliza um avanço.

Por meio dessas pesquisas, foi possível compreender que, mesmo com as mudanças na representação do jovem do campo, existem questões que continuam sendo utilizadas para minimizar as culturas caipiras, suas linguagens, seus saberes etc. Portanto, se faz necessário analisar criticamente as imagens transmitidas por esse produto midiático que está presente no cotidiano de milhares de estudantes e não-estudantes. A partir das próximas análises, pretendemos dialogar sobre as diversas formas de representar o jovem do campo ao chegar na cidade, e quais imagens podem sinalizar mudanças positivas nessa representação.

2 APRESENTANDO CHICO BENTO

Neste capítulo, abordaremos todas as informações pertinentes sobre o personagem Chico Bento e sua nova versão. Apontaremos suas características físicas, as mudanças ocorridas nos traços e as diferenças entre o personagem infantil e o jovem. Além disso, abordaremos questões relevantes sobre as diferenças entre campo e cidade, bem como as famílias que são consideradas do campo. Traremos também os recortes escolhidos para as análises dos próximos capítulos.

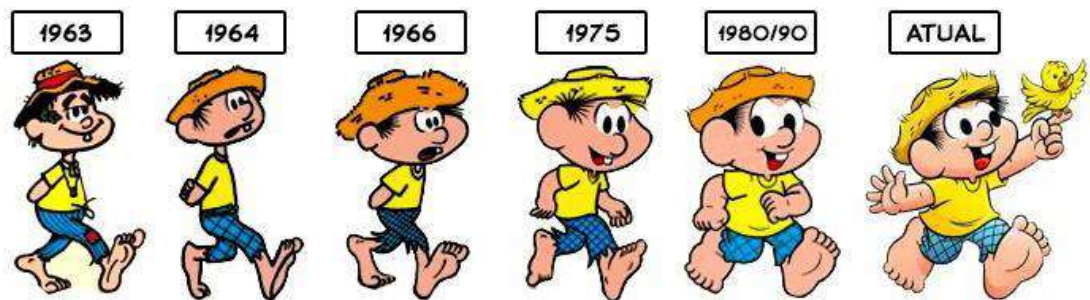
2.1 O CAIPIRINHA DE MAURÍCIO DE SOUSA

Criado pelo cartunista brasileiro Maurício de Sousa, em 1961, Francisco Antônio Bento, mais conhecido como Chico Bento, fazia parte das tirinhas dos personagens Hiroshi e Zezinho, que futuramente passaram a ser chamados de Hiro e Zé da Roça, que aparecem constantemente também na nova versão, pois são amigos do jovem Chico e moradores da Vila Abobrinha⁶. CB fez tanto sucesso na época que se tornou protagonista das histórias até que, em agosto de 1982, foi lançada a sua própria revista.

A princípio, CB é representado pelo típico estereótipo de um caipira brasileiro, que usa chapéu de palha, anda descalço, usa calças curtas, não usa em sua fala a norma culta do português e leva uma vida tranquila no campo, sem problemas ou dificuldades. Segundo Eisner (2005, p. 22), “nos quadrinhos, os estereótipos são desenhados a partir de características físicas comumente aceitas e associadas a uma ocupação. Eles se tornam ícones e são usados como parte da linguagem na narrativa gráfica.” Os leitores das histórias de CB estão cientes das características físicas que se tornaram ícones na representação desse personagem, ou seja, conseguem dizer com facilidade quais as características físicas dele. Para complementar essas informações a respeito das características do personagem caipira, são apresentadas, logo a seguir, as variadas aparências que ele conquistou desde a sua criação.

⁶ A Vila Abobrinha obviamente está localizada na zona rural. É composta de humildes casinhas e vários sítios e fazendas espalhados. É rodeada de florestas e riachos, como é mostrado em várias historinhas, onde encontramos animais selvagens contracenando com o Chico. Fonte: https://monica.fandom.com/pt-br/wiki/Vila_Abobrinha. Acesso em: 25 mar. 2020

Figura 1 – Mudanças nos traços de Chico Bento



Fonte: CENTRAL CBM⁷, 2017.

Observa-se que, na primeira versão, CB já apresentava aparência de adulto e, com o passar dos anos, recebeu formas arredondadas e aparência infantil. Ele se transforma também de um adulto tranquilo e despreocupado em um menino sorridente e brincalhão, porém, o chapéu de palha, a camiseta amarela, a calça xadrez curta, os pés descalços e a linguagem caipira permanecem como marca registrada do personagem.

Além de todas as características físicas que o colocam distante do modelo padrão eurocêntrico de se vestir e viver, ao ler diversas edições da versão infantil, percebe-se que Chico Bento não demonstra perspectiva de futuro, não tira boas notas na escola, dorme na sala de aula, atrasa-se para as aulas, não realiza as tarefas de casa etc. Ao observar essa representação educacional, julga-se que o personagem não pode ser considerado um exemplo de aluno, levando-nos a pensar também por que esse personagem muda tão radicalmente na sua versão jovem. Por isso, no decorrer deste estudo, a questão educacional que envolve o personagem voltará para as discussões, já que as edições a serem analisadas abarcam esse tema ao tratar da ida dos jovens do campo para a universidade e o sucesso de CB no vestibular e nas aulas durante o curso.

A disparidade entre a população rural e urbana são explícitas ao analisar as diferenças entre CB e seu primo Zeca, que mora na cidade. O nome completo de Zeca é José Carlos Henrique Bento Júnior; ele é um garoto da cidade, inteligente e apaixonado por robótica. Chico e seu primo têm o costume de visitar um ao outro nas férias, de modo que é nessas aventuras que o autor destaca as diferenças entre campo e cidade. Para compreendermos essa relação, esta pesquisa faz uso dos escritos de Raymond Williams em sua obra *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Para esse autor,

⁷ CF: Blog Central CBM. Disponível em: http://centralcbm.blogspot.com/p/personagens_21.html. Acesso em 28 mai. 2020. No documento encontrado não consta o nome do autor.

em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida, de paz, inocência e virtudes simples. A cidade associou-se à ideia de centro de realizações, de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica. (WILLIAMS, 1989, p. 11).

Pode-se perceber que as referências que se tem feito no decorrer da história remetem à ideia de que o campo é lugar tranquilo, enquanto a cidade, lugar de realizações e saber. Ao mesmo tempo, o campo é visto como um lugar muito inferior à cidade, principalmente por ser visto como lugar de atraso, ignorância e limitações, enquanto veem a cidade como um lugar agitado, mundano e cheio de ambição. Por meio dessa referência, podemos perceber que o contraste entre cidade e campo remonta à antiguidade clássica e se faz presente até os dias atuais, permitindo que a indústria cultural ainda reforce a ideia do campo atrasado e limitado e, a cidade lugar de realizações, de saber e luz. Para esse estudo, a visão de Williams é extremamente importante para reforçarmos que cada lugar tem suas culturas e qualidades e que, em momento algum, devemos estereotipar a imagem dessas pessoas.

Além da ideia de Williams, consideramos importante trazer as referências de Antônio Cândido (2010), em sua obra *Os parceiros de Rio Bonito*. O autor faz uma crítica ao uso do termo “rústico” utilizado culturalmente no Brasil para se referir ao campo, porém, ele nos apresenta uma ideia diferente que nos leva a pensar a respeito de tal conceito. Para Cândido (2010, p. 25), o termo *rústico*, em seus escritos, “é empregado não como equivalente de *rural*, ou *rude, tosco*”. Para ele, “rural exprime sobretudo localização, enquanto ele pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo”. Sendo assim, o termo *rústico* não pode ser usado como referência a todas as coisas e pessoas que estão localizadas no meio rural, em razão de ele ter um significado mais voltado para as culturas relacionados ao campo.

Outra questão que acreditamos ser oportuna trazer aqui se refere à palavra “urbanidade” que tem um significado a ser questionado por este estudo. Em uma determinada reunião da escola onde leciono, era realizada a leitura de uma *Cartilha Orientativa da Comissão de Ética da SEDUC-MT* (MATO GROSSO, 2021), que tem como objetivo traçar algumas orientações a respeito da ética no trabalho. Segundo esse documento, são deveres fundamentais do servidor público:

VII - ser cortês, ter **urbanidade** (*grifo nosso*), disponibilidade e atenção, respeitando a capacidade e as limitações individuais de todos os usuários dos serviços públicos estaduais, sem qualquer espécie de preconceito ou distinção de raça, sexo, nacionalidade, cor, idade, religião, cunho político e posição, abstendo-se, dessa forma, de causar-lhes dano moral (MATO GROSSO, 2021, p. 7).

Após essa reunião, fui imediatamente buscar o significado e origem dessa palavra, pois, até aqui, ela nos remetia a algo bom e necessário para as pessoas. Mas não conseguia entender o porquê de essa palavra usar referência ao “urbano” para ter tal significado. Ao pesquisar seu significado no *Dicionário Online de Português*⁸, encontramos o seguinte resultado: “Reunião dos costumes, formalidades e comportamentos que expressam respeito entre pessoas; demonstração de civilidade; afabilidade. Característica do que é urbano, civilizado”. Sobre a etimologia da palavra: “Do latim *urbanitas, atis*, que significa viver em uma cidade, vida na cidade”⁹. Com a definição dessa palavra, somos capazes de perceber que um termo originalmente criado para se referir ao urbano é usado também para se referir a comportamentos ditos sociáveis e indispensáveis ao cidadão. A respeito dessas reflexões sobre urbanidade, Aguiar (2012) nos resume o quanto podem ser questionados o uso e o entendimento dele.

A urbanidade é, portanto, algo material, palpável, visível. Algo que vem da cidade, do urbano, exala. Uma outra coisa é o modo como a urbanidade é percebida, lida, sentida, amada, desejada, odiada, demonizada ou ignorada pelas pessoas. Aí entra a cultura, a história, a origem, a vivência, a sensibilidade, e mais e outras características de cada indivíduo, que irão determinar o modo como a urbanidade é percebida, lida, sentida, desejada, demonizada ou ignorada aqui ou acolá. Entramos aí no complexo tema da relação dos protocolos da urbanidade com o comportamento espacial e com a percepção das pessoas. (AGUIAR, 2012, p. 129).

A partir dessa reflexão, é possível perceber que existe uma gama de discussão que envolve o termo rural e o urbano. Consideramos importante trazer tais questionamentos pelo fato de o gibi estudado apresentar essa diferença cultural muito visível. A partir disso, as representações das pessoas do campo vêm carregadas de estereótipos que enfatizam essas diferenças culturais dando mais poder e visibilidade para a cultura urbana.

Para que seja possível identificar as diferenças nos traços físicos que diferenciam os dois personagens, a seguir, apresentamos o primo de Chico Bento, morador da cidade.

⁸ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/urbanidade/>. Acesso em: 17 mar. 2021.

⁹ Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059:entry=urbanitas>. Acesso em: 13 ago. 2020

Figura 2 – Zeca – o primo da cidade



Fonte: SOUSA, 2015, nº 80.

Observa-se que Zeca é representado com características distintas do primo. Sempre bem vestido, calçado, cabelos arrumados etc. Para complementar essa discussão, consideramos pertinente analisar os contextos rural e urbano, entre a época da criação do personagem, em 1961, e a época da criação da sua própria revista em 1982. Segundo Milton Santos (2008, p. 31),

entre 1940 e 1980, dá-se verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. Há meio século atrás (1940), a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%. Nesses quarenta anos, triplica a população do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia.

Percebe-se, então, que esse período, entre as décadas de 1960 e 1980 quando foi criado o personagem CB e publicada a sua própria revista, foi marcado pela rápida urbanização do território brasileiro, que se deveu ao processo de migração das pessoas do campo para as cidades. Pode-se constatar isso na Lei de Diretrizes e Bases de 1961 (Lei nº 4.024/61) a qual, em seu Artigo 105, ressaltava que os poderes públicos deveriam instituir e amparar serviços e entidades, para manter na zona rural escolas ou centros de educação, capazes de favorecer a adaptação do homem ao meio e o estímulo de vocações e atividades profissionais (BRASIL, 1961). Entretanto, no documento *Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas* (BRASIL, 2007, p. 16) pesquisadores da educação do campo relatam que a intenção da LDB de 1961 não era levar educação de qualidade e específica para as pessoas do campo, mas “para frear a onda migratória que levava um grande contingente populacional do campo para as cidades, gerando problemas habitacionais e estimulando o crescimento dos cinturões de pobreza”.

Portanto, na época da criação do personagem Chico Bento, houve uma tentativa do governo de mostrar para as pessoas que o campo era um lugar bom para se viver, principalmente com a tentativa de implantar o sistema educacional nessa localidade, apesar de as políticas não sanarem as reais necessidades daquela população. A partir disso, podemos pensar numa possibilidade que justifique o fato de a revista de CB sempre ter feito questão de mostrar a realidade educacional desse personagem. Sabemos que, na maioria das edições dessas revistas, CB estava na escola.

Partindo desse pressuposto, é possível que as histórias do gibi tenham dialogado com a tentativa do governo, já que o menino caipira representado por CB levava uma vida tranquila, feliz, com fartura de frutas e peixes, sem problemas, sem dificuldades, em contato com a natureza e com escola em sua localidade. Na época, aparentemente, valeria mais a pena viver no campo do que nos centros urbanos tumultuados e conturbados, apesar de as condições de vida no campo, na realidade, não serem tranquilas como representadas nos gibis, pois sabe-se que essa população, em sua grande maioria, lida diariamente com trabalho árduo para conseguir o sustento da família.

Além desse viés, faz-se necessário recordar o contexto político da época, já que, 3 anos após a criação do personagem Chico Bento, iniciava a ditadura civil-militar, um período em que a política brasileira era conduzida pelos militares. Essa época ficou marcada na história do Brasil, pois o governo com suas perseguições políticas, censuras e a repressão àqueles que eram contrários ao regime deixou marcas e cicatrizes que dificilmente serão apagadas. No contexto rural, na época, aconteceram terríveis ataques, principalmente aos líderes dos movimentos sociais do campo. No livro *Retrato da repressão política no campo – Brasil 1962 - 1985 – Camponeses torturados, mortos e desaparecidos*, Carneiro e Cioccarri discutem sobre a violência política ocorrida no campo nesse período e a força da repressão.

Uma repressão política que expressa uma violência de dupla face, uma comandada diretamente pelo Estado, pela ação das forças policiais e do exército, e, outra, privada, expressa pela ação de milícias e jagunços a mando de latifundiários. Um imbricamento que expressa a singularidade da repressão política no campo, e que não deixa dúvida de que a resistência dos camponeses, na sua luta por terra e por direitos, trazia em si toda a energia da luta pelas transformações democráticas do campo e do país (CARNEIRO e CIOCCARI, 2010, p. 10).

As informações trazidas pelas autoras confirmam o caos vivido pelas pessoas do campo no período da ditadura civil-militar brasileira, que coincide, justamente, com parte do período em que ocorre a popularização do personagem, bem como a mudança dos traços, apresentados

anteriormente. Portanto, a ditadura iniciou-se três anos após a criação do personagem e teve fim 3 anos após o lançamento da própria revista de Chico Bento.

2.1.1 *Chico Bento Moço*: um novo personagem?

Figura 3 – Chico Bento jovem



Fonte: SOUSA, 2014, nº 6.

Após completar 50 anos da criação do personagem CB, Maurício de Sousa lança, em agosto de 2013, a primeira edição de uma versão intitulada *Chico Bento Moço*. Nessa versão, CB tem 18 anos quando decide sair do campo para cursar Agronomia em uma universidade na cidade de Nova Esperança. Após a aprovação no vestibular, iniciam-se as experiências do jovem ao se deparar com uma realidade muito diferente do campo e vivencia as dificuldades de estar longe da família, dos amigos e da natureza, além da adaptação e da aceitação nesse novo espaço.

A interrogação no título desse tópico é uma questão pertinente. Nessa nova versão, CB se mostra parcialmente inverso ao personagem infantil, parece-nos outro personagem. Na verdade, o olhar para as causas ambientais continua forte no personagem jovem, mas o fato de ser inteligente, estudioso, falar corretamente, pensar no futuro, dedicar-se ao trabalho e fazer serviços domésticos são alguns exemplos que nunca apareceram como qualidades de CB quando criança. É claro que não estamos fazendo uma crítica a essas mudanças, já que todas as pessoas, quando se tornam adultas, são atravessadas por um passado que acarreta mudanças, mas pensaremos por meio das análises nas questões que levaram o criador do personagem a rever algumas formas de representar a pessoa do campo por meio desse jovem, que, antes de tudo, é um personagem criança amado pelos leitores de histórias em quadrinhos de todas as

idades.

Como pode ser observado na imagem anterior, CB ganha novos traços e se veste diferente. Dessa vez, apresenta-se como um jovem corajoso, esforçado e dedicado aos estudos. Para conquistar seus objetivos e suprir os seus anseios e de sua família, precisará quebrar inúmeras barreiras, inclusive, a do preconceito, das diferenças culturais, da linguagem difícil dos professores universitários e da aceitação pelos jovens da cidade.

Para a efetivação desta pesquisa, optou-se pela análise das edições 1, 2, 5 e 7 dessa versão, pois, após 50 anos da criação do personagem, somente a partir de 2013 o Ensino Superior, bem como a necessidade de buscar melhores condições de vida fora do campo se fazem presentes nessas histórias. As edições escolhidas para análise tratam das principais experiências de uma pessoa que sai de uma determinada realidade e se vê forçada a se encaixar em um padrão de sociedade muito diferente daquele vivido por ela.

Além disso, a escolha se deu pelo fato de eu ter vivido no campo e, posteriormente, ter ido para a cidade em busca de Ensino Superior e de melhores condições de trabalho. Assim, este estudo pode mostrar que talvez as experiências representadas no gibi CBM dialoguem com a realidade vivida por mim e por outros jovens do campo, pois dialogam com situações reais vividas por milhares de jovens que saem do campo rumo à cidade, em busca de conquistar seus objetivos. Trata-se também, é claro, das experiências de toda população que geralmente é estereotipada e marginalizada pela mídia e que vive distante do padrão eurocêntrico de sociedade implantado neste país.

É importante analisar tais situações para que se pense nos dilemas enfrentados por tantas pessoas que saem em busca de novas oportunidades e enfrentam as diferenças culturais que, muitas vezes, são desvalorizadas e até desconsideradas. É importante ressaltar que as experiências apontadas no gibi podem ou não se assemelhar com as reais, porém, a representação dessa juventude nesse produto é uma questão pertinente para esta análise, levando em consideração que as representações da população do campo na mídia há muitos anos são transmitidas de maneira estereotipada, colocando-os em um nível intelectual muito inferior ao urbano.

Ao analisar as lutas e conquistas das pessoas do campo nessa época, principalmente na primeira década do século XXI, o documento *Educação do campo: diferenças mudando paradigmas* (BRASIL, 2007, p. 17) aponta uma valorização do campo a partir das lutas dos movimentos sociais e sindicais, bem como a conquista de muitos direitos, entre eles, as Políticas Educacionais para o campo, a criação da Coordenação Geral de Educação do Campo e as Diretrizes Operacionais para a Educação do Campo, apesar de que, segundo Garske (2012, p.

19), “ainda hoje no Brasil, em pleno início do século XXI, as políticas educacionais implementadas no meio rural, não apresentam diferenças significativas das que são pensadas e construídas para o meio urbano”. Portanto, o contexto atual parece mais visitado pelas políticas de atendimento ao campo, mesmo que, conforme Garske, elas não sejam suficientes para suprir os anseios dessa população. Outro fator importante de salientar, ressaltado por Brasil (2007), foi que:

a universalização do transporte escolar sem o necessário estabelecimento de critérios e princípios, gerou distorções, tais como: o fechamento de escolas localizadas nas áreas rurais e a transferência de seus alunos para as escolas urbanas; o transporte de crianças e adolescentes em veículos inadequados e sucateados; e a necessidade de percorrer estradas não pavimentadas e perfazer trajetos extremamente longos. (BRASIL, 2007, p. 17).

Levando em consideração as questões apontadas anteriormente, principalmente sobre o fechamento de escolas no campo e as políticas que não atendem às reais necessidades dessa população, faz-se necessário, no decorrer deste estudo, refletir sobre as condições que levam o personagem CB a sair do campo em busca de Ensino Superior, objetivando apreender se a representação dos jovens do campo nesse gibi se relaciona com o contexto histórico da época. É necessário destacar também que os jovens citados nesta pesquisa são aqueles que se assemelham mais com o estilo de vida de CB e sua família, pois, quando citada a educação do campo, é importante compreender que se trata de um ensino pensado exclusivamente para a realidade vivida por cada comunidade espalhada pelo espaço rural brasileiro.

O fato de a imagem estereotipada das pessoas do campo circular pela mídia há muitos anos faz com que muitos acreditem que toda pessoa do campo vive uma realidade semelhante. Entretanto, o Decreto nº 7.352 de 4 de novembro de 2010, que dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), no inciso 1º, orienta que, entende-se por populações do campo:

os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural. (BRASIL, 2010).

Portanto, as famílias consideradas do campo são diversas e plurais. Em razão disso, durante as análises a serem realizadas, nos basearemos na realidade diegética vivida pelo personagem Chico Bento, pois generalizar e estereotipar a imagem das pessoas do campo como

caipiras é uma tarefa que já vem sendo feita há anos nas novelas, programas de comédia, filmes, livros, gibis e vários outros produtos da indústria cultural. Isso posto, cabe desatacar que este estudo tem o intuito de defender a pluralidade cultural e a diversidade da população do campo e se opõe à representação estereotipada dessas pessoas em qualquer meio de informação, comunicação e entretenimento.

2.2 RECORTES PARA ANÁLISE

As primeiras edições lançadas nos anos de 2013 e 2014 contam sobre as experiências do jovem CB antes de sair do campo e ao chegar à cidade e à universidade, bem como sua adaptação ao modo de vida urbano. Consideramos importante apresentar a capa das quatro edições escolhidas para as análises e um resumo de cada uma para justificar de forma mais clara o que nos levou à escolha dessas edições. Iniciamos com a edição nº 1, lançada em agosto de 2013, intitulada *Um novo começo*.

Figura 4 – Capa – *Um novo começo*



Fonte: SOUSA, 2013, nº 1.

Sabe-se que o universo de CB sempre foi o campo, os animais, a escola e a família. Porém, nessa nova edição, o jovem resolve trilhar novos caminhos e se aventurar numa experiência para lá de turbulenta. Em suma, a edição conta sobre a realização do vestibular, a aprovação, as despedidas e a partida de CB para a cidade, abandonando, temporariamente, suas

maiores paixões: os pais, os bichos e os amigos.

Na capa do gibi, são apresentados os personagens principais da revista infantil que continuam presentes na nova versão. Entre eles, estão os pais de CB, seu amigo Zé Lelé, a Rosinha, que por muitos anos foi a namorada de Chico, a professora Marocas, o Nhô Lau, dono do sítio onde CB roubava goiabas, entre outros personagens novos que vivem na cidade. Além desses personagens, podemos observar a presença de alguns animais, já que a edição enfatiza a relação do jovem com o ambiente rural e a dificuldade que ele enfrenta para deixar o campo e buscar novos rumos. Podemos perceber que, mesmo com as mudanças nos traços desse novo jovem, ainda há aqueles que continuam morando no campo, eles permanecem com alguns símbolos tradicionais que representam o meio rural, como o chapéu de palha usado pelo pai de CB, seu amigo Zé Lelé e Nhô Lau. Como foi possível observar, apenas os três personagens que permaneceram no campo usam esse acessório.

Por isso, uma das questões pertinentes para essas análises é o estereótipo presente nas roupas de CB. A capa dessa edição nos mostra um jovem bem vestido, diferente do famoso CB com chapéu de palha, descalço e com a mesma roupa, porém, podemos observar que a camisa xadrez prevalece como marca do personagem. Essa é uma das questões que serão analisadas no decorrer deste estudo, pois é possível observar que o estereótipo ainda define o personagem, talvez como forma de diferenciá-lo dos jovens da cidade.

Em seguida, apresentamos a capa da edição n° 2, lançada em setembro de 2013, intitulada *Vida na república*.

Figura 5 – Capa nº 2 – *Vida na República*



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2.

Essa edição tem como foco as experiências de CB na cidade de Nova Esperança, principalmente sua convivência com os colegas de república. No início, o gibi nos apresenta a chegada do jovem à cidade e seus dilemas para sobreviver em meio ao caos urbano, pois suas experiências são frustrantes logo ao chegar à rodoviária da cidade. O ladrão, os sinais de trânsito, o barulho, o preconceito, as diferenças culturais, entre outros detalhes, fazem CB se decepcionar com o ambiente urbano. Entretanto, o jovem mostra-se determinado a atingir seus objetivos e permanecer lutando para se adaptar e ser aceito e respeitado pelos colegas da república, que frequentemente zombam da sua linguagem.

Além disso, pode-se observar, na capa dessa edição, que CB está apavorado com tantas confusões. Essa imagem já nos remete um pouco do caos vivido por ele logo após sua chegada. Outro detalhe importante que novamente aparece na capa é a aparência do jovem, pois ele porta chapéu de palha e camisa xadrez. Ao observar, a princípio, nos vem a pergunta: o personagem CB continua sendo caipira mesmo estando na cidade? O estereótipo continua presente na representação desse personagem? A esse respeito, no próximo capítulo, traremos informações pertinentes que responderão a essas questões, mas antecipamos que sim. Mesmo com as lutas para se adaptar ao mundo urbano, o personagem carrega consigo o estereótipo do caipira em suas falas, nas roupas e na ingenuidade que as pessoas da cidade pregam sobre ele. Por isso, o termo *estereótipo* é extremamente relevante para este estudo e fará parte das análises dos próximos capítulos.

A outra edição escolhida é a de nº 5, intitulada *A primeira semana*. A revista foi lançada em dezembro de 2013. Ela traz como eixo central as primeiras experiências de CB na universidade. Optamos por fazer esse recorte e não analisar as revistas de nº 3 e nº 4, pois consideramos menos relevantes para as análises que pretendem compreender o universo do personagem CB e suas experiências na cidade e na universidade. A revista de nº 3 intitulada “*Festa no parque*” traz representações mais voltadas à diversão dos jovens e a consciência ecológica de CB. A edição nº 4, intitulada “*O dia da Rosinha*”, trata apenas das experiências dessa personagem, por isso, optamos por não as utilizar nas análises.

Figura 6 – Capa nº 5 – *A primeira semana*



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5.

Um ponto interessante dessa edição é o fato de ela ser contada por meio de cartas. A saudade do pessoal da roça faz com que o jovem escreva cartas contando coisas do seu dia a dia de estudante para seus familiares e amigos. Nas cartas, CB fala da linguagem difícil dos professores da universidade, das novas amizades, das diferenças entre campo e cidade, dos apelidos recebidos pelos veteranos etc. Mas o que nos chama a atenção é o recurso utilizado para isso, já que, apesar de a carta ainda ser utilizada, vivemos em um período de grande avanço tecnológico, e esse recurso não é utilizado para sua comunicação com nenhuma das pessoas do campo. Cabe-nos aqui refletir sobre a ausência do telefone celular no ambiente rural e outras formas de comunicação com essa população no ano de 2013 e atualmente. Na pesquisa realizada

por Felippi e Escosteguy (2017), intitulada *Juventude rural e novas formas de sociabilidade: um estudo do uso do celular no sul do Brasil*, as autoras analisaram os dados do município de Vale do Sol-RS. Segundo elas, a população do município que era de 11.077 habitantes, contava, na época da pesquisa, com 88,72% (9.828) residindo em área rural segundo dados do (IBGE, 2010). Com a análise dos dados, elas consideram que

a presença da nova mídia – em especial, o telefone celular e o computador, com ou sem acesso à internet – é um dos componentes da ruralidade contemporânea estudada, com certeza, ocasionando alterações de distintas ordens [...]. Contudo, sua chegada se articula com práticas de consumo destas tecnologias já consolidadas. Ainda permeando o “novo” rural, as tecnologias digitais se ligam a outros elementos – incremento da escolaridade, possibilidade de ocupações profissionais não agrícolas e maior mobilidade física – que, também, estão compondo os universos culturais da juventude rural contemporânea. (FELIPPI; ESCOSTEGUY, 2017, p. 148).

A partir do estudo realizado por essas autoras, é possível perceber que a presença do telefone celular naquela região, onde predomina a vida rural, já se faz presente. Porém, ele vem entrelaçado a outros elementos, como por exemplo, as condições de consumo desse produto e outros elementos que caracterizam os universos culturais das juventudes rurais. Portanto, não podemos dizer se o modo de CB se comunicar com seus amigos e familiares está antigo ou não, pois é possível que inúmeras famílias, ainda hoje, não sejam contempladas com o sinal de telefone e/ou tenham condições financeiras para comprar ou instalar um aparelho de telefone em sua residência. No capítulo 3, abordaremos alguns detalhes importantes sobre o uso de cartas como meio de comunicação no passado e na atualidade.

Além dessa questão, ao observar a capa dessa edição, é possível verificar, novamente, um elemento que remete ao estereótipo do caipira, a camisa xadrez. No decorrer da história, CB passa por situações constrangedoras por ser diferente dos demais alunos, tanto no jeito de vestir quanto de falar. Em contrapartida, CB mostra-se corajoso para enfrentar a discriminação sofrida na universidade e busca formas de sair da situação. O personagem representa também um jovem dedicado aos estudos, esforçado e sempre disposto a ajudar os colegas.

Esses detalhes fazem parte das edições escolhidas para as análises por apresentar de forma explícita o preconceito a partir do estereótipo do jovem camponês. Acreditamos na pluralidade do campo brasileiro e, por isso, entendemos a importância de dialogar sobre o respeito à diversidade desse espaço e reconhecer que nele não há apenas caipiras, que no campo as pessoas não usam apenas xadrez, botinas e chapéu de palha, que nessas localidades falam diferentes sotaques e fazem variados usos da língua portuguesa. Além disso, reconhecer que o

“*ingênuo*” possa ser apenas uma imagem criada pela mídia para diferenciar o campo da cidade e, conseqüentemente, inferiorizar o povo camponês, já que essa ingenuidade quase sempre é usada para sintetizar os conhecimentos das pessoas do campo em relação aos conhecimentos urbanos, como se os camponeses tivessem de se adequar a esse padrão para deixarem de ser ingênuos.

Acreditamos que diferentes leitores possam gostar dessa ingenuidade de CB que, por vezes, nos parece estar relacionada ao fato de “*não ser malicioso*”, porém, precisamos refletir a respeito do real efeito trazido por essa palavra, pois acreditamos que vai além dessa falta de malícia. Um dos estudiosos dos Estudos Culturais traz discussões extremamente relevantes sobre essa “política da inocência” ou “pedagogia da inocência”. O crítico cultural Henry Giroux (2013) faz uma análise crítica do poder de significação da *Disney Company*, que consideramos relevante para esta discussão sobre a inocência associada a CB e às pessoas do campo. O crítico considera que

existem poucos ícones culturais nos Estados Unidos que possam se igualar ao poder de significação da Disney Company. Incansável em seus esforços para promover a imagem feliz, bondosa e paternal de seu fundador, Walt Disney [...] A Disney Company tornou-se sinônima de uma ideia de inocência, que de forma ativa, reescreve a identidade histórica e coletiva do passado americano (GIROUX, 2013, p. 133).

Movidos por esse pensamento, consideramos que a inocência de CB pode estar sendo usada com algum objetivo além de apenas dizer que ele é um menino bonzinho. O gibi no qual esta pesquisa se baseia é considerado pelos Estudos Culturais como um material que carrega consigo uma pedagogia, a qual chamamos de Pedagogia Cultural, então, imaginemos essa pedagogia acontecendo por meio da imagem inocente da pessoa do campo.

Giroux (2013, p. 134) considera que “a inocência não representa apenas a face de uma dominação discursiva. Ela é também um dispositivo para ensinar as pessoas a se localizarem em narrativas históricas, representações e práticas culturais populares”. O que o autor quer dizer não se refere às mentiras ditas pelos produtos da indústria cultural, mas uma representação distorcida ou, simplesmente, a reafirmação de determinadas ideologias. Segundo ele, “a Disney não ignora a história; ela a reinventa como um instrumento pedagógico e político para assegurar seus próprios interesses e sua autoridade e poder.” Nesse caso, acreditamos que a “inocência” de CB pode ter sido usada para que o personagem pudesse ensinar algo a seus leitores. Isso pode explicar também o sucesso dele e da sua revista.

Mediante as leituras desses gibis, compreendemos que não saber lidar com a vida na cidade pode colocar CB como o “*ingênuo*”, porém, essa palavra pode ser entendida também como o “*bobinho da roça*”. Por isso, faz-se necessário refletir: o que essa “*inocência*” está ensinando sobre as pessoas do campo? Para Giroux (2013, p. 134), “a pedagogia, em seu sentido mais crítico, ilumina a relação entre conhecimento, autoridade e poder. Ela chama a atenção para questões que dizem respeito a quem tem controle sobre as condições para a produção de conhecimento”.

Essas questões pedagógicas que envolvem o gibi CBM são importantes para esta pesquisa por nos fazerem refletir acerca da imagem que a mídia tem criado e recriado da pessoa do campo há muitos anos. Essas questões, atreladas ao modo de vestir e falar do jovem CB, são os principais caminhos a serem percorridos por essas análises.

A edição de nº 6 também não será analisada, pois não apresentou conteúdo significativo para esta pesquisa. A quarta e última edição escolhida para as análises foi a de nº 7, lançada em fevereiro de 2014, é intitulada “*Bicos e altas confusões*” e nos apresenta um olhar diferente sobre os jovens do campo, seus conhecimentos e capacidade de se adaptar à cultura urbana.

Figura 7 – Capa nº 7 – *Bicos e altas confusões*



Fonte: SOUSA, 2014, nº 7.

Consideramos importante analisar essa edição após notar que ela traz uma outra representação do jovem do campo que não poderíamos deixar de ressaltar. A edição conta as

experiências de CB como um universitário que precisa trabalhar para custear as despesas mensais, principalmente o aluguel. Para isso, o jovem encara diferentes “bicos” aos finais de semana, entre eles: vendedor na loja de calçados, entregador de pizzas, trabalhos no mercadinho, *pet shop*, além dos trabalhos domésticos realizados na república. Esses últimos não eram remunerados, mas também exigiam tempo do jovem.

A realidade trazida por essa edição se assemelha muito com a de inúmeros jovens que precisam trabalhar para conseguir se manter durante o curso. Além disso, sabemos que muitos não conseguem conciliar trabalho e estudo, tendo que escolher uma das opções. Dados apontados por Venturi e Torini (2014), ao pesquisarem as *Transições da escola para o mercado de trabalho de mulheres e homens jovens no Brasil*, apontam que os jovens:

Na faixa entre 18 e 24 anos, estão estudando atualmente apenas 31,8 por cento. Isso indica que há um significativo marco no que diz respeito à permanência nos estudos ou não, que parece ser justamente a passagem à maioridade. Nesta faixa etária, a porcentagem dos que dizem ter abandonado antes de se formar (36,7 por cento) é quase o quádruplo da observada entre os jovens de 15 a 17 anos (9,5 por cento); assim como a taxa dos que afirmam não estudar porque já completaram os estudos é de 2,5 por cento na primeira faixa etária e salta para 31,4 por cento na faixa dos 18 a 24 anos. (VENTURI e TORINI, 2014, p. 25).

Por essa razão, consideramos analisar esse contexto do jovem entre trabalho e estudo, com foco na representação do jovem do campo que vivencia essa realidade. Além disso, ao se referir ao jovem que acaba de chegar do campo, entendemos que a representação do camponês, tomou outro rumo nessa edição. Isso porque consideramos que a imagem estereotipada da pessoa preguiçosa, sem estudos e sem condições de se relacionar com outras pessoas, principalmente as da cidade, foi quebrada com a representação de um jovem estudioso, esforçado, corajoso, astuto e que não mede esforços para continuar estudando. Por isso, optamos por abrir um capítulo para abordar essas outras representações do jovem do campo.

3 DO CAMPO PARA A CIDADE: ANÁLISE DO ESTEREÓTIPO PRESENTE NA FALA, NA ROUPA E NA INGENUIDADE

A proposta deste capítulo é trazer para a discussão o estereótipo presente na fala, na roupa e na ingenuidade do jovem do campo. As análises se baseiam na representação desse jovem ao sair da sua localidade e ao chegar à cidade. Abordaremos temas importantes como a relação do personagem com o ambiente rural, os dilemas da sua chegada na cidade, os enfrentamentos para ser aceito nesse novo ambiente, bem como os entraves enfrentados para se adaptar a essa nova cultura. Nesse trajeto do campo para a cidade, o jovem é representado pela imagem estereotipada que não se difere muito daquela que tradicionalmente está presente na mídia. Para isso, fizemos recortes das edições nº 1, intitulada *Um novo começo*, e da nº 2, intitulada *Vida na república*, lançadas em 2013, as quais abordam os temas citados.

3.1 SAINDO DO CAMPO: A RELAÇÃO DOS PERSONAGENS COM O AMBIENTE RURAL

A revista nº 1 da versão jovem apresenta seus personagens com novos ideais e perspectivas de melhoria de vida na cidade. A ideia trazida a princípio é a necessidade de sair do campo em busca de Ensino Superior, já que, em Vila Abobrinha, só há educação básica. Para falar da saída do campo, vale lembrar que a proximidade de CB com sua família é um motivo que carece atenção, pois, desde a versão infantil, ele ajuda sua família na lida com os afazeres do campo, como tirar leite, apartar o gado, tratar dos animais, cuidar das plantas, colher frutas, pescar para trazer alimento à família etc. As habilidades apresentadas pelo personagem e sua ligação com a família fazem com que seus pais sintam receio por sua partida, entretanto, sabem que a busca de conhecimentos científicos poderá trazer benefícios para a vida no campo.

A imagem a seguir representa a preocupação do pai com a partida do filho, pois está se aproximando da colheita e CB seria o seu ajudante nessa etapa.

Figura 8 – Importância de CB para sua família



Fonte: SOUSA, 2013, Nº 1, p. 13

A imagem deixa clara a importância de CB para os trabalhos no campo. Essa representação dos jovens do campo nos leva a refletir sobre um possível dilema para quem vive nessas localidades, pois, quase sempre, a vida no ambiente rural carece de intenso trabalho braçal e, muitas vezes, os filhos ajudam os pais nesses serviços, como aponta Wilhelm (2005). O personagem CB é representado no início dessa edição como aquele jovem que precisa decidir entre o campo e a cidade, entre viver novas experiências ou ajudar seus pais. A partir desse dilema entre a escolha de ficar ou sair, vale repensar a importância de haver nas localidades rurais ou próximas a ela instituições que ofereçam o Ensino Superior, já que muitos dos jovens do campo gostariam de permanecer em sua localidade, como é o caso de Zé Lelé, primo de CB, que não quis fazer o vestibular e optou por ficar no campo.

Iniciamos com essa discussão para que seja possível entender a relação dos jovens camponeses com o campo e com suas famílias a partir das representações nesse gibi. Porém, outro fator importante nesse recorte é a fala do pai de CB. Podemos observar que a linguagem utilizada por ele não é a mesma ensinada nas aulas de língua portuguesa nas escolas brasileiras, mas é muito comum no meio rural ou nas comunidades mais afastadas dos centros urbanos ou até mesmo em comunidades mais centralizadas. O que gostaríamos de destacar é tanto o estereótipo presente na fala do personagem quanto o preconceito que pode ser gerado por meio dela.

O dialeto caipira tem sido mostrado na mídia há muitos anos com o intuito de alegrar o público com seus espetáculos, mas sabemos que, no dia a dia, quem utiliza essa linguagem é vítima de preconceito, por ela ser considerada errada. Porém, segundo os doutores em linguística, Araújo e Ruiz (2019), vários estudos atualmente reforçam o respeito a essa

identidade cultural.

O português caipira, considerado por muitos estudiosos falar típico do interior paulista, tem sido objeto de estudos e pesquisas de diferentes linguistas e não linguistas na contemporaneidade. No campo da Sociolinguística Educacional, por exemplo, um dos caminhos trilhados é a sua representação no imaginário social com o fito de desmistificar o “erro” como ponto fundante da língua por meio do ensino da variação e mudança, reinterpretando, de certo modo, os conceitos de se falar “certo” ou “errado”, a partir de uma identidade cultural que lhe é própria, a caipirice. (ARAÚJO & RUIZ, 2019, p. 4317).

Portanto, a partir dos estudos de diversos pesquisadores dessa área, consideramos que o dialeto caipira já está sendo estudado e buscam reconhecê-lo como parte da identidade cultural dessas pessoas, porém, por acreditar que nem todas as pessoas do campo usam esse dialeto considerado “errado”, entendemos que a mídia formulou uma imagem do que é ser caipira e de que todos os que moram fora da zona urbana são caipiras e falam “errado”. A partir dessa concepção, faremos algumas análises no decorrer deste estudo baseando-nos na fala desses personagens.

Agora, serão analisadas as representações das primeiras experiências desse jovem com o vestibular. Sua paixão pelo campo fez com que escolhesse o curso de Agronomia que, segundo o personagem, ajudará no cuidado com a terra e os animais. A esperança de melhorias para a vida no campo é a principal aliada do personagem nessa experiência de ir para a cidade. A figura a seguir representa esse anseio do jovem que é a mudança de vida.

Figura 9 – Mudança de vida



Fonte: SOUSA, 2013, nº 1, p. 26.

A aprovação no curso de Agronomia traz para CB uma nova perspectiva de vida. Essa representação de jovens do campo faz uma ligação forte com as experiências vividas por mim,

pois também saí do campo em busca de novas oportunidades por meio do Ensino Superior ofertado na cidade. Sair do campo faz com que os jovens, em sua grande maioria, pensem a vida fora de sua localidade, mas, no caso desse personagem, o intuito é voltar para o campo e usar seus conhecimentos para melhorar as produções.

Além disso, a escolha de deixar o campo é marcada pela saudade e pode-se perceber isso ao analisarmos a expressão triste de Zé Lelé, na figura anterior. O personagem se entristece por perder a companhia do seu melhor amigo, aquele que sempre esteve ao seu lado nas brincadeiras e tramoias.

Além desses detalhes, podemos observar outro critério importante neste estudo que é o vestuário dos personagens que representam os jovens do campo. Observa-se que ambos utilizam trajes simples, principalmente o amigo de CB chamado Zé Lelé, aquele que preferiu não se mudar para a cidade. Nessa cena, CB já utiliza roupas mais modernas e deixou de andar descalço, mas seu amigo continua descalço, usando chapéu de palha, calças dobradas, camisa listrada (ou xadrez), que é uma marca nas representações estereotipadas do caipira. Nesse caso, percebemos a vestimenta como um símbolo do caipira que continua no campo, enquanto aquele que foi para a cidade, mostra-se mais moderno:

A vestimenta é simbólica. Ela consegue transmitir instantaneamente a força, o caráter, a ocupação e a intenção de quem a usa. [...] Nos quadrinhos, assim como acontece nos filmes, objetos simbólicos não narram apenas, mas ampliam a reação emocional do leitor. [...] O traje e a maneira como ele é usado, é uma poderosa ferramenta na narrativa gráfica. (EISNER, 2005, p. 26).

Falar sobre a vestimenta dos personagens é imprescindível para nós, pois, por meio dela, esse produto consegue diferenciar o grau de intelectualidade dos personagens, já que o gibi usa a imagem e a fala para ajudar nessa interpretação. É notório que o atual CB está “mais moderno” do que aquele menino da versão infantil, é notório também que o modo de vestir se difere muito entre os dois personagens desse recorte, no qual é possível identificar quem permanece no campo e quem saiu dele apenas analisando as vestimentas.

Segundo Lipovetsky (1987, p. 200), “a moda reproduz segregação social e cultural, participa da mitologia moderna mascarando uma igualdade que não pode ser encontrada”. Mesmo assim, esse gibi, assim como outros produtos midiáticos, usa a moda como artifício para que o público possa diferenciar o pobre do rico, o camponês do cidadão etc. Não estamos dizendo que não há diferença, mas precisamos refletir sobre essa estereotipagem que raramente sai das telas e das páginas, como se aquelas pessoas ainda fossem os mesmos caipiras do século

passado, com se para eles não existisse a globalização, o mundo moderno, a era da tecnologia avançada. Além disso, Lipovetsky afirma que

O novo foco da imitação social, a exaltação do look jovem é inseparável da era moderna burocrática-individualista, cuja lógica ela leva até seu termo narcísico: cada um é com efeito, convidado a trabalhar sua imagem pessoal, a adaptar-se, manter-se e reciclar-se. O culto da juventude e do corpo caminham juntos, exigem o mesmo olhar constante sobre si mesmo, a mesma autovigilância narcísica, a mesma coação de informação e de adequação às novidades. (LIPOVETSKY, 1987, p. 142).

Portanto, o jovem que não se renova e não entra na moda corre um sério risco de ser tachado de “atrasado”, “fora de moda”, “malvestido”, entre outros termos. O que temos visto nas representações dos jovens do campo é sempre essa imagem de pessoas fora da moda, ou seja, uma representação estereotipada que pode acarretar na discriminação contra eles.

Porém, uma outra característica de CB nessa versão que não pode deixar de ser observada é o orgulho de ser do campo. Desde a versão infantil, o personagem é representado como um camponês apaixonado pelo campo e tudo que o envolve. Essa versão que retrata a ida dele para a cidade representa também o preconceito de Genésio, um jovem de classe média, contra CB e seus amigos de Vila Abobrinha. Os quadrinhos seguintes representam a agressividade de Genésio ao falar com os jovens e a maturidade de CB ao lidar com o rapaz.

Figura 10 – Preconceito contra os jovens do campo



Fonte: SOUSA, 2013, nº 1, p. 44.

Figura 11 – Orgulho de ser do campo



Fonte: SOUSA, 2013, nº 1, p. 44.

Nota-se, nos primeiros quadrinhos, a arrogância na fala de Genésio ao dizer “bando de caipiras” e ao se engrandecer dizendo que só precisa vender algumas cabeças de gado para estudar fora. Além disso, ao dizer que eles precisariam entrar na faculdade para sair daquela “cidadezinha fuleira”, o personagem representa uma parcela dos jovens de classe média que consideram o seu modo de viver como o ideal e mais digno, agindo com descaso em relação a qualquer outra forma de viver, que, na maioria das vezes, é tida como inferior.

Ao analisar a expressão facial do personagem, nota-se também a raiva explícita, já que o rapaz se apresenta alterado e apontando o dedo para os jovens. Essa representação do jovem de classe média que não respeita a cultura do campo, tornaria a história provavelmente mais trágica, entretanto, essa edição caracteriza CB como um jovem astuto e capaz de argumentar e defender seus ideais e principalmente lutar pela valorização do campo, como mostra a última imagem onde CB diz para Genésio que tem orgulho de suas raízes.

Podemos observar também, nesse recorte, que as vestimentas dos personagens são muito diferentes; é possível notar que Genésio é de família rica apenas pelos seus trajes e pelo carro de luxo. De acordo com Lipovetsky (1987, p. 200),

O novo da moda é antes de tudo um signo distintivo, um “luxo de herdeiros”: longe de destruir as disparidades sociais diante dos objetos, a moda “fala a todos para melhor recolocar cada um em seu lugar. É uma das instituições que melhor recupera, que funda, sob pretexto de aboli-la, a desigualdade cultural e a discriminação social.

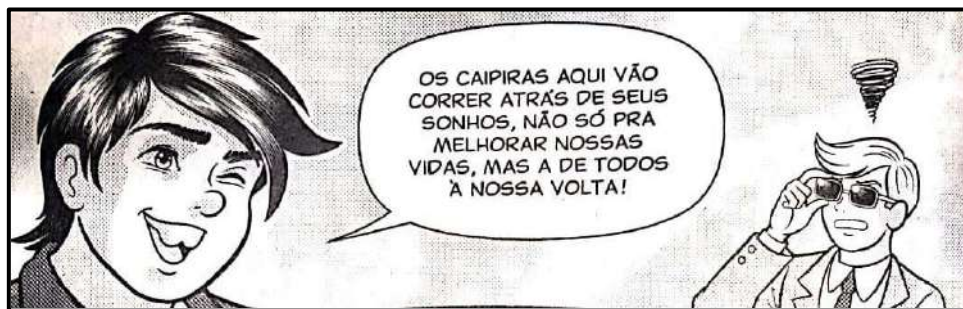
Terno, gravata, óculos escuros, um rebanho de gado e um carro de luxo são mais do que

suficientes para mostrar ao leitor o lugar de cada personagem ou a classe à qual ele pertence. Podemos perceber que, mesmo CB estando visualmente mais moderno, nesse gibi é possível encontrar outras formas de mostrar que ele ainda não está dentro do padrão estabelecido pela sociedade, ou seja, ele precisa percorrer um longo caminho para chegar ao padrão de um jovem de classe média alta ou de um jovem da cidade.

Essa diferença entre campo e cidade não é atual e, para nós, representa uma luta de poder. A tentativa de mostrar o poder é visível na figura 10, quando Genésio grita com os jovens de Vila Abobrinha. Segundo Hall (2016, p. 196), os estudiosos Gramsci e Foucault tinham ideias semelhantes sobre o poder: “Para Gramsci e para Foucault, o poder também envolve o conhecimento, a representação, as ideias, a liderança e autoridade cultural, bem como a restrição econômica e a coerção física”. Por isso, acreditamos que as questões de poder se fazem presentes nessas análises, ao observar, em diversos momentos, pessoas de classe média ou de classe superior à de CB tentando oprimi-lo com ofensas e agressividade.

Em seguida, no mesmo diálogo com Genésio, a imagem representa esse anseio de mudança de vida e a alegria do jovem do campo em poder cursar o Ensino Superior para mudar sua vida e de todos à sua volta.

Figura 12 – Em busca de seus sonhos



Fonte: SOUSA, 2013, nº 1, p. 46.

O quadrinho anterior nos remete à autoestima de CB ao dizer que os caipiras vão correr atrás de seus sonhos para melhorar suas vidas e de todos a sua volta. Afinal, esse é o principal motivo que leva os personagens desse gibi a buscarem a formação superior. A ideia de um campo tranquilo e feliz trazida na maioria das versões do gibi tem relação com a realidade. Afinal, ele é menos turbulento do que a cidade, mas sabe-se também que a vida no campo é marcada por muito trabalho pesado, poucos recursos financeiros e dificuldades para acessar alguns direitos como saúde e educação. Por isso, julga-se que essa representação dos jovens que sonham com um futuro melhor por meio do Ensino Superior pode fazer sentido para os jovens deste século, inclusive aqueles do campo, principalmente se colocarmos em discussão

os avanços tecnológicos e a vida moderna urbana.

Essa forma de representar o jovem do campo que se preocupa com a vida na sua localidade e não quer se desvincular dela é relevante, já que o Brasil, segundo Martine e Camargo (1984, p. 127), entre os anos 1960 e 1970, enfrentou um aumento significativo no êxodo rural. Por isso, pensar em campo é muito mais que pensar em plantar, colher e criar; é pensá-lo como espaço de vida, de tranquilidade, de sossego, de disseminar a cultura, as raízes e os saberes. Pensa-se também que as juventudes do campo podem ser responsáveis para aproximá-lo da cidade, mostrar as suas diferenças e as suas qualidades, sem a necessidade de sair dele.

Outro ponto importante observado na saída do campo é a gratidão do jovem CB às pessoas que o ajudaram desde a infância. Uma dessas pessoas é sua ex-professora, cujo nome é Marocas, que o viu crescer e acompanhou todo o processo educacional do personagem até o momento de dar o resultado do vestibular a ele e seus amigos. Os próximos quadrinhos retratam a relação entre ele e a professora, bem como o sentimento de orgulho dela e a gratidão do jovem.

Figura 13 – Orgulho e gratidão



Fonte: SOUSA, 2013, nº 1, p. 54.

É sabido que essa representação se assemelha também à realidade de muitos alunos no contexto rural e urbano, onde a gratidão aos professores toma conta ao se deparar com as primeiras conquistas da vida adulta. Cabe-nos aqui refletir sobre essa representação, no intuito de pensarmos a respeito da importância do contexto educacional para as crianças e jovens do campo. É relevante pensarmos que, muitas vezes, a população do campo vive parcialmente isolada, e a escola torna-se um local de novas aprendizagens, acolhimento, lazer e socialização. Sendo assim, a relação entre professor e aluno ultrapassa os muros ou “as cercas” da escola. Essa cena me fez lembrar de bons momentos na escola e na universidade. Pensando a respeito dos sentimentos e das lembranças gerados por essas imagens, voltamos à teoria de Eisner (2005, p. 19) quando ele escreve que “as imagens são mais legíveis quando são facilmente reconhecidas... e ao relembrares uma experiência comum, elas evocam a realidade”. Por isso,

as imagens ajudam nessas análises, pois complementam o texto e nos aproximam da realidade.

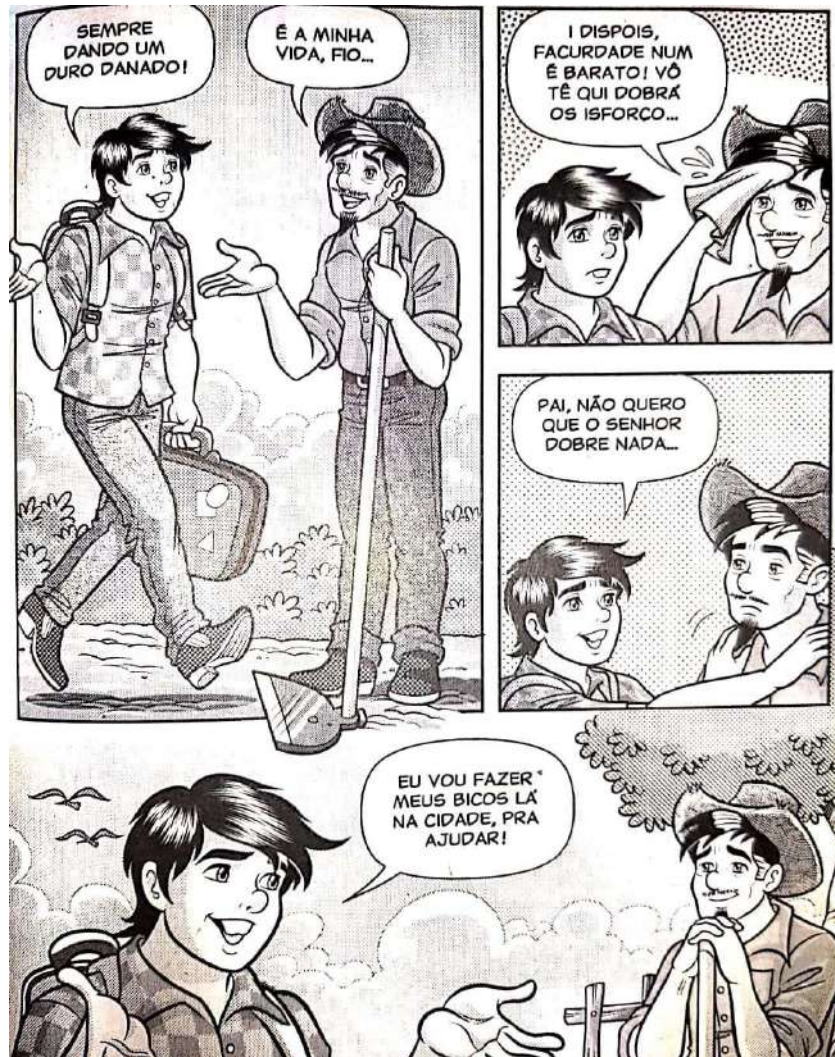
Além da relação interpessoal, o gibi nos faz pensar sobre a importância da educação do campo e para o campo que atenda às reais necessidades dessa população bem como para auxiliar nesse processo de socialização das crianças e jovens dessas localidades. A respeito dessa educação do campo e para o campo, Garske (2012, p. 23) aponta que

o pressuposto básico da educação do campo, no atual contexto, é a construção de uma proposta de educação escolar que tenha como ponto de partida os interesses e as necessidades dos trabalhadores que vivem do e no meio rural, uma proposta que tenha como horizonte a transmissão de um saber teórico e prático atualizado e articulado a esse meio e articulado com um projeto histórico e social, que possa facultar melhores condições para a sua inserção no mundo do trabalho, das relações sociais e da cultura.

A partir da visão da autora e das representações nesse gibi, acredita-se que a educação escolar no e do campo é um dos meios mais eficazes para inserir as pessoas do campo na sociedade. Por conta da educação, acreditamos que essa população que vive parcialmente isolada terá mais acesso aos avanços tecnológicos e aos conhecimentos científicos. Além disso, terão mais oportunidades de vivenciar experiências capazes de mudar suas vidas e a vida da comunidade.

Chegado o dia de sua partida, CB se dirigiu ao pai, que trabalhava na roça. Nesse momento, surge uma questão relevante sobre a universidade para a qual CB foi aprovado. A seguir, os quadrinhos do gibi representam esse contexto da relação entre pai e filho e, mais uma vez, dá ênfase ao dialeto do pai de CB.

Figura 14 – Trabalhar o dobro para pagar as despesas



Fonte: SOUSA, 2013, nº 1, p. 71.

Percebe-se que CB já está com a maleta pronta para viajar, e seu pai está no trabalho. A partir do diálogo dos personagens, notam-se alguns pontos relevantes para análise. O primeiro é que o trabalho no campo não para, pois, mesmo estando no momento da partida do filho, o pai não pode deixar o trabalho, afinal, todo o sustento da família vem da lida árdua na roça. O segundo é a relação amigável entre pai e filho: nota-se a preocupação do pai em conseguir manter o filho na universidade e o filho que se preocupa com o trabalho dobrado do pai, por isso, decide que fará bicos para ajudar nas despesas. Quando o pai diz que precisará dobrar os esforços para manter o filho na faculdade, faz-nos pensar que a faculdade onde CB irá estudar é privada. Entretanto, na edição nº 5, o gibi ressalta que a universidade é federal, como apresentado na figura que segue.

Figura 15 – Carteirinha de estudante



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 20.

É possível perceber que CB entrou na Universidade Federal de Agronomia. Nesse caso, podemos observar que o pai de CB não estava falando dos gastos com o curso em si, mas com moradia, materiais escolares etc, já que o cartão de estudante na universidade federal permite ao jovem economizar com alimentação, porém, as despesas com moradia seriam inevitáveis. Não podemos deixar de ressaltar uma questão de classe que se faz presente nesse recorte, afinal, CB é de uma família de agricultores familiares que vivem de seus próprios trabalhos no campo. Portanto, concluímos que a fala do pai de CB sobre dobrar os esforços e o próprio Chico de dizer que também fará trabalhos para ajudar nas despesas é uma questão de sobrevivência, afinal, qualquer quantia a mais nos gastos da família pode representar um problema sério que poderia atrapalhar na manutenção da vida na cidade.

Para chegar a essa conclusão, foi necessário compreender a natureza estrutural das histórias em quadrinhos. Nas teorias que envolvem os quadrinhos, McCloud (1995, p. 63) nos orienta que o ato de “observar as partes, mas perceber o todo” é chamado de ‘conclusão’. Ele também escreve que a conclusão é a “gramática dos quadrinhos” (p. 67), ou seja, ela é fundamental para a compreensão das informações que se pretende com determinada sequência de quadrinhos. Além disso, McCloud (1995, p. 69) salienta que “nas histórias em quadrinhos a conclusão cria uma intimidade que só é superada pela palavra escrita, um pacto secreto entre o criador e o público”. Por isso, consideramos que o conceito trazido por esse autor nos auxilia nessa análise, pois, mesmo que as palavras não sejam decisivas para essa conclusão, pode-se perceber, com base nas experiências culturais anteriores, que o personagem pertence a uma família de classe trabalhadora e que precisará dobrar os esforços para se manter na cidade até que conclua o curso.

Para Eisner (1999, p. 07), esse diálogo entre o criador dos quadrinhos, a linguagem utilizada e o público é crucial.

As histórias em quadrinhos comunicam numa “linguagem” que se vale da experiência visual comum ao criador e ao público. Pode-se esperar dos leitores modernos uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra e da tradicional decodificação de texto. A história em quadrinhos pode ser chamada “leitura” num sentido mais amplo que o comumente aplicado ao termo.

Por isso, foi possível chegar a tais interpretações, levando em consideração a conclusão de McCloud (1995) e a relação entre criador, linguagem e público de Eisner (1999), pois a mistura entre imagem e palavra nos permitiu essa leitura.

O terceiro ponto relevante nessa representação é a vestimenta de CB e a mala de roupas que ele porta. Nota-se que o jovem está vestindo camisa xadrez e calçando botinas. Essa representação nos faz pensar a respeito das roupas que o jovem possui, que se assemelham ao estilo da versão infantil, a diferença aqui é que ele não está descalço. Consideramos que a camisa xadrez e a botina tornaram-se símbolos do campo e são usados para representar o caipira. Scott McCloud (1995, p. 27) chama de “ícone” as imagens que chamamos de símbolos. Esses símbolos são “imagens que usamos para representar conceitos e ideias”. Acreditamos que Maurício de Sousa se apoderou desses símbolos para tornar o personagem mais conhecido e reconhecido. Isso nos faz compreender parte da estereotipagem presente na representação desse personagem.

A questão da mala que citamos anteriormente nos transmite a ideia de que o jovem possui poucas peças de roupas, já que ele está mudando para a cidade apenas com uma mochila de costas e uma pequena mala de mão. Essa questão pode passar despercebida, mas pode também ser analisada com diferentes olhares. Este estudo observa que a vida no campo, por ser mais simples que a vida na cidade, torna menos necessário o autoconsumo em bens materiais. Entretanto, nos remete também à imagem estereotipada dos jovens do campo, aquela que o representa como padrão. A respeito desse modelo de juventude, gostaríamos de referenciar as contribuições de José Machado Pais (1990), quando ele vem esclarecer em seu texto *A construção sociológica da juventude*, algumas ideias importantes para pensarmos a respeito da diversidade dessas juventudes¹⁰.

Com efeito, a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bourdieu, o facto de se falar dos jovens como uma unidade social, um grupo dotado de interesses comuns e de se referirem esses interesses a uma faixa de idades constitui, já de si, uma evidente manipulação. Na verdade, nas representações correntes da juventude,

¹⁰ Consideramos usar o termo no plural, por reconhecer a diversidade das juventudes do campo e fora dele, pois, usar esse termo é reconhecer que não existe um campo único. Cada jovem em suas diferentes comunidades deve ser reconhecido por suas características, especificidades, anseios etc. e suas culturas que podem ser distintas.

os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil unitária. No entanto, a questão central que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou relativas similaridades entre jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo), mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre eles existem. (PAIS, 1990, p. 140).

Foi possível perceber que, para a sociologia da juventude, é preciso observar antes de qualquer conclusão a respeito das culturas juvenis que o uso no singular não é adequado, levando em consideração que há diferenças sociais entre elas e não apenas semelhanças que podem surgir ao enquadrá-los em uma faixa de idade.

É notório que, no campo, existe uma grande diversidade de juventudes e que existem também diferentes culturas e características do campo. Mesmo que o gibi represente o jovem pertencente ao grupo da agricultura familiar, é importante ressaltar que nem todos os jovens pertencentes a esse núcleo se vestem da mesma maneira e têm as mesmas condições financeiras. Sabe-se que uma comunidade ou um determinado grupo, principalmente no Brasil, nunca é padrão, há sempre uma diversidade entre determinados grupos. Pais (1990, p. 150) complementa que

quando a juventude é considerada na sua diversidade, as vertentes de acesso à vida adulta mostram-se bastante flutuantes, flexíveis e elas próprias diversificadas. Por exemplo, poderia supor-se que a posse de um trabalho seria um meio de chegar ao lado de lá – o da vida ativa, o da vida adulta.

Portanto, a juventude precisa ser vista em sua diversidade para que não ocorra prejuízos a ela. Por essa razão, ressaltamos que a imagem estereotipada dos jovens do campo pode acarretar a reafirmação desse modo de ser camponês, que há muitos anos vem sendo veiculado pela mídia, incluindo na versão infantil do gibi CB que circula no país há quase quatro décadas. Cabe-nos defender a ideia de pluralidade do campo e principalmente do que é ser jovem do campo, contestando a representação estereotipada e questionando a ideia de um campo único, atrasado e pobre. Além disso, é preciso desmistificar a imagem do jovem do campo semelhante a CB.

Em seguida, abordaremos a representação de CB chegando à cidade, seus conflitos com a nova cultura, suas experiências e seus dilemas por pertencer a um lugar julgado como inferior.

3.2 CHEGANDO À CIDADE: DILEMAS E APRENDIZAGENS DE UM JOVEM CAMPONÊS

A partida do campo foi representada por meio de muitas despedidas, afeto familiar e esperança de um futuro melhor, porém, a chegada à cidade apresenta situações conflituosas e difíceis para o jovem que cresceu no campo. Na versão infantil, CB foi à cidade poucas vezes, geralmente, em período de férias escolares quando visitava seu primo Zeca. Por isso, para analisarmos a chegada do jovem à cidade e seus dilemas com essa nova cultura, faz-se necessário analisar uma das experiências do personagem criança, na cidade. A edição escolhida foi *Chico no Shopping*, a qual retrata a imagem de um menino sem moral e conduta, sem noção de certo e errado. Nessa edição infantil, ao chegar à cidade, o menino do campo se comporta de maneira exagerada e fora da realidade de qualquer criança que, mesmo morando fora dos centros urbanos, não se comportaria de tal maneira. A crítica a essa representação se dá ao fato de ele andar descalço no shopping, tomar banho pelado no chafariz do estabelecimento, sair de uma loja sem pagar uma botina, pois o vendedor ofereceu a ele o produto e, por isso, achou que era presente etc. São alguns exemplos de representação desse menino do campo que nos remete à ideia de que ser do campo, além de ingênuo, é não ter conhecimentos básicos para viver na cidade. Esse estereótipo que o gibi apresenta transmite uma ideia errônea do que é ser criança do campo e, conseqüentemente, diz muito aos seus leitores qual tratamento dar a uma pessoa que vem dessas localidades.

É notório que a representação da criança do campo é estereotipada, tanto na edição citada quanto na maioria das outras, porém, introduzimos esse assunto abordando uma das experiências do personagem na cidade para que possamos analisar com mais fidelidade as representações do personagem jovem.

Com a aprovação garantida, viagem marcada e malas prontas, chega a hora de o jovem CB partir para a cidade. Tudo estava certo, seu primo Zeca estava esperando na rodoviária para então levá-lo à república onde o jovem moraria. Entretanto, CB chega à rodoviária e não encontra seu primo que, de imediato, decide lhe fazer uma ligação por meio de um telefone público. Nesse momento, o jovem é surpreendido por um ladrão que lhe rouba sua mala. Esse trecho da história apresenta os primeiros preconceitos sofridos pelo jovem ao chegar à cidade, pois, ao se dirigir a uma moça para pedir ajuda, o personagem é confundido com um mendigo. Os quadrinhos a seguir mostram a reação da mulher quando CB se aproxima e a reação assustada do próprio jovem diante do ocorrido.

Figura 16 – Confundido com um mendigo



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 23.

Percebe-se que a aparência do jovem foi motivo para que a mulher da cidade, representada no gibi, o ignorasse e evitasse ajudá-lo. O fato de o jovem estar usando o chapéu de palha, que a princípio foi colocado para que seu primo o reconhecesse na rodoviária, foi aparentemente usado como desculpa para não ajudar o jovem, pois ele seria um mendigo por portar o acessório. Aqui podem-se fazer alguns questionamentos: a mulher não o ajudou por causa da sua semelhança com um mendigo? E se fosse um mendigo, por que ela não o ajudaria? Essa representação do jovem camponês, comparado a um mendigo, pode influenciar no preconceito contra essas pessoas? Esses questionamentos podem nos ajudar a refletir a respeito dessas representações veiculadas pela mídia, tanto da pessoa do campo quanto do próprio mendigo. O gibi, certamente, quis mostrar o descaso das pessoas da cidade com os camponeses, porém, acredita-se que, nesse caso, o ideal seria romper com essa ideia de que gente do campo só usa chapéu de palha, botinas e camisa xadrez. A representação estereotipada causa certo desconforto para quem é do campo, pois, a todo momento, ela transmite a ideia de incapacidade e ingenuidade tamanha do camponês, capaz de prejudicar o seu desenvolvimento na cidade. Por isso, acredita-se que a representação estereotipada pode trazer inúmeros prejuízos para as pessoas representadas, pois, segundo Freire Filho (2004, p. 47), o estereótipo “reduz toda a variedade de características de um povo, uma raça, um gênero, uma classe social ou um ‘grupo

desviante’ a alguns poucos atributos essenciais supostamente fixados pela natureza.”

Ao analisar os traços apresentados pelos personagens, nota-se a feição de espanto ou incômodo de CB ao ser tratado com tanto descaso, principalmente, pelo fato de a mulher sequer ouvir o que ele tinha a dizer e, já de imediato, compará-lo a um mendigo. Notam-se também os traços que demonstram descaso e impaciência da mulher e as expressões de surpresa da criança ao ver um homem com um chapéu “engraçado”. Os quadrinhos sugerem que aquela criança nunca tinha visto um chapéu de palha ou que não conhecia outras formas de se vestir. Além disso, a personagem que representa a mãe da criança reconhece o chapéu como um acessório usado pelos mendigos para pedir esmolas, demonstrando descaso com a aparência do jovem e dos mendigos. Provavelmente com o intuito de transmitir aos leitores a imagem que aquela mulher teve de CB, o último quadrinho mostra o jovem com traços diferentes, na tentativa de retratar com mais fidelidade a suposta imagem de um mendigo. Infelizmente, sabemos que o estereótipo pode causar essa rejeição ou esse pré-conceito. Por isso, concordamos com Pereira (2005, p. 75) quando ela diz que “as impressões iniciais sempre podem ser corrigidas, a partir de novos conhecimentos, novas experiências; mas a tendência que prevalece é a do ‘repouso no estereótipo”.

Sabendo que o gibi é um produto capaz de educar, gostaríamos de ressaltar a força dessa representação para a construção da imagem estereotipada dos jovens do campo, principalmente, ao representá-los no contexto urbano. Pode-se perceber que a chegada de CB à cidade é motivo de espanto, confusão e preconceito, como se o jovem não se encaixasse nos padrões urbanos.

Na sequência dessa história, ainda na edição nº 2, CB avista o ladrão que roubou sua mala e corre para alcançá-lo. Nessa tentativa, sai correndo pela rua, entre os carros e fora da faixa de pedestre.

Figura 17 – Correndo entre os carros



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 25.

A princípio, o gibi chama a nossa atenção com imagens fortes – o jovem correndo, os carros, os motoristas com feição de raiva –, em seguida paramos para ler as falas dos personagens. A intenção é prender a atenção do leitor; após esse feito, a história faz sentido com as falas dos motoristas que se deparam com CB correndo no meio da rua. Segundo as teorias de Eisner (2005, p. 55), “nos quadrinhos o controle sobre o leitor é conseguido em dois estágios: atenção e retenção. A atenção se consegue com imagens provocantes e atraentes. A retenção é obtida através de uma organização lógica e inteligível das imagens”. Fomos aprisionados por essa imagem que surgiu de repente na revista, então, acreditamos que a teoria das narrativas gráficas de Eisner faz muito sentido para nossa análise, pois, em diversos momentos, nos encontramos realizando uma leitura semelhante a essa que o autor nos orienta. Nesse caso, somos parte desses leitores em que os quadrinhos tiveram controle sobre nós.

Nossa intenção não é dizer se o personagem se comporta adequadamente ou não ao entrar na frente dos carros para pegar o ladrão, mas ressaltar que, mais uma vez, ao representar o jovem do campo na cidade, o gibi traz a palavra *caipira* de maneira pejorativa. Nesse caso, o caipira é aquele com vestimentas diferentes, sem noção do perigo, que corre entre os carros em busca de recuperar sua mala roubada. Não nos convém julgar a ideia do autor ao representá-lo dessa forma, mas cabe-nos discutir a ideia que chega até os leitores desse gibi. Essa imagem

transmitida tenta nos convencer da suposta irresponsabilidade de CB, bem como sua astúcia em querer recuperar o que é seu, ao mesmo tempo, reflete a ideia de que o jovem não tem conhecimento para buscar ajuda de guardas ou policiais, ou que deveria se atentar ao sinal de trânsito antes de sair correndo pela rua. Enfim, são inúmeras formas de representar esse jovem que carece atenção, pois acredita-se que essas imagens transmitidas pelo gibi CBM potencializam o mesmo estereótipo veiculado na mídia há muitos anos, inclusive na versão infantil desse produto.

As representações do jovem do campo como “estranho” continuam no decorrer da história. Os quadrinhos a seguir mostram o momento em que CB se aproxima de duas crianças que, aparentemente, estão conscientes de não poder falar com pessoas estranhas. No segundo balão, a palavra *estranho* ganha um sentido ofensivo e preconceituoso.

Figura 18 – Uma pessoa muito estranha



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 27.

Nota-se, com clareza, que as duas crianças demonstram estar assustadas ao ver CB e evitam falar com o jovem devido ao fato de ele ser uma pessoa estranha, que no primeiro balão se refere à pessoa desconhecida, porém, no segundo balão, a palavra “estranho” foi usada para se referir a sua aparência. Não poderíamos deixar de analisar essa imagem, pois ela transmite uma das formas de representação que esta pesquisa tem buscado analisar: a representação estereotipada do jovem do campo e como a população da cidade vê essas pessoas. O próprio gibi, que há anos tem representado as pessoas do campo como desajeitadas e estranhas, nessa versão jovem, apresenta-nos como a sociedade tem construído a imagem dessas pessoas e como ela reage diante de uma pessoa com trajes ditos caipiras. Porém, acredita-se que essa

inferioridade que se prega contra as pessoas do campo seja fruto da própria indústria cultural, incluindo o gibi da turma do CB que circula nas bancas desde 1982. O estereótipo aumenta a cada cena, a cada imagem, a cada texto, a cada quadrinho e a cada balão; não dá para negar que quanto mais se transmite o estereótipo, mais ele se torna aceito e veiculado. A respeito dessa forma de ver as pessoas, McCloud (1995, p. 38) ressalta que “nossa identidade e consciência são investidas em muitos objetos inanimados todos os dias. Nossas roupas, por exemplo, podem transformar a maneira dos outros nos verem e de nós nos vermos”. A partir disso, é preciso pensar nos prejuízos causados por essa representação, principalmente ao analisarmos o desapontamento do personagem CB quando as crianças o ignoram. A cena deixa-nos reflexivos, pois teme-se que esse tipo de situação possa ultrapassar as páginas do gibi e se fazer real no dia a dia de muitas pessoas do campo que decidem migrar para as cidades.

Outra cena que pode complementar essa ideia será apresentada a seguir. Ela reproduz a visão dos citadinos em relação ao jovem do campo, como se ele fosse observado pelas pessoas da cidade e fosse tão diferente ao ponto de ser reconhecido por suas roupas, chapéu e forma de se comportar.

Figura 19 – Reconhecendo CB na cidade



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 27.

Pode-se observar que Zeca, o primo de CB, ressalta a forma de vestir do jovem como solução para encontrá-lo em meio às pessoas da cidade, e a fala do homem também afirma que o fato de ele usar chapéu e sair correndo entre os carros sem observar o semáforo julga-se que o jovem não é da cidade e não conhece a realidade urbana. Nesse caso, acredita-se que uma

pessoa do campo, que não tem contato com a cidade, pode ter dificuldade de entender as regras de trânsito, mas a forma de retratá-lo no gibi como estranho, ao nosso ver, enfatiza ainda mais o preconceito contra essas pessoas. Porém, no último balão, o gibi mostra CB se defendendo e dizendo que colocar o chapéu funcionou para que seu primo o encontrasse mais facilmente, esclarecendo aos leitores que usar o chapéu foi uma estratégia, além de afirmar que conhece semáforo. Acredita-se que a sobreposição das imagens no mesmo quadrinho tem a finalidade de apresentar as falas dos personagens em diferentes lugares e tempos. Nesse caso, o primeiro balão representa Zeca falando para CB ao encontrá-lo; o segundo balão aponta o momento em que ele pedia informações à procura do primo; e o terceiro em que CB comenta as falas anteriores. Mas, como diz McCloud (1995, p. 196, grifo do autor), “os quadrinhos que eu ‘vejo’ em minha mente, **nunca** vão ser vistos de forma idêntica por outra pessoa”. Temos que concordar com o autor, pois acreditamos nessa leitura pessoal, de acordo com a nossa experiência de vida e nossa leitura de mundo.

Para finalizar as análises das experiências de CB ao chegar à cidade, abordaremos um tema bastante questionado durante as leituras desse gibi: ele se refere à ingenuidade que se prega a esse personagem. Em diversos momentos, a representação das pessoas do campo no gibi CB e CBM se dá como se essas pessoas fossem ingênuas e, por isso, faz-se necessário discutir sobre o conceito de ingenuidade e o sentido desse termo retratado nesse produto. Para fortalecer essa discussão, escolheu-se a cena abaixo, a qual apresenta Zeca alertando Chico dos possíveis riscos para uma pessoa “ingênuo” ao andar pela cidade.

Figura 201 – Gente ingênuo



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 28.

A imagem retrata a visão do primo da cidade em relação a CB. A fala do personagem deixa explícito que ele vê o primo como uma pessoa ingênua e suscetível a ser roubada por não ter malícia ou instrução para lidar com os perigos da cidade. Entretanto, os traços que desenham Chico apresentam-nos a ideia de discordância do jovem quando Zeca o trata como ingênuo. O que nos parece é a intenção de reforçar a imagem que as pessoas da cidade têm sobre os camponeses e a reação de um camponês diante do estereótipo que é imposto sobre ele. A partir desse recorte, precisamos refletir sobre a suposta inocência das pessoas do campo e a superioridade dos cidadãos. Como ressaltamos no capítulo anterior, Giroux (2013, p. 133), ao analisar a inocência pregada pela *Disney Company*, considera que “quando a política se veste da inocência, existe algo mais em jogo do que a simples mentira”. Para ele, a inocência é muito mais do que uma simples representação. Ela serve para ensinar as pessoas. Por meio desse poder de ensinar algo com a imagem inocente, acontece o que ele denomina como *pedagogia da inocência*. Giroux (2013, p. 136) considera que “a aparência de aventura feliz e inocência infantil, embora atraente, encobre, neste caso, um universo cultural amplamente conservador em seus valores, colonial em sua produção de diferenças raciais e classe média em sua descrição dos valores de família”.

Analisando o pensamento desse autor e trazendo para a realidade desta pesquisa, acreditamos que esse discurso da inocência ou da ingenuidade pode recair sobre os camponeses com um sentido de “*bobinho da roça*”, como se essas pessoas não estivessem preparadas para sobreviver fora do campo. Não queremos impor nenhuma verdade, mas é urgente pensar nessas questões para que seja possível vencer o preconceito e reconhecer que as pessoas do campo não são tão *ingênuas*, apenas vivem uma realidade diferente e não são obrigadas a seguir os padrões urbanos. Assim também, as pessoas da cidade podem ser consideradas ingênuas ao lidar com situações do cotidiano rural, por isso, acreditamos que não é o fato de ser do campo que torna as pessoas ingênuas, mas por pertencerem a uma realidade diferente e que precisa ser respeitada.

Enfim, a chegada à cidade foi marcada por muitas experiências ruins e pode-se dizer que cada uma delas tem um papel educativo para os leitores. O que se coloca em questão são as formas como os diferentes leitores podem ver essas representações e se possivelmente associam com a realidade. Acredita-se que, mesmo o gibi apresentando a imagem estereotipada e o jovem do campo se defendendo dessa visão cidadina, a representação da pessoa incapaz e ingênuo fortalece o preconceito e pode influenciar os jovens do campo a mudar seu modo de ser para se adaptar ao padrão urbano. Por isso, o próximo tópico trará discussões dessa relação dos jovens camponeses com a cidade, as pessoas e a cultura urbana.

3.3 UM JOVEM DO CAMPO NA CIDADE: A ACEITAÇÃO

Certamente, a maioria dos jovens que decide cursar o Ensino Superior em outra cidade passou pela experiência da mudança. A mudança é necessária quando não se encontra em sua localidade o curso desejado ou a universidade almejada. Porém, mudar de uma cidade para outra não deve ser uma tarefa tão difícil quanto mudar do campo para a cidade e, principalmente, mudar o seu jeito de ser, vestir, falar, andar e comunicar. Iniciamos este tópico com essa ideia de mudança, pois as transformações pelas quais o jovem CB passou nas histórias desse gibi apontam que ele lutou contra sua própria cultura para se adaptar ao meio urbano, tudo isso para fugir do preconceito. Mas mostraremos, com as próximas análises, que, mesmo o personagem se esforçando para se adaptar, o gibi apresenta diversas situações em que o jovem sofre discriminação por sua maneira de ser. Com isso, buscaremos refletir sobre o que é ser jovem do campo e como esse produto representa a aceitação desse jovem na cidade.

A edição nº 2 trata das experiências de CB ao chegar ao local onde deveria morar durante o curso. Esse local é uma república arranjada por seu primo Zeca, que conhece um dos garotos que reside no local, porém, CB teve alguns enfrentamentos ao conhecer os jovens que moram na república. Para que fique mais clara a diversidade entre os moradores, apresentamos o quadrinho a seguir com as imagens dos personagens e suas principais características.

Figura 21 – Os colegas da república



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 15.

À esquerda está Jácomo, um jovem acima do peso que ama dormir e comer. Nessa

edição, nota-se que ele sente muita falta da mãe. A princípio, Chico teve alguns problemas com o colega, mas com o tempo tornaram-se amigos. No meio, encontra-se Jurandir, mais conhecido como Jura, um jovem bastante agitado, que gosta de ouvir música alta (em especial rock), é sarcástico e zomba dos colegas, principalmente de CB. Jura também tem o hábito de roubar comida alheia da geladeira, o que deixou Chico muito revoltado. E, por último, à direita, está um jovem de origem coreana chamado Lee que, por sinal, odeia ser chamado de japonês ou chinês. Ele é um típico nerd, não suporta ser incomodado quando está estudando e, geralmente, é organizado e dedicado, porém não interage com os colegas e não participa dos momentos de diversão com os outros jovens, pois seu foco são os estudos.

Pelo que se percebe, o gibi trouxe uma diversidade entre os jovens da república, o que gera conflitos com a chegada de CB, pois, repetidamente, o jovem é alvo de piadas. A partir desse momento, traremos uma sequência de recortes que mostram o preconceito dos jovens da república contra CB. Mostraremos como os jovens da cidade o veem e refletiremos a respeito dessa representação. Iniciaremos essas análises com o momento após CB ser apresentado aos novos colegas de república e a reação de Jurandir ao vê-lo.

Figura 22 – Comparado a um personagem de programa humorístico



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 30.

Percebe-se que a fala de Jurandir se aproxima do que estamos discutindo neste trabalho, pois, ao comparar CB com um personagem de programa humorístico, é possível notar o preconceito e o sarcasmo do jovem ao julgá-lo pela aparência. Esse quadrinho nos faz refletir a possibilidade de uma pessoa do campo, que traja roupas simples, de ser tachada como diferente e inferior, dando liberdade àqueles que se acham superiores de ridicularizá-la. Vale ressaltar que este estudo não generaliza essa visão de campo e cidade, porém, o próprio produto traz uma ideia do que é ser jovem do campo e da cidade, além de representar, ao nosso ver, o próprio preconceito trazido por essas representações. Por isso, cabe-nos aqui refletir a respeito

dessa representação e buscar, no decorrer das análises, contribuir com a discussão sobre os efeitos da imagem estereotipada transmitida pela mídia e diversos produtos da indústria cultural.

Eisner (2005, p. 21), ao falar sobre as imagens estereotipadas nos quadrinhos, afirma que

a arte dos quadrinhos lida com reproduções facilmente reconhecíveis da conduta humana. Seus desenhos são o reflexo no espelho e dependem de experiências armazenadas na memória do leitor para que ele consiga visualizar ou processar rapidamente uma ideia. Isso torna necessária a simplificação de imagens, transformando-as em símbolos que se repetem. Logo, estereótipos.

Partindo dessa concepção, acreditamos que o estereótipo é necessário para histórias em quadrinhos, principalmente quando há uma sequência a qual exige do leitor o reconhecimento dos personagens. Porém, o estereótipo da pessoa do campo, como sabemos, não é apenas visual, ele carrega uma marca de inferioridade gigantesca que pode causar a discriminação contra essas pessoas, levando em consideração que nem todas as pessoas do campo são iguais.

Em seguida, CB é vítima de piadas novamente por parte de Jurandir. Vejamos, nos quadrinhos a seguir, que Jurandir se diverte ao tratar Chico como uma curiosidade e chama os amigos para vê-lo.

Figura 23 – Vítima de piadas e zombarias



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 33.

Para muitos leitores desse produto, possivelmente seja uma parte engraçada e cômica, mas, para quem analisa o poder dessa representação na disseminação do preconceito contra as

peessoas do campo, esse torna-se um dos trechos mais pesados e representativos em relação à diversidade cultural e à dificuldade de aceitá-la e respeitá-la. Ao se referir a CB como “*matutis caipirandus*”, Jurandir está tratando o jovem como um ser de outra espécie, não o chama pelo nome e refere-se a ele apenas como um caipira, como se o fato de ser caipira o tornasse inferior a ele e aos outros jovens. O fato de se referir a CB como sendo de outra espécie pode significar também a sua desumanização, ou seja, o fato de ele não ser “humano”.

A partir dessa imagem, precisa-se pensar em como está sendo transmitida a imagem das pessoas do campo e como essas pessoas são vistas na cidade. Seria exagero dizer que os cidadãos são preconceituosos com os camponeses? E seria também exagero o fato de o próprio produto mostrar esse preconceito? A partir das representações nos diversos meios já citados, como gibis, revistas, programas de TV, filmes, novelas etc, acreditamos que não seja exagero, mas sim uma realidade que se presencia há muitos anos na mídia. Um dos detalhes que contribuem para a disseminação desse estereótipo é a linguagem dos quadrinhos e mais especificamente a circularidade entre palavra e imagem. Segundo Fronza (2012, p. 385), as histórias em quadrinhos são uma arte específica com sua própria linguagem. O autor ressalta que, nesses artefatos da cultura histórica, não existe a separação entre palavra e imagem, mas sim uma circularidade entre elas. Nesse quadrinho, por exemplo, além da linguagem verbal, a imagem deixa nítido o sarcasmo de Jurandir, ao mesmo tempo em que as imagens demonstram a reação negativa de CB ao ouvir a fala do colega. Essa circularidade entre palavras e imagens nos ajuda na interpretação desse contexto e nos faz compreender que Jurandir é sarcástico, pois expressa humor em suas falas e gestos, mesmo que esse humor seja ofensivo para CB. Essa ideia nos revela o sentido de os quadrinhos fazerem tanto sucesso e serem aceitos pelo público, já que essa junção entre imagem e palavra faz toda a diferença para a simplificação de suas histórias. Consideramos também que esses produtos da indústria cultural educam seus leitores sobre quem são as pessoas do campo por meio de palavras e imagens.

Na sequência, os quadrinhos mostram CB revoltado com a forma com que os jovens da cidade olham para seus trajes.

Figura 24 – CB torna-se o centro das atenções



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 34.

Pode-se perceber que tanto Jácomo ao ver o chapéu quanto Lee ao ver o cachecol ficam perplexos com os acessórios de CB. Entende-se, a partir dessas imagens, que os jovens nunca haviam visto algo parecido pessoalmente, inclusive Jácomo achava que o chapéu de palha fosse coisa de filme, o que nos remete novamente à ideia de que a representação do camponês na mídia pode ser a única imagem que os jovens da cidade têm de um camponês. Pereira (2005) nos revela que

no processo de representação, os meios destacam muitas vezes também o que consideram típico ou característico de uma pessoa ou de um grupo, e estendem esses aspectos às demais pessoas de uma comunidade. Não consideram as diferenças culturais, os diversos modos de interpretação de situações, e nem tampouco preocupam-se em saber se as imagens mostradas são aquelas que em uma determinada pessoa ou grupo elegeria como representação própria. (PEREIRA, 2005, p. 83).

Sendo assim, percebe-se que essa representação do jovem recém-chegado à cidade nos mostra que a intenção é justamente dizer que ele é diferente, não apenas na linguagem, mas também fisicamente. O chapéu de palha, a camisa xadrez e o cachecol de tricô são exemplos dessa imagem do camponês que permitem a diferenciação entre os jovens da cidade.

Além disso, o gibi representa muito bem os traços dos jovens. A boca aberta de Jácomo

e Lee demonstra espanto, admiração e surpresa. Os traços que representam a ira de CB ao perceber que ele virou o centro das atenções por ser diferente dos demais, como os braços erguidos, a boca aberta e as sobrancelhas flexionadas são importantes para a aproximação do leitor com o contexto da história.

O próximo recorte traz novamente a ideia de que os jovens da cidade não conhecem a realidade de Chico e criam as suas imagens do que é ser jovem do campo antes de conhecer CB. Em um dos momentos em que Chico fica com raiva da forma com que é tratado pelos colegas, ele usa o termo “ARA”, como forma de expressar a sua indignação. A partir desse momento, o quadrinho traz à tona o que aqueles jovens pensam a respeito de CB.

Figura 25 – Como os jovens da cidade veem CB



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 35.

O quadrinho apresenta os jovens de costas e não identifica de quem são as falas, mas percebe-se que há certa dificuldade de entender a linguagem de CB, o que nos faz pensar que os jovens da república não conhecem a linguagem do campo e seus significados. Além disso, mostra-nos que os jovens se referem com desprezo a essa linguagem. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa* (BRASIL, 1997) trazem questões relevantes sobre o preconceito linguístico. Segundo esse documento,

a Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais.

Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p. 26).

São pertinentes esses apontamentos dos PCNs, pois eles abordam como ensinar e aprender a língua portuguesa na escola. Consideramos que, por esse documento oficial de língua portuguesa trazer essas questões, as escolas deveriam dialogar mais sobre as variedades linguísticas para que situações como essa vivida pelo personagem CB não aconteçam no dia a dia. Mas sabemos que não é bem assim, tanto com as pessoas do campo quanto com pessoas de outras regiões do país. Esse documento ainda ressalta a importância da escola nesse processo de luta contra o preconceito linguístico, principalmente nas aulas de Língua Portuguesa e, para isso,

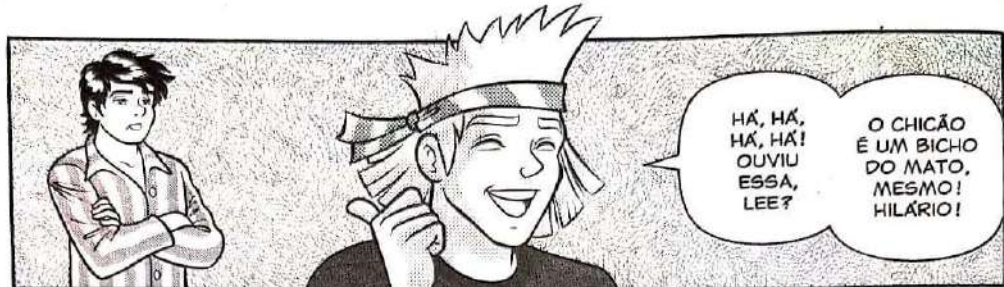
a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico. (BRASIL, 1997, p. 26).

Por isso, a escola tem um papel fundamental de trabalhar as variações linguísticas para que as crianças compreendam a diversidade cultural de nosso país e, assim, possam respeitar os alunos que não pertencem à sua comunidade ou região. Esse pré-julgamento, como podemos observar no último quadrinho, ocasiona um desconforto em CB, e a imagem do gibi dá ênfase ao rosto do jovem ao representar seu semblante triste. A tristeza trazida nesse quadrinho provavelmente seja a sensação vivida por muitas pessoas que passam por situações semelhantes, pois qualquer tipo de preconceito ocasiona a dor. CB sente-se deslocado na cidade, já que sempre viveu cercado de amigos, da família, dos animais e da natureza, sua vida sempre foi tranquila e, de repente, se vê obrigado a viver essa experiência frustrante para que possa alcançar seus objetivos.

Por fim, trazemos uma imagem considerada forte, de cunho preconceituoso, que me fez lembrar da frase “*bobinho da roça*” que se encontra na introdução deste trabalho, a qual ouvi de um colega aos seis anos de idade, na pré-escola. O quadrinho a seguir traz uma expressão tão preconceituosa quanto “*bobinho da roça*”, por isso, gostaríamos de dar ênfase a essa

imagem.

Figura 26 – Bicho do mato



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 14.

Vamos iniciar com uma análise da linguagem verbal do quadrinho. O termo “*bicho do mato*”, utilizado pelo personagem Jurandir se referindo a CB, foi empregado após Chico confundir a seguinte frase dita por Jurandir: “Oh yeah! Go! Go! Go! Go!”, que significa “Oh sim! Vai! Vai! Vai! Vai!”. Como não sabia inglês, CB achou que Jurandir estava dizendo “Gol”, por isso, o jovem pergunta: “Gol? Gol de quem? É metal ou futebol?”. Para iniciarmos essa discussão, gostaríamos de enfatizar o significado da expressão “*bicho do mato*”. Segundo o site *Dicionário Informal*¹¹, a expressão quer dizer “pessoa excessivamente envergonhada, antissocial”. Além disso, define alguns sinônimos como “jacú, caipira, introvertido, fera e bicho”. Já o site *Priberam Dicionário*¹² define como “pessoa intratável ou pouco sociável”. A par dessas definições, faz-se necessário discutir sobre a representação do jovem do campo visto como um “bicho do mato”. Essa expressão e o seu significado nos chamam a atenção devido ao fato de, aparentemente, ela ter sido utilizada com o sentido de “desprovido de conhecimento”, uma vez que foi em razão de não entender a linguagem de Jurandir que CB foi assim chamado.

Segundo Eisner (2005, p. 61) “a mídia dos quadrinhos não tem som, música ou movimento. Então, ela precisa que os leitores participem na interpretação da história. Por isso, o diálogo torna-se um elemento crítico”. Nesse quadrinho, podemos notar por meio das imagens e dos textos, que o jovem está debochando de CB. Acreditamos que o gibi, mais uma vez, por educar seus leitores, faz esse papel de ensinar novos termos ou expressões para quem o lê. Aqui, por exemplo, para leitores que não conhecem a expressão “bicho do mato” podem associá-la às pessoas do campo, de um modo geral. O que gostaríamos de enfatizar é essa naturalidade que

¹¹ Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/bicho-do-mato/>. Acesso em: 20 out. 2020

¹² Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/bicho-do-mato>. Acesso em: 20 out. 2020.

os produtos da indústria cultural têm de criar conteúdos sem pensar nas consequências que eles podem trazer para as pessoas que por eles são representadas. Isso porque, ao mesmo tempo que alguns leitores podem se colocar no lugar de CB e entender seu desconforto, outros podem se sentir representados pelo garoto sarcástico que se diverte zombando de Chico e reproduzem esse discurso pelo fato de ser transmitida a ideia de piadas engraçadas.

Ao analisarmos a linguagem visual do quadrinho, percebe-se que, novamente, é reforçada a ideia de brincadeira ou piada engraçada, pois Jurandir está sorrindo e se divertindo com a situação, além de o personagem estar no centro do quadrinho e mais próximo do leitor, enquanto CB está mais afastado e com uma feição séria. É possível que a maioria dos leitores dê ênfase à imagem principal, formada por Jurandir e a sua fala, pois, nesse momento, CB só aparece ao fundo e não responde às ofensas do colega. Por isso, considera-se necessário trazer para debates as formas de representar as pessoas do campo para que se almejem mudanças nesse cenário de inferioridade implantada nos camponeses.

3.4 UM JOVEM DO CAMPO NA CIDADE: A ADAPTAÇÃO

Por mais que a realidade da vida no campo não seja tão tranquila quanto se prega nesse gibi devido ao trabalho braçal necessário para sustentar a família, sabe-se que a cidade é muito mais turbulenta do que o campo. Além disso, viver na cidade carece de uma relação interpessoal saudável, já que é constante o contato com diferentes pessoas. Por isso, neste tópico, abordaremos os dilemas da adaptação de CB na cidade, bem como sua relação com os colegas de república e com a cultura urbana em geral.

No tópico anterior, percebemos que o gibi apresentou a dificuldade dos jovens da cidade em aceitar CB ou respeitá-lo como ele é, agora, vamos analisar como esse produto representa o processo de adaptação do jovem do campo na cidade. Portanto, este estudo traz uma análise das duas versões, tanto urbana quanto rural, abordadas nesse gibi, ou seja, não buscamos trazer para o debate apenas o preconceito dos cidadãos contra os camponeses, mas também a dificuldade do jovem camponês de se adaptar ao modo de viver na cidade. É importante ressaltar que CB não se utiliza de palavras ofensivas nem preconceituosas contra as pessoas da cidade, mas apresenta certa resistência com essa cultura até então desconhecida por ele.

Iniciaremos esta discussão com um recorte muito expressivo que aborda as tentativas de CB de se adaptar à vida urbana e, além disso, mudar seu modo de falar para que não viesse a sofrer discriminação. O acontecimento se deu após o jovem acordar de um sonho que teve com a fazenda, sua família e seus animais. Ao acordar, CB pronuncia algumas palavras que são

consideradas erradas, e ele tenta evitar essas pronúncias antes que os colegas percebam.

Figura 27 – Tentando mudar sua linguagem



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 8.

Pode-se observar que as palavras “ara”, “sonho” (no singular) e “sô” estão fora das normas da língua portuguesa. Ao perceber que falou essas palavras, o jovem se atenta ao uso dos termos e se polícia para não falar mais assim. Nesse caso, a palavra “ansim” mais uma vez foi usada para mostrar que a linguagem do jovem do campo está fora das normas. A última fala do último quadrinho nos apresenta certa preocupação de CB em relação ao fato de que os colegas possam ouvir as palavras que ele pronuncia. Esse detalhe carece de certa atenção, pois percebe-se uma imposição da vida urbana sobre a rural, ou seja, CB não pode se expressar da maneira como faz na sua localidade, pois, na cidade, essa característica não é apenas considerada diferente, mas errada e inferior. Aqui notamos que CB também possa ter desenvolvido uma rejeição contra sua própria linguagem e não apenas medo de ser criticado. A respeito dessa autocobrança que pode ser também um preconceito contra si mesmo, Bagno (2007, p. 97) nos diz que

o tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação a outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma. Infelizmente, ainda existem muitas mulheres que se consideram ‘inferiores’ aos homens; existem negros que acreditam que o seu lugar é mesmo de subserviência em relação aos brancos; existem homossexuais convictos de que sofrem de uma ‘doença’ que pode, inclusive, ser curada.

Considerar-se inferior ou que sua linguagem é inferior é algo muito sério para nós. A

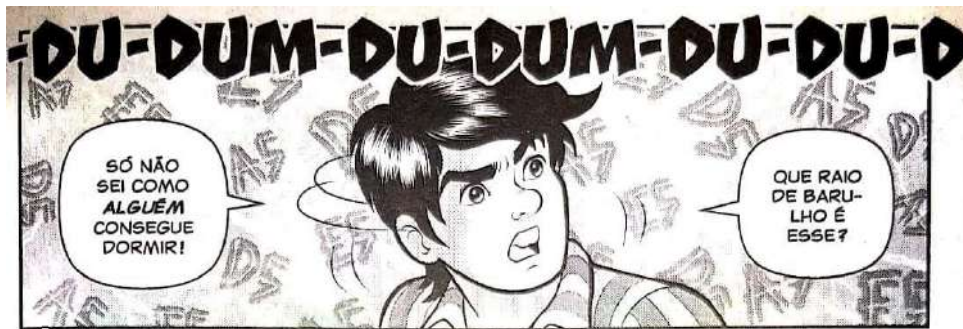
partir dessa representação de CB, precisa-se pensar nos dilemas de muitas pessoas que vivenciam essas experiências no dia a dia, como os jovens que chegam à cidade e precisam se adaptar a esse meio. É notório que as pessoas se adaptam conforme a convivência e o tempo, mas precisamos pensar que esse fato precisa ser natural e, principalmente, que não haja julgamentos de uma cultura sobre a outra.

Eu, em particular, passei pela experiência de ser corrigido quando pronunciava palavras fora das normas. É constrangedor e sei que poucas pessoas têm coragem de corrigir, a maioria zomba e faz chacota de quem fala assim, mas não são capazes de contribuir com a linguagem do outro. Não é fácil viver como um estrangeiro, onde se deparar com palavras desconhecidas é constante. Geralmente, na escola e na universidade, fazia anotações de todos os termos que não conhecia e pesquisava em dicionários e internet os seus significados, mas não tinha coragem de perguntar ao professor o seu significado, pois acreditava que seria julgado por isso. Enfim, a tentativa de CB de mudar sua linguagem para não sofrer preconceito representa a realidade e, é claro, não deixa de ser necessária para o crescimento do indivíduo como pesquisador. Tanto o personagem quanto diversas pessoas no dia a dia precisam passar por essas mudanças, muitas vezes dolorosas, porém necessárias. Mas é preciso pensar que essa mudança não deva vir acompanhada de frustrações, discriminação e preconceito, já que a linguagem verbal faz parte da cultura de uma comunidade e, por isso, deve ser respeitada.

Com isso, entende-se que o respeito à diversidade cultural no Brasil é um fator relevante para discutir na academia, pois existe nela certa competitividade, e esse espírito competitivo coloca em desvantagem muitos jovens da zona rural, de periferia ou mais afastados dos centros urbanos, pois, muitas vezes, as pessoas são julgadas pela aparência, pela condição financeira, pela localidade onde moram, pelo seu modo de falar, manifestar-se etc, podendo gerar uma imagem distorcida daquela pessoa ou de sua comunidade. Consideramos importante pensar nesses detalhes e trazer para o debate, já que a maioria das universidades públicas conta com grande diversidade de acadêmicos, e todos precisam ser acolhidos e respeitados.

Outro fator trazido pelo gibi é a poluição sonora da cidade, o que incomoda CB. Nas primeiras noites, o jovem tem muita dificuldade para dormir devido ao barulho e ao som alto. Os quadrinhos a seguir mostram um desses momentos em que o jovem se incomoda com o som alto escutado por Jurandir, que é apaixonado por rock. Ele se diverte ouvindo suas músicas com volume alto, e isso incomoda Chico, que se levanta e vai tirar satisfações com o colega. Em seguida, o segundo recorte mostra o incômodo de CB com o barulho do trânsito.

Figura 28 – Incomodado com o barulho I



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 9.

Figura 29 – Incomodado com o barulho II



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 45.

É possível perceber que o barulho incomoda CB, tanto na república quanto fora dela e, certamente, quem já viveu no campo sabe que essa dificuldade de adaptação à cidade é real e, na maioria das vezes, leva um tempo para se adaptar. É claro que não só as pessoas do campo que vão para a cidade vivenciam essa experiência, até mesmo as pessoas da cidade, quando se mudam de bairros mais tranquilos para outros mais movimentados, passam por esse processo de adaptação ao novo ambiente, mas para quem viveu no campo, que tem pouco barulho, certamente esse processo é mais lento.

Nesse recorte, somos capazes de dar som e intensidade para a cena. Essa característica dos quadrinhos exige a participação do leitor. Segundo Eisner (2005) essa participação do leitor em diferentes mídias é chamada de *aquisição*. Para ele,

a aquisição nos quadrinhos exige menos do que o texto, porque as imagens são fornecidas. A qualidade da narrativa depende da disposição de textos e imagens. Espera-se que o leitor participe. Ler a imagem requer experiência e

permite a aquisição no ritmo do observador. O leitor deve fornecer internamente o som e a ação das imagens. (EINSER, 2005, p. 73).

Por isso, as imagens e a narrativa são importantes aliadas para esta análise. A partir delas, conseguimos identificar que o jovem está incomodado com o barulho. No último quadrinho, talvez não queira dizer que ele está ouvindo todo o barulho ao mesmo tempo, mas é uma forma de o leitor concluir que CB não está gostando do movimento da cidade.

Nota-se que o gibi é fiel aos detalhes relacionados à adaptação, pois, além do som alto, ele traz vários quadrinhos que mostram CB tentando entender a tecnologia da cidade como usar a máquina de lavar e desligar o som, por exemplo. Além dessas questões apresentadas, outros fatores representam as frustrações de Chico com o novo ambiente e a dificuldade de viver nessa nova realidade. O próximo quadrinho, por exemplo, mostra a visão de CB sobre os jovens da república e sua insatisfação com o grupo.

Figura 30 – Frustrado com os colegas de república



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 15.

O que podemos perceber, nesse quadrinho, é que não apenas os jovens da cidade acham CB estranho, mas ele também tem essa visão dos colegas. Essa ideia trazida pelo gibi nos mostra que as pessoas podem ter resistência com outras formas de ser e viver, que a diferença pode ser

motivo de estranheza e, isso, provavelmente, pode gerar o que chamamos de preconceito ou discriminação. O que estamos dizendo é que a estranheza de alguns para com outros causa a ideia de que um é *certo* e o outro é *errado*, mas, por meio da presente análise, tentamos passar adiante a importância de respeitar essa diferença para que um possa aprender com o outro. Nesse caso, CB tem dificuldade de se adaptar à nova cultura, porém, esforça-se para isso sem discriminar seus amigos. No entanto, é importante enfatizar que não há a necessidade de mudar o jeito de ser para ser aceito em determinados lugares. Precisamos romper a barreira do preconceito e não esconder da sociedade quem realmente somos.

Finalizamos esta discussão a respeito da adaptação do jovem do campo com a seguinte imagem:

Figura 31 – Triste pelas dificuldades enfrentadas



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 42.

Aqui vemos de forma resumida a ideia trazida pelos recortes deste tópico, pois analisamos que o jovem do campo que chega à cidade passa por esses dilemas de se adaptar à nova rotina, e essa última imagem apresenta por meio da linguagem visual e verbal a tristeza ou a insatisfação de CB por ter de morar na cidade. A ideia geral trazida por esse produto é que

CB não gostaria de morar na cidade, pois ama o campo e, se tivesse universidade lá, ele não sairia da sua localidade, mas, como não tem Ensino Superior em Vila Abobrinha, ele teve de vivenciar essa experiência. A fala do personagem quer dizer que ele sabia das dificuldades que iria enfrentar na cidade, mas que esses entraves foram maiores do que imaginava. Essa ideia transmitida no gibi mostra-nos que o personagem não esperava que seria vítima de preconceito e chacota por parte dos colegas simplesmente por ser do campo, mas acreditava que as dificuldades seriam apenas em relação às novidades que iria vivenciar.

Por meio dessa análise, gostaríamos de instigar a reflexão a respeito da imagem que as pessoas da cidade têm em relação ao campo e vice-versa, pois as representações desses jovens demonstram que ambos têm resistência com a cultura do outro, porém os jovens da cidade se consideram mais inteligentes e superiores aos jovens do campo. Por isso, acredita-se que o poder educativo do gibi e de outros produtos da indústria cultural são fortes aliados dessa ideia de inferior e superior, pois, como já percebemos, mesmo o gibi CBM trazendo esse contexto de preconceito contra a pessoa do campo, muitas vezes essa representação vem com um sentido de comédia, o que possivelmente não muda a ideia de campo representada há muitos anos pela mídia, ou seja, o que esse gibi aborda são apenas os resultados deixados pela própria indústria cultural que há anos trabalha com a imagem estereotipada da pessoa do campo. Por isso, acredita-se que atualmente muitas pessoas da cidade não valorizam os saberes dos camponeses, pois julgam-se superiores.

4 EXPERIÊNCIAS EDUCACIONAIS DE CHICO BENTO

Neste capítulo, faremos análises de alguns recortes que vão permitir o debate sobre as experiências do personagem com o ambiente educacional, sobretudo, sua chegada à universidade, seus dilemas relacionados à linguagem dos professores, os apelidos recebidos, as críticas, bem como as vantagens nas aulas práticas do curso de Agronomia. Além disso, serão analisadas as discussões trazidas pelo gibi a respeito da importância do Ensino Superior no campo e para o campo.

As principais experiências educacionais de CB aparecem na 5ª edição intitulada *A primeira semana*. Nela, são representados diversos acontecimentos que o jovem CB vivenciou durante sua primeira semana na faculdade. Para isso, CB escreve cartas para seus familiares, seus amigos e para sua ex-professora. Por essa razão, resolvemos iniciar este capítulo com a imagem introdutória dessa edição, cujo conteúdo mostra o jovem escrevendo as cartas, e seus entes recebendo seus escritos. Para Eisner (1989, p. 62),

a primeira página de uma história funciona como uma introdução. O que e quanto entra nela depende do número de página que vêm a seguir. Ela é um trampolim para a narrativa, e, para a maior parte das histórias, estabelece um quadro de referência. Se bem utilizada, ela prende a atenção do leitor e prepara a sua atitude para os eventos que se seguem. Ela estabelece um “clima”. Ela se torna uma página de apresentação, mais do que uma simples primeira página, quando o artista a planeja como uma unidade decorativa.

É possível perceber, por meio das palavras de Eisner, que a equipe da Maurício de Sousa Produções usa com qualidade essa página de introdução, pois, ao olharmos rapidamente para ela, já é possível entender que CB está no centro dos quadrinhos escrevendo algo no papel e, ao redor, as pessoas recebendo suas cartas.

Figura 32 – Escrevendo cartas



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 7.

É possível perceber que se trata de cartas a partir da linguagem verbal escrita em cada quadrinho, pois há saudações iniciais, escritas a próprio punho por CB. Para uma melhor reflexão sobre a natureza dos quadrinhos, consideramos trazer novamente alguns conceitos de McCloud (1995) na busca de embasar nossas análises na visão desse autor. Segundo McCloud (1995, p. 67), “os quadros das histórias fragmentam o tempo e espaço, oferecendo um ritmo recortado de momentos dissociados. Mas a conclusão nos permite conectar esses momentos e concluir mentalmente uma realidade contínua e unificada”. Sendo assim, por meio do conceito de conclusão, novamente, identificamos o tempo, o espaço e, assim, foi possível identificar o momento em que ele escreve as cartas em um determinado lugar e quando seus amigos e familiares recebem as cartas em seus endereços.

O espaço entre os quadros também tem uma função e recebe uma denominação. De acordo com McCloud (1995, p. 66, grifos do autor), “o espaço entre os quadros é o que os

aficionados pelas histórias em quadrinhos chamam de sarjeta”. Para ele, “é no **‘limbo’**¹³ da sarjeta que a **imaginação humana**¹⁴ capta duas imagens distintas e as transforma em uma única ideia”. Partindo dessa concepção, analisamos esses quadrinhos e pensamos em um determinado tempo e espaço para cada um, ao mesmo tempo em que conseguimos transformá-los em uma única ideia.

Esse recorte consegue transmitir a empolgação de CB ao escrever as cartas, bem como a felicidade dos amigos e familiares ao lê-las. O fato de o jovem utilizar cartas para se comunicar com as pessoas do campo nos chamou a atenção. Afinal,

com a chegada da internet no Brasil, na década de 90, o hábito da escrita se reinventou. Antes, para se comunicar com parentes distantes, era preciso telefonar (para quem tem uma linha) ou recorrer a um hábito milenar: escrever cartas. Ainda que demorasse a chegar ao destino, um pedaço de papel com palavras escritas a caneta ou a lápis era responsável por manter as pessoas informadas sobre a vida de amigos e de familiares. Também servia para fins comerciais. Mas, nos dias de hoje, se tornou raridade, já que é pouco vista circulando entre as casas. A redução do envio de cartas é atestada pelos Correios. Segundo a empresa, o volume de correspondências entre pessoas físicas diminuiu cerca de 70%. A maioria delas, atualmente, são boletos bancários, contas telefônicas e de luz, revistas e propagandas enviadas por mala direta. (CAJANO, 2013, p. 1).

Podemos perceber que o uso das cartas entre pessoas físicas diminuiu drasticamente nos últimos anos. Além disso, é preciso pensar a respeito dos meios usados para que essas cartas chegassem aos destinatários. Acredito que, ao ler esse trecho e pensar sobre o uso da carta em pleno ano de 2013 por moradores rurais, a pergunta que fica é: Como seus amigos e familiares tinham acesso a essas cartas? Por meio do site dos correios, não obtivemos êxito a respeito de entrega em áreas rurais, mas a dissertação de mestrado de Higor Venceslau (2016), cujo tema é *Correios, logística e uso do território: o serviço de encomenda expressa no Brasil*, aponta que, a partir de 1985, os correios começaram a fazer entrega em áreas rurais de algumas regiões, e foram implantadas agências em vilas e povoados para que fosse possível atender à população dessas regiões ou das áreas rurais próximas a ela. Segundo Venceslau (2016, p. 76), “as vilas e povoados com população de até quinhentos habitantes ou de difícil acesso passaram a contar, desde 1998, com a implantação de caixas postais comunitárias”, ou seja, era um único ponto de envio e retirada de correspondências. Por isso, acreditamos que os amigos e familiares de CB se deslocavam até Vila Abobrinha para retirar as cartas enviadas pelo jovem. Segundo esse

¹³ Negrito do autor

¹⁴ Negrito do autor

mesmo pesquisador, as agências comunitárias garantiam “o acesso a um serviço postal mínimo”. Chegamos à conclusão de que as cartas eram enviadas pelos correios a partir do seguinte quadrinho.

Figura 33 – Entregando as cartas nos correios



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 95.

Outra questão pertinente para a análise desse recorte está nas roupas dos dois jovens. O contraste entre elas nos mostra o estereótipo evidente na cena. CB está usando a famosa camisa xadrez, chapéu de palha e botinas, que são os símbolos do caipira. O outro jovem que passeia com o cão está usando tênis e uma camiseta mais “descolada”. Essas diferenças nos remetem à questão da moda jovem, que não podemos deixar de ressaltar novamente, pois é por meio do estereótipo da pessoa fora de moda que esse produto faz o leitor se inteirar das diferenças entre campo e cidade, nesse caso, entre o jovem camponês e o jovem citadino.

No segundo quadrinho, o enunciado “Mas eu prometo que vou me esforçar”, que faz parte do conteúdo de uma das cartas, remete à ideia do esforço individual como forma de progredir e ser bem-sucedido. Parece ser a promessa que CB faz, a dívida que ele passa a carregar ao sair de sua casa no campo e deixar a família para estudar na cidade.

4.1 PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NA UNIVERSIDADE

Para darmos início, optamos por esses quadrinhos que apontam alguns sentimentos de CB ao escrever para seus familiares. Os quadrinhos mostram trechos das cartas que o jovem escreveu, por isso, não foram usados balões, por não se tratar de diálogos. Durante essa edição, diversas vezes aparecem esses trechos, pois foi assim que o jovem conseguiu contar um pouquinho de suas experiências da primeira semana na universidade.

Figura 34 – Trechos das cartas



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 8.

De início, podemos perceber que a experiência é muito nova para CB, pois ele compara a universidade com “ir a um outro país, falar uma nova língua”. Acreditamos que essa é uma realidade de muitos jovens que saem da zona rural para cursar o Ensino Superior na cidade, assim como jovens de periferias ou que vivem mais afastados dos centros urbanos que se deparam com a realidade de ler e escutar palavras desconhecidas. Sabemos que a linguagem dos brasileiros é muito diversa, e essa diversidade ocasiona a dificuldade na compreensão da linguagem acadêmica usada pelos professores da universidade e de alunos que vivem outra realidade.

Gostaríamos de abrir um parêntese para essa fala de CB que, durante a edição, volta a ocorrer. Acreditamos que todos os estudantes, uma vez ou outra, já se depararam com uma palavra desconhecida usada pelos professores na universidade, principalmente nos cursos de graduação, nos quais a maioria dos alunos ainda não tem um vocabulário científico, mas são surpreendidos com a linguagem de intelectuais que lhes apresentam palavras estranhas. Sabemos que é preciso esse amadurecimento por parte dos estudantes, mas a experiência trazida pelo personagem foi vivenciada por mim em diversos momentos da minha trajetória universitária e, até então, acreditava que apenas eu tinha tanta dificuldade para lidar com essa linguagem complicada. Por muito tempo, como disse no início desta dissertação, sentia-me menos capaz do que meus colegas de classe apenas por ser do campo, ou seja, deparar-se com uma linguagem desconhecida é realmente como estar em outro país.

Em seguida, apresentamos um recorte da carta escrita para Dona Marocas, ex-professora de CB.

Figura 35 – Linguagem difícil do professor



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 39.

A princípio, gostaríamos de dar ênfase para os detalhes maiores dessa cena, que chamam mais a atenção do leitor. Parece-nos estranho ver o professor como um ser de outro planeta, ao mesmo tempo em que CB está assustado. Além da fala do jovem ao dizer que “às vezes parece que o professor fala outra língua”, o quadrinho deixa explícito que CB não estava entendendo nada do que o professor falava, e isso o deixou assustado. No primeiro quadrinho, é possível perceber sua colega Francis com uma feição apaixonada pela aula, enquanto CB está nitidamente sem entender nada. A cena representa um problema enfrentado por muitos alunos vindos do campo ou de comunidades afastadas e de periferias. Trata-se, portanto, também, de uma questão de classe social¹⁵. A linguagem local é suficiente para expressar e compreender tudo o que necessitam na comunidade, mas, ao chegar à universidade, boa parte se depara com termos desconhecidos que podem dificultar o processo de aprendizagem. Esse choque cultural é comum em parte das pessoas que vivem no campo, pois o contato com a cultura e algumas

¹⁵ Essa questão será analisada posteriormente. Pois, consideramos que esse fenômeno do se sentir em “outro mundo” não é uma experiência exclusiva das pessoas do campo quando vão a universidade, mas sim, talvez, de uma determinada classe social.

novidades do mundo moderno, por vezes, vem por meio da mídia, quando há. Nesse caso, deve-se levar em consideração os diversos povos que vivem no campo brasileiro. Mesmo que não seja perceptível pela fala ou pelos trajes, existe uma carência cultural escondida por trás de todos nós, cidadãos do campo, devido a essa falta de oportunidades desde a infância que só é experimentada ao mudar para a cidade ou quando se necessita dela por algum motivo. Portanto, não poderíamos dizer que CB, ao mudar para a cidade, tornou-se moderno ao analisar apenas suas vestimentas ou sua fala, pois deixaríamos de pensar na carência cultural urbana à qual a pessoa do campo é submetida e, conseqüentemente, acaba sendo excluída em determinadas situações.

Segundo Giroux (2013, p. 92), “os Estudos Culturais enfatizam o estudo da linguagem e do poder, particularmente em termos de como a linguagem é usada para moldar identidades sociais e assegurar formas específicas de autoridade.” Sobre esse estudo da linguagem, o autor escreve que “o vínculo entre a linguagem e a construção de identidades individuais e sociais é evidente, por exemplo, na forma pela qual a linguagem é usada para privilegiar representações que excluem grupos subordinados”. É possível perceber que a linguagem interfere muito nas questões sociais e culturais, por isso, faz-se necessário, nas universidades, levar professores e alunos a tais reflexões. O autor complementa que

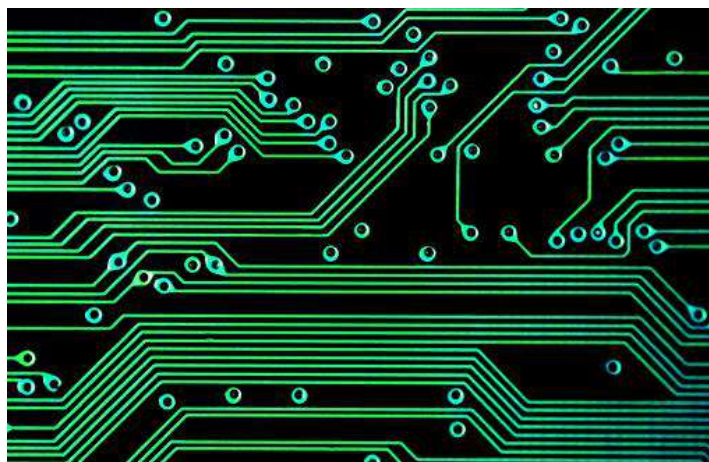
os/as estudantes podem aprender que o valor crítico da linguagem não se baseia simplesmente em suas possibilidades para ampliar o alcance do alfabetismo textual, mas numa compreensão de como a linguagem é realmente usada pelas pessoas e pelos grupos sociais como uma forma de mobilizar a resistência, a autoridade cultural e fortalecer relações sociais em termos de poder (GIROUX, 2013, p. 93).

A partir dessa discussão, somos levados a refletir sobre o poder da linguagem na universidade e fora dela, assim como ela é importante para os grupos sociais. No caso de CB, a linguagem usada na universidade o faz ter a visão de que está em um outro país, como se os professores falassem outra língua. Essa experiência nos mostra o quão importante é pensar nessa relação da linguagem com a educação e, principalmente, no poder que há por escondido nela.

Além da linguagem e da ligação entre textos e imagens, gostaríamos de dar ênfase a alguns ícones ou símbolos que aparecem no último quadrinho. Ao contrário da ideia de McCloud (2005, p. 27), que define “a palavra ‘ícone’ como qualquer imagem que represente uma pessoa, local, coisa ou ideia”, esse quadrinho usou diferentes imagens que vamos chamar de símbolos, para representar as palavras incompreensíveis ditas pelo professor, ou seja, mesmo

que o leitor não saiba quais foram as palavras ditas para CB, a mistura de vários símbolos aleatórios transmitiu a ideia de “linguagem estranha, sem compreensão”. Além desses símbolos, ao fundo, podemos observar algo não muito comum em um gibi do cartunista Maurício de Sousa, que é a imagem de um circuito eletrônico, que se assemelha ao exemplo a seguir:

Figura 36 – Vetor circuito eletrônico



Fonte: Blog AndreCisp, 2020. Disponível em: <http://www.andrecisp.com.br/index.php/?profile/51798-edson-santos-da-silva/>. Acesso em: 27 mai. 2021.

Pode-se perceber que, no quadrinho, houve uma utilização da imagem e dos símbolos para provar ao leitor que a aula era difícil, a linguagem do professor não era compreensível e que CB, um jovem recém-chegado à cidade e à universidade, não compreendia todas aquelas palavras novas. Exemplificando com a imagem acima, é como se CB tivesse que saber para onde leva cada fio desse circuito eletrônico e qual a função de cada um. A partir dessa análise, cabe considerar que milhares de estudantes estão sujeitos a passar por situações semelhantes a esta vivida pelo jovem CB ao se deparar com uma cultura universitária urbana, intelectual e científica.

Nos próximos quadrinhos, damos destaque às emoções de CB ao entrar pela primeira vez na sala de aula. Confesso que esses quadrinhos também se assemelham muito com a minha primeira experiência como universitário. O frio na barriga foi inevitável!

Figura 37 – O primeiro dia de aula



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 32.

Se a cidade é um turbilhão de coisas novas, na universidade também não seria diferente. As comparações do jovem a alguns episódios de nervosismo vivenciados na sua infância nos aproximam do personagem e do contexto trazido pelo gibi, pois é comum que situações não rotineiras gerem certo medo do que virá pela frente. Ou seja, as situações de uma criança descobrindo o novo não se diferem muito da experiência de estar em uma universidade na cidade com centenas de alunos de diferentes lugares.

É possível observar que CB continua usando chapéu, mesmo na universidade, agora, com o nome de “Goiabento”. Na verdade, o uso do chapéu tem relação com outro assunto que gostaríamos de ressaltar: os apelidos recebidos dos veteranos.

Figura 38 – Marcação dos “bichos”



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 30

Essa imagem traz uma questão pertinente para esta análise, pois trata dos apelidos recebidos dos veteranos ao entrar no curso superior e um objeto bem familiar para CB o qual os calouros deverão usar durante todo o tempo. Para início de conversa, vamos dar ênfase à fala do veterano ao dizer que os “bichos” precisam ser marcados, ou seja, os calouros precisam de apelidos. Segundo Zanluchi e Lima (2011, p. 1),

o termo BIXO é comumente utilizado pela juventude universitária para descrever aquele que recém entrou na Universidade, ou seja, o calouro. O termo remete-se ao fato de que o calouro chega à Universidade, vulgarmente falando, “cru”, pois lá dentro vai descobrir um mundo cheio de oportunidades, onde ele fará escolhas importantes para sua vida e sua formação como cidadão.

Portanto, marcar os bichos é apelidar cada um de acordo com alguma característica para que sejam identificados assim. Além dos apelidos, foi possível perceber que o chapéu foi um acessório incluído no trote, junto aos apelidos. CB recebeu o apelido de “Goiabento”. Como o

personagem tem paixão por goiabas, desde a infância, o apelido escolhido para ele não gerou incômodo. É possível perceber os traços que remetem às expressões dos jovens calouros e, inevitavelmente, notar a alegria de CB com seu apelido e, principalmente, pela obrigação de usar chapéu na universidade. Como dito anteriormente, o chapéu de palha se tornou um símbolo desse personagem e das pessoas do campo, por isso, ao contrário do objetivo dos veteranos, o apelido e o chapéu de palha não machucaram o ego de CB. Entretanto, é notório que os outros calouros não ficaram satisfeitos com seus apelidos.

Apesar de CB não se identificar muito com as aulas teóricas, o jovem nitidamente se apaixona pelas aulas práticas. Afinal, desde muito pequeno, vive em meio à natureza. Em uma aula na qual deveriam adubar a terra com estrume¹⁶, sendo mais específico, fezes de vaca, o personagem demonstra satisfação com a aula, enquanto seus colegas não parecem se agradar muito com a situação. Os quadrinhos abaixo mostram o professor e os cinco calouros da turma de CB na aula prática.

Figura 39 – Aulas práticas



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 63.

É possível notar que, dentre os participantes da aula, apenas CB e o professor estão satisfeitos, os outros não parecem gostar muito da situação. A partir dessa análise, podemos perceber que as dificuldades muitas vezes se dão em virtude da distância cultural que o jovem tem com o conteúdo ensinado na universidade. Nesse caso, enquanto os alunos da cidade

¹⁶ Mistura de restos orgânicos, de matérias calcárias etc., fermentados, utilizada como adubo; esterco. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/estrume/>. Acesso em: 12 mai. 2021

compreendem os termos científicos e a linguagem dos professores, CB se identifica com as aulas práticas porque estão voltadas para a sua realidade de vida.

Chegamos a essa conclusão a partir de alguns ícones e imagens utilizadas nesses quadrinhos. No primeiro quadro, podemos observar a expressão dos jovens ao olhar para o estrume, que libera um cheiro nada agradável. Mas o que nos faz pensar que o cheiro não é agradável? O ícone usado nesse quadrinho para fazer o leitor se convencer do mau cheiro do estrume é aquela imagem parecida com uma fumaça saindo do esterco. Segundo McCloud (1995, p. 59), “os ícones exigem nossa participação para funcionar”, ou seja, foi preciso usar um ícone para que nós, leitores, chegássemos a essa conclusão. Imagine se os personagens estivessem demonstrando alegria ou satisfação ao olhar para o estrume, certamente, chegaríamos à conclusão de que aquele material poderia estar exalando um cheiro bom. Enfim, foi necessária a junção entre a linguagem visual e o ícone para que tivéssemos essa interpretação, pois o professor usando a linguagem verbal emprega a palavra “cheiro”, fazendo com que fosse necessário observar o todo para chegar à conclusão de que aquele cheiro não era agradável, assim como enfatiza McCloud (1995, p. 64), ao escrever que “às vezes, uma simples forma ou traço são suficientes para desencadear a conclusão”.

4.2 OUTRAS EXPERIÊNCIAS NÃO MUITO AGRADÁVEIS

No decorrer dessa edição, ao relatar os acontecimentos dos primeiros dias de aula, CB conta que um dos alunos da universidade não ficou muito contente com sua chegada. O jovem chamado Vespasiano, conhecido como Vespa — o mesmo que segura a enxada no quadrinho anterior —, tinha pavor das aulas práticas, enquanto CB se saía muito bem e participava sempre com satisfação. Por esse motivo, Vespasiano começou uma série de ataques contra o jovem. Os quadrinhos a seguir mostram Vespasiano agindo agressivamente com CB após furar a fila do almoço e não aceitar que CB reclame de sua atitude.

Figura 40 – Gritando com CB



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 52.

Podemos perceber, no primeiro quadrinho, que Vespasiano foi agressivo com CB ao dizer que “bicho não reclama, obedece”. Além disso, podemos observar que a linguagem visual dos quadrinhos nos permite sentir o clima tenso entre os jovens. Observam-se também alguns raios ao fundo do primeiro quadrinho e, no último, percebemos o movimento por meio de pequenas linhas curvas atrás da cabeça de Vespasiano, ou seja, mais símbolos foram usados para que o leitor entenda a fúria do jovem. Para McCloud (1995, p.58-59), “os artistas de quadrinhos têm um universo de ícones para escolher”. Nesse quadrinho, os Estúdios Maurício de Sousa usam alguns dos diversos ícones que existem para ajudar o leitor na compressão da história. O que estamos fazendo aqui é o que McCloud chama de “dar vida” aos personagens, à história, aos quadrinhos. Segundo ele, nos quadrinhos, não há vida, só aquela que o leitor lhes dá.

Os balões desses quadrinhos são outro ponto importante para esta discussão, pois, segundo Eisner (1989, p. 26), “o balão é um recurso extremo. Ele tenta captar e tornar visível um elemento etéreo: o som”. Por isso, verificamos que o primeiro balão do último quadrinho tem características diferentes dos outros, ou seja, ele pretende se comunicar conosco, chamar a nossa atenção, dizer que algo nessa fala se dissocia das outras falas, para isso, usa linhas sinuosas. Nesse caso, consideramos que, além das expressões de Vespasiano, as linhas do balão nos informam que o jovem está gritando com CB.

Para McCloud (1995, p. 134, grifo do autor), “no decorrer dos anos, os criadores de quadrinhos têm tentado, usando inúmeras variações, representar o **som**¹⁷ num meio estritamente visual”. Por isso, esse autor considera o balão o ícone científico mais usado, mais complexo e versátil dos quadrinhos. É por esse motivo que o criador de CB diferencia nas linhas a altura da fala de cada personagem, pois tem o objetivo de ajudar o leitor a chegar à determinada conclusão.

Além dessas análises, consideramos também que o estereótipo está presente no corte de cabelo dos jovens. É notório que o corte de cabelo de Vespasiano se assemelha ao estilo *punk*, e CB usa um corte mais tradicional. Segundo Pais (1990), essas características também são signos que ajudam a distingui-los.

O “cabelo à punk”, os “lábios pintados de roxo”, os “medalhões” ou os “remendos nas calças” seriam, nesta ordem de ideias, signos de “cultura juvenil” utilizados para desafiar os “consensos dominantes”, isto é, a ideologia dominante, das classes dominantes. As distinções simbólicas entre os jovens (diferenças de vestuário, hábitos linguísticos, práticas de consumo etc.) são sempre vistas como diferenças interclassistas e raramente como diferenças intra-classistas. (PAIS, 1990, p. 158).

Como podemos ver, a representação de Vespasiano pode estar relacionada a essa diferença de classe social, mas, além disso, podemos perceber que, em todas as representações do jovem, ele está brigando ou planejando vingança. Esse é o estereótipo da cena *punk*, que associa esse grupo de juventude a encenqueiros e briguentos. Podemos constatar que essa representação estereotipada se baseia na realidade histórica desse movimento, a partir da dissertação de mestrado de Moraes (2019), na qual ele escreve sobre *O movimento punk paulista como sintoma e agência de uma classe operária em desagregação*. Para Moraes (2019, p. 50), “de 1978 até 1980, o *punk* brasileiro é basicamente composto por gangues de rua, com forte rivalidade entre elas.” Além disso, o pesquisador aborda que “apesar das origens de classe semelhante, a cena do *punk* paulista e do ABC tinham uma forte rivalidade, em confrontos que por vezes acabavam em violência física.” Por isso, há muito tempo, a imagem veiculada das gangues *punks* se relacionava com violência. A partir disso, acreditamos que há elementos que nos fazem associar Vespasiano a esse movimento, já que, além do estilo do corte, o gíbi representa o jovem como briguento. Entretanto, como veremos adiante, Vespasiano é de família influente, o que o separa desse movimento, uma vez que, conforme Moraes (2019, p. 79), esses jovens *punks* eram “trabalhadores pobres, ou trabalhadores desempregados.” A partir dessas

¹⁷ Negrito do autor

informações, consideramos que pode haver uma associação da representação de Vespasiano com as gangues *punks*. Nesse caso, estamos nos referindo às questões estéticas do personagem.

Chico Bento foi alvo de Vespasiano em diversos momentos na universidade. Em outra ocasião, CB foi defendido por seus colegas, porém, Vespasiano não ficou nada satisfeito e tenta intimidá-lo por ser de uma classe social dita superior à de CB.

Figura 41 – Classe social superior



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 53.

É notório que Vespasiano, ao levantar a mão, apontar o dedo na cara de CB e dizer que é de uma “*família influente*”, tenta intimidar o colega. Nesse caso, por meio da fala do personagem e novamente o balão com traços ondulados, foi possível chegar à conclusão de que Vespasiano está tentando oprimir CB por se considerar de uma família mais rica. Essa é uma questão muito importante para esta dissertação, pois sabemos que, muitas vezes, as questões de classe são usadas como forma de oprimir ou menosprezar as pessoas. Para Darcy Ribeiro (1995, p. 235),

Apesar da associação da pobreza com a negritude, as diferenças profundas que separam e opõem os brasileiros em extratos flagrantemente contrastantes são de natureza social. São elas que distinguem os círculos privilegiados e camadas abonadas — que conseguiram, numa economia geral de penúria, alcançar padrões razoáveis de consumo — da enorme massa explorada no trabalho, ou até dele excluída por viver à margem do processo produtivo e, em consequência, da vida cultural, social e política da nação.

Isso posto, acredita-se que o preconceito de classe social representa um problema devastador no Brasil há muitos anos que, infelizmente, está presente na universidade, nas escolas, nos bairros, na igreja, no parque, etc. É preciso pensar em estratégias para minimizar toda forma de discriminação e opressão relacionadas à classe social dos cidadãos. Por isso, este estudo considera o jovem do campo, de classe baixa, uma vítima dos colegas na universidade, já que, além de morar em um lugar considerado inferior, enquadra-se no grupo dos

menosprezados por sua classe social. Imagine um agricultor rico e seus filhos engajados no agronegócio. Certamente, a realidade desses jovens na universidade seria completamente diferente dessa representação do gibi, pois o agro se tornou sinônimo de evolução do campo, enquanto a agricultura familiar tem sido silenciada.

Acredito que, ao falar do agronegócio hoje, é impossível não se lembrar da campanha da TV Globo “*Agro é tech, agro é pop, agro é tudo*”. Em um artigo publicado pela página Start Agro¹⁸, no ano de 2017, os colunistas dão destaque às falas do ex-ministro da Agricultura, Roberto Rodrigues e o diretor de *marketing* da TV Globo, Roberto Schmidt, em palestras no *GAF Talks*, evento realizado pela DATAGRO, em São Paulo. Segundo eles, “o agronegócio tem que comunicar à sociedade urbana a tecnologia que é aplicada no dia a dia do campo, na fabricação dos produtos agrícolas, dos alimentos”, ou seja, por questões de classe, os grandes agricultores são exaltados, e os pequenos produtores rurais são esquecidos. Isso porque, na agricultura familiar, em sua grande maioria, não são utilizados muitos recursos tecnológicos para o plantio e colheita dos alimentos. Acreditamos que essa diferença de classe gera muito preconceito e opressão, como representado no gibi.

A próxima imagem demonstra um dos momentos em que CB descobre que havia suco de goiaba no almoço. Como é o suco preferido do jovem, ele rapidamente corre para buscar um pouco. Porém, infelizmente, foi surpreendido por Vespasiano.

Figura 42 – Surpreendido e derrubado pelo colega



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 55.

¹⁸ Disponível em: <https://startagro.agr.br/por-que-o-agronegocio-precisa-de-uma-comunicacao-moderna/>. Acesso em: 16 mai. 2021.

Esses quadrinhos nos chamam a atenção devido à mistura entre a versão infantil e a adulta. O autor do gibi faz com que os leitores voltem ao passado para lembrar uma das paixões do personagem CB, que é a goiaba. Para isso, usa a imagem de CB infantil correndo para buscar o suco da sua fruta preferida. Para que possamos compreender o que acontece nessa cena, usamos novamente o conceito de “*conclusão*” de McCloud (1995, p. 67, grifos do autor), pois, segundo esse autor, “os quadros das histórias **fragmentam o tempo e o espaço**, oferecendo um **ritmo recortado de momentos dissociados**. Mas a conclusão nos permite **conectar** esses momentos e **concluir mentalmente** uma **realidade contínua e unificada**¹⁹”. Essa teoria faz sentido para nossas análises, pois a disposição dos quadros nos permite compreender o contexto da história, ao mesmo tempo em que conseguimos captar os sentimentos dos personagens, a intenção e o resultado da ação em apenas três quadros: antes, durante e depois. Além disso, vários ícones e símbolos foram usados para auxiliar a interpretação da cena, como as linhas, que denotam a queda, as estrelas, o balão com a escrita “*Tof*”, etc.

No que se refere à arte sequencial, Eisner tem uma concepção muito importante que contribui para essas análises. O autor fala sobre a importância das imagens para a criação do artista sequencial.

A compreensão de uma imagem requer uma comunidade de experiência. Portanto, para que sua mensagem seja compreendida, o artista sequencial deverá ter uma compreensão da experiência de vida do leitor. É preciso que se desenvolva uma interação, porque o artista está evocando imagens armazenadas nas mentes de ambas as partes. (EISNER, 1989, p. 13).

Ao ler essa citação, é possível compreender que as teorias de McCloud e Eisner se encaixam, já que é por meio da arte sequencial onde percebemos as imagens, as palavras os símbolos, os balões e as expressões dos personagens, que chegamos à determinada conclusão. Ou seja, não criamos uma história do nada, somos influenciados pela intenção do artista sequencial. Além disso, Eisner (1989, p. 14) complementa que

o sucesso ou fracasso desse método de comunicação depende da facilidade com que o leitor reconhece o significado e o impacto emocional da imagem. Portanto, a competência da representação e a universalidade da forma escolhida são cruciais. O estilo e a adequação da técnica são acessórios da imagem e do que ela está tentando dizer.

¹⁹ Negritos do autor

Por isso, acreditamos que os quadrinhos são importantes meios de comunicação e, principalmente, recursos educacionais, pois educam seus leitores constantemente. É por meio de variadas linguagens que eles são compreendidos por pessoas com diferentes idades e nível de alfabetização, até mesmo por aquelas não alfabetizadas. Desse modo, acredita-se na influência desse produto na formação do estereótipo das pessoas do campo ou na afirmação desse estereótipo.

Em outro momento, CB, exausto da correria da cidade e daquela cultura tão diferente, menciona que deveria ter **universidade no campo** para que as pessoas não precisassem sair de lá. Consideramos importante discutir sobre esse assunto, afinal, nem todas as pessoas do campo querem trocá-lo pela correria da cidade. Muitas vezes, eles gostariam de estudar, mas continuar em sua localidade, como é o caso de CB que pretende voltar para o campo após o término do curso, ou o caso de seu amigo Zé Lelé, que preferiu ficar sem estudar a ir morar na cidade. A imagem, extraída da 2ª edição, retrata essa questão.

Figura 43 – Devia ter universidade na roça



Fonte: SOUSA, 2013, n° 2, p. 48.

No primeiro quadrinho, nota-se que CB está incomodado com o cãozinho na coleira e outras coisas que já havia reparado e julgado estranho, como o barulho, o lixo nas praças, a linguagem estranha etc. No último quadrinho, o personagem está visualmente irritado com a situação e, por isso, deixa claro que deveria ter universidade no campo, “assim, ninguém precisaria sair de lá”.

A falta de Universidades localizadas no campo que atenda os jovens que residem nessa localidade é um problema sério para aqueles que querem continuar no campo. Sendo assim, quando os jovens do campo precisam ingressar no curso superior, na maioria dos casos, eles obrigatoriamente devem se deslocar para a cidade todos os dias ou semanalmente para estudar, ou então, mudar-se para a cidade. A respeito do acesso de jovens do campo no ensino superior, Zago (2016, p. 64) salienta que

Existem poucas informações sobre os jovens do meio rural que têm acesso ao ensino superior, seus projetos, sua condição de escolarização e perspectiva profissional, justamente por causa de uma tendência na pesquisa em educação de visar, sobretudo, à condição urbana, tanto em relação à infância quanto à juventude.

A partir dessa informação, constatamos que o Ensino Superior para os jovens do campo é um dilema, inclusive há poucas informações a respeito desse acesso. Além da falta desse nível de ensino na zona rural, constata-se que a maioria das pesquisas em educação estão voltadas para a zona urbana. Por isso, existem poucas informações sobre o acesso dos camponeses ao Ensino Superior. Mas segundo Zago (2016, p. 70), em uma pesquisa realizada com jovens do campo estudantes universitários, foi possível observar que “os universitários que fizeram parte da pesquisa encontram dificuldades para custear as despesas básicas de sobrevivência e permanência no ensino superior”.

Além das contribuições de Zago (2016), o pesquisador Ezequiel Redin, doutor em extensão rural, realizou um estudo sobre as políticas educacionais e juventude rural no Ensino Superior. A pesquisa constatou que

o Prouni proporcionou uma oportunidade à juventude rural de cursar o ensino superior em instituições de ensino particulares, porém, a maioria dos jovens rurais ainda permanece em condição marginal no acesso à política educacional, principalmente, pelo capital cultural herdado da condição camponesa em que o hábito da leitura, do acesso a livros e da dedicação aos estudos encontra-se num duelo com o trabalho na roça, estratégia fundamental para manter a reprodução social da família rural (REDIN, 2017, p. 237).

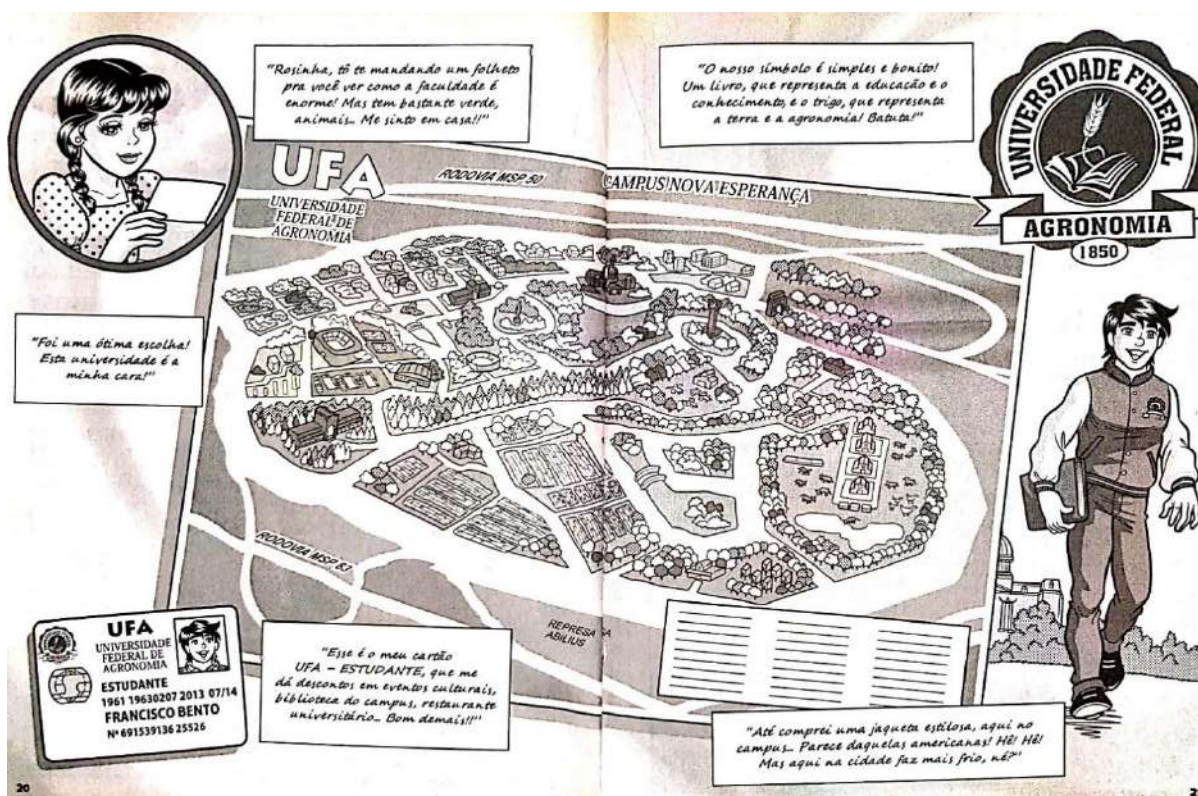
Em virtude de todas as demandas do campo e da falta de oportunidade e de condições financeiras para se manter na cidade, muitos jovens do campo perdem a oportunidade de frequentar uma instituição de Ensino Superior. Por isso, chegamos à conclusão de que a experiência do personagem CB e a minha experiência enquanto jovem e estudante do campo

são exemplos de superação de vários obstáculos que podem surgir, também, no dia a dia de outros jovens que decidem entrar na universidade.

4.3 UM BRINDE AOS BONS MOMENTOS NA UNIVERSIDADE

Nem tudo foi ruim nessa ida para a universidade. CB também vivenciou algumas experiências agradáveis e inesquecíveis. Iniciamos este tópico apresentando a Universidade Federal de Agronomia, já que CB, mesmo tendo experiências ruins nos primeiros dias, conseguiu se adaptar e, principalmente, sentiu-se parte da universidade, pois ela tem características que chamam a sua atenção e o fazem se sentir mais próximo da sua realidade de vida.

Figura 44 – Folheto da Universidade Federal de Agronomia



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 20-21.

Ao escrever para Rosinha, o personagem resalta sua alegria em estar na universidade ao dizer que ela é a sua cara, ou seja, mesmo com as dificuldades enfrentadas, levantou a cabeça e continuou com muita determinação. Além disso, essas duas páginas do gibi nos confirmam que a universidade de Agronomia é pública federal e, na história, existe desde 1850, segundo informado no slogan. Apesar de a Universidade ter nome, slogan, endereço e data de fundação,

ela também é fictícia. Iniciar o tópico com essa imagem tem o objetivo de enfatizar a importância da universidade para o jovem do campo, a autoestima desse jovem em dizer que é universitário, que o espaço é lindo e agradável. Mas foi possível perceber que CB se encantou com a vida universitária devido ao fato de a instituição lembrar sua vida no campo, pois o local tem um espaço amplo, com muitas árvores, plantações e alguns animais.

Para CB nunca foi difícil lidar com a natureza e suas criações. Por isso, em diversos momentos na universidade, principalmente, nas aulas práticas, o jovem se alegrava com cada experiência revivida. A próxima imagem foi escolhida para que possamos analisar a diferença de comportamento entre os personagens e nos possibilitar compreender que CB vivenciou momentos bons durante o curso.

Figura 45 – Mexendo com estrume



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 63.

Não é preciso muito conhecimento em linguagens dos quadrinhos ou até mesmo conhecimento alfabético para interpretar essa cena. É notório que CB está amando a aula. Seu colega Bombeta também parece não se importar com o cheiro do estrume, porém, Vespasiano faz cara de nojo, e Zé, ao fundo, também demonstra nojo no material. Foi possível observar, nesse quadrinho, que os símbolos que representam o cheiro do estrume foram usados apenas nos dois personagens que se incomodam com o cheiro. Por meio dessa análise, consideramos que o artista chamou a atenção do leitor por meio desses símbolos para que nenhum detalhe passasse despercebido, inclusive a sua própria ideia. Ousamos fazer essa reflexão, baseando-

nos na fala de McCloud (1995, p. 59), ao dizer que é tarefa do leitor criar e recriar a cada momento, não é só tarefa do desenhista.

Chico Bento também teve ótimos momentos ao lado de seus colegas estrangeiros, Fran e Zé. Os dois calouros tinham dificuldade para falar a língua portuguesa, e CB aproveitou a aproximação e começou a ensinar-lhes o idioma. A imagem a seguir é um trecho da carta escrita para sua ex-professora, Dona Marocas, atualmente diretora da escola onde CB estudou na infância.

Figura 46 – Ensinando português



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 44.

É possível perceber a alegria estampada no rosto de CB. O próprio jovem escreve “estou adorando poder ajudar”. CB está se sentindo útil e, por um motivo que ele não imaginava, muito menos os amantes das aventuras de Chico Bento. Inclusive ele escreve no final: “quem diria, hein, fessora? Obrigado!”. Esse recorte representa muito para o povo camponês. Na verdade, é uma imagem que aquece o coração de uma pessoa que cresceu ouvindo a frase “você não sabe falar” ou “você fala errado”. Marcos Bagno (2007) chama essas frases de preconceito linguístico. É exatamente o caso do personagem CB, que é conhecido por “falar errado” há muitos anos. Segundo esse autor,

o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, [...] uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (BAGNO, 2007, p. 38).

Portanto, ver, nesse gibi, um jovem do campo ensinando português para os colegas é um grande avanço na representação das pessoas do campo. São muitos anos representando apenas o estereótipo do camponês preguiçoso, fora da moda, que fala “errado”, entre outras censuras com as quais estamos acostumados a ouvir, a ler ou a assistir. Por isso, consideramos plausível essa representação de um jovem do campo corajoso, forte, inteligente, capaz, estudioso, trabalhador, etc.

Figura 47 – Um brinde às novas amizades



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 59.

Para finalizar, gostaríamos de brindar às novas amizades que CB fez na universidade. A representação de um jovem simpático e alto astral reuniu ao seu redor uma diversidade de jovens que o fizeram se sentir em casa. Depois de tantos obstáculos para se adaptar à cultura

urbana, o jovem consegue arrancar risos de seus colegas e, assim, fazer bons aliados. A alegria sempre foi uma marca de CB, mas sabemos que, antes, a representação do camponês era mais estereotipada. Inclusive, o estereótipo se fez muito presente ainda nessa nova versão, principalmente na primeira, a qual trouxe as lutas constantes do camponês de linguagem “errada” que precisava se adaptar ao modelo urbano e às suas complicadas experiências de não compreender esse mundo globalizado. Entretanto, percebemos que a forma de representar esse camponês está mudando, ou simplesmente, o gibi quer dizer aos leitores que basta mudar para a cidade para que o “matuto” se transforme em um homem moderno, trabalhador, estudioso e inteligente. Ou não: pode ser também que o gibi tente mostrar o poder da educação na vida de uma pessoa. Como nos ensinam os autores dos estudos culturais e da indústria cultural, precisamos de cautela para ler essas imagens e compreender seus significados. Não queremos afirmar nada, apenas levar à reflexão sobre essa mudança na forma de representar o camponês que está no campo e aquele que recentemente mudou para a cidade.

Além das experiências educacionais e afetivas que a universidade ofereceu ao CB, notamos que, no mundo do trabalho, o jovem também se destacou e se mostrou ativo em diversos setores. O próximo capítulo abordará essas outras representações que consideramos muito distantes daquela imagem inicial que tentou nos convencer de que o jovem do campo não conseguiria viver na cidade, pois não tinha conhecimentos suficientes para isso.

5 OUTRAS REPRESENTAÇÕES DO JOVEM DO CAMPO

Por fim, abordaremos neste capítulo algumas considerações sobre outras imagens do jovem do campo que se distanciam do famoso estereótipo do camponês preguiçoso e sem conhecimentos, pois essa nova versão, em diversos momentos, apresenta o jovem do campo como um sonhador, trabalhador, esforçado, inteligente, astuto, criativo e disposto a ajudar sua família e os colegas. Julga-se importante considerar todas as formas de representação dessas juventudes que foram abordadas nesse gibi, pois nosso objetivo não é apenas criticar a imagem estereotipada que circula na mídia e no gibi analisado. Pretendemos, também, discutir sobre a importância de os produtos da indústria cultural retratarem outras imagens do que é ser jovem camponês, bem como suas condições de buscar formação superior, seja para usá-la no campo ou fora dele. Além disso, acredita-se que, por meio das imagens que circulam nesses produtos, pode-se trazer, a longo prazo, mudanças nesse cenário de preconceito e discriminação vivenciado há muitos anos por essa população.

Como foi possível perceber no decorrer deste estudo, existe uma grande crítica aos estereótipos das pessoas do campo, muitos deles foram ressaltados até aqui. Porém, agora, mostraremos outro tipo de representação dessas juventudes, com o simples intuito de ressaltar que a equipe de criação desse gibi mostra aos leitores, por meio dessas representações, que os jovens do campo, mesmo sendo vistos como atrasados e tendo dificuldades de serem aceitos com suas características, podem superar as expectativas.

5.1 UM JOVEM ESFORÇADO E TRABALHADOR

Para as análises deste capítulo, escolhemos a edição nº 7, intitulada *Bicos e altas confusões* lançada em 2014. Como ressaltado anteriormente, CB precisa trabalhar para ajudar os pais com suas despesas, afinal, o trabalho no campo não rende o suficiente para manter a vida na fazenda e os custos da cidade. A primeira imagem aborda esse esforço do jovem para conseguir se manter. Ele disse, antes de sair do campo, que faria bicos para que os pais não precisassem dobrar os esforços, por isso, para ajudar no aluguel, o jovem enfrenta diversos desafios. Para cumprir sua promessa, ele decide estudar durante a semana e trabalhar aos fins de semana. Reconhecemos que essa representação é plausível, pois deixa de olhar o camponês apenas como sujeito matuto e sem conhecimentos suficientes para viver na cidade. O que estamos percebendo aqui é um jovem que fará o que for preciso para não voltar para o campo sem terminar o curso superior.

Essa primeira imagem representa um de seus trabalhos realizados aos fins de semana no mercadinho. CB se deu muito bem no novo trabalho por ter conhecimentos que favoreciam as vendas. O gibi volta a apresentar essas qualidades do jovem durante a edição.

Figura 48 – Vendendo frutas no mercadinho



Fonte: SOUSA, 2014, nº 7, p. 18.

Esse recorte nos faz perceber que CB entende bem sobre frutas. O jovem consegue atrair os fregueses ao dizer quais frutas estão melhores para a compra. Os quadrinhos expressam muito bem a disposição do jovem, a alegria de estar naquele trabalho e a satisfação em atender à cliente. Percebemos também que ele conquista a cliente após provar que suas teorias sobre as

frutas estão certas. A partir desses quadrinhos, foi possível perceber que a representação do jovem do campo se distancia daquela estereotipada, que o mostra com muitas limitações e faz com que os leitores desse produto não enxerguem as qualidades do jovem. O que notamos aqui é a mídia mudando suas imagens e textos para mostrar uma outra realidade. Referimo-nos, assim, ao poder desse produto midiático a partir das ideias de Kellner (2001). O autor nos chama a atenção para essa leitura atenta dos produtos da indústria cultural.

A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. (KELLNER, 2001, p. 9).

Portanto, se a cultura da mídia pode modelar nosso modo de pensar e ver as coisas e as pessoas ela, supostamente, pode também desviar a nossa visão para tudo que ela almeja. Sendo assim, após fazer a análise crítica desse produto, somos capazes de enxergar a mudança na representação do jovem do campo. A sensibilidade em reconhecer as qualidades dos jovens do campo, permitindo, assim, que muitos paradigmas sejam quebrados. É claro que os prejuízos causados pela estereotipagem levarão certo tempo para serem revertidos, ou pode ser que nunca sejam.

Antes de refletirmos sobre os próximos “*bicos*” de CB, gostaríamos de reforçar a importância que se deu ao trabalho do jovem no mercadinho. A seguir, os quadrinhos exaltam os saberes desse jovem, que ele adquiriu com toda sua trajetória no campo.

Figura 49 – Seus conhecimentos fazem a diferença



Fonte: SOUSA, 2014, nº 7, p. 27.

No momento em que CB está saindo do mercado, a proprietária do local o chama para perguntar o que dizer, caso alguém pergunte sobre os maracujás. Isso demonstra que a equipe de criação desse gibi volta seu olhar para os conhecimentos do jovem camponês e permite que o leitor tenha consciência de que o jovem do campo não é limitado, mas sim que é capaz de sobreviver na cidade com sabedoria e determinação.

Após sair do mercado, CB corria para o próximo trabalho. Era uma correria danada, mas precisava chegar a tempo ao *pet shop*. Suas habilidades com os cães também facilitavam seu trabalho e, assim como no mercado, foi uma excelente experiência para ele. O próximo recorte aborda essa qualidade do jovem para zelar dos animais, inclusive os de grande porte.

Figura 50 – Ajudante no pet shop



Fonte: SOUSA, 2014, nº 7, p. 32.

Os amantes de cães, com certeza, ficarão felizes com essa cena. CB, com muito zelo, deu banho no pimpolho, fez massagem, secou e depois mostrou o resultado para o cliente. A cena é contagiante, e acreditamos que muitas pessoas possam se apaixonar por essa imagem do jovem camponês que traz seus conhecimentos e sua ligação que sempre teve com os animais para seu trabalho na cidade, lugar onde muitos não acreditavam que ele seria capaz de se adaptar.

Acreditamos que essa leitura, assim como outras que estão sendo feitas no decorrer deste estudo, revela a importância de “ler imagens criticamente” como ressaltou Kellner (2013, p. 106). Mas, além disso, o autor nos fez compreender a necessidade de se ter um “alfabetismo crítico”.

Adquirir um alfabetismo crítico no domínio da aprendizagem da leitura crítica da cultura popular e da mídia envolve aprender as habilidades de desconstrução, de compreender como os textos culturais funcionam, como eles significam e produzem significado, como eles influenciam e moldam seus/suas leitores/as. (KELLNER, 2013, p. 121).

A partir das ideias desse autor, pode-se perceber que adquirir um alfabetismo crítico é fundamental para analisar as imagens da mídia criticamente. Por isso, sabemos que, mesmo com o poder educacional de algumas representações estereotipadas com que ainda nos deparamos, se seus leitores forem criticamente alfabetizados, poderemos vencer alguns desafios que temos apontado neste estudo. Esse autor partilha suas experiências ao ensinar essas habilidades para seus alunos. Segundo ele,

ao ensinar essas habilidades, experimentei muitas vezes o fortalecimento dos/as estudantes que aprendem a compreender e a avaliar criticamente aspectos de sua cultura que normalmente são tidos como naturais. Invariavelmente, elas/elas rapidamente dedicam-se a atividade de adquirir um alfabetismo crítico e rapidamente tornam-se decodificadores e críticos hábeis de sua cultura. (KELLNER, 2013, p. 122).

Por isso, somos favoráveis a essa experiência de ler criticamente as imagens e os textos dos produtos da indústria cultural, pois nos fazem capazes de enxergar aquilo que, até então, nos parecia natural. Tenho passado por essa experiência de ler imagens criticamente desde que entrei no mestrado como aluno especial, onde cursei a disciplina “*Narrativas, Imagens e Construção da Infância e da Juventude*” a qual tinha como docente meu atual orientador. A partir do momento que compreendi a importância de ler imagens criticamente e analisar criteriosamente os produtos da indústria cultural, meu olhar ficou mais atento, principalmente para as questões que envolvem a cultura.

Dando continuidade às experiências de CB como estudante durante a semana e trabalhador aos sábados e domingos, deparamo-nos com uma experiência do jovem como vendedor de calçados. O quadrinho a seguir nos mostra a realidade de quem precisa trabalhar e estudar, pois o jovem sai de um trabalho e vai para o outro, tendo que se trocar dentro do carro.

Figura 51 – Vendedor na loja de calçados



Fonte: SOUSA, 2014, nº 7, p. 50.

Mais uma vez, notamos a alegria e a disposição de CB para trabalhar. Até aqui, em nenhum momento, mesmo aqueles não discutidos pela pesquisa, o personagem se mostrou indisposto para o serviço. Por outro lado, o jovem trabalhador e empreendedor, que nunca se cansa, que consome sua vida no trabalho e se alegra por estar inserido na vida produtiva da cidade, tem destaque nessa edição. O trabalho e a vida produtiva são o que ameniza o estereótipo de caipira em CB. Isso nos leva a entender que a “*estereotipagem*” abordada por Hall (2016, p. 190) não aparece nas representações desse personagem durante essa edição. Segundo o autor, “os efeitos essencializadores, reducionistas e naturalizadores da estereotipagem, reduz as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais que são representadas como fixas por natureza.” A partir dessa compreensão, pode-se entender que o gibi, nessa edição, abre o campo de visão para que os leitores conheçam quem é, de fato, o novo personagem, apresentando suas qualidades no mundo do trabalho, suas conquistas nos estudos e sua capacidade de viver no meio urbano.

Consideramos trazer também alguns quadrinhos que continuam a contar sua experiência como vendedor de calçados, pois, neles, o personagem encontra seu professor da universidade, Isaac Barnabé, mais conhecido como Tufo. O professor leciona a disciplina de Zootecnia, a qual visa a aproveitar as potencialidades dos animais. Esse docente é o mesmo que fez os jovens mexerem com o estrume do gado. Para trabalhar com as aulas práticas, o professor vai até a loja

onde CB trabalha e pede um calçado confortável e durável para trabalhar, ou seja, para pisar no estrume.

Figura 52 – Vendendo botinas para o professor



Fonte: SOUSA, 2014, nº 7, p. 56.

Chico Bento, mais uma vez, usufrui de suas habilidades sobre o campo a seu favor. Apresenta ao professor as novas botinas que chegaram e, assim, faz uma venda para Tufo. Consideramos importante o gibi trazer essa relação de estudante e professor fora da universidade. Assim, somos capazes de analisar a realidade de estudantes que precisam trabalhar e estudar ou aqueles que abandonam os estudos porque precisam trabalhar. Sabe-se que muitos jovens não conseguem concluir o Ensino Superior devido a condições financeiras. Alguns estudos apontam que o índice de evasão no Ensino Superior aumentou nos últimos anos.

A pesquisa realizada por Ristoff (2013) faz uma comparação de ingressantes e de concluintes da graduação entre os anos (1991-1995 e 2007-2011). Os dados apontam uma queda nos índices de concluintes do curso superior.

O que se observa nas duas gerações recortadas pode ser também confirmado para todas as gerações de ingressantes, caracterizando, dessa forma, eventual evasão do sistema. Cabem mais duas observações: (1) as taxas de sucesso da geração de ingressantes de 1991 é superior em todas as regiões às da geração de ingressantes de 2008; (2) na comparação entre as duas gerações, a taxa de

sucesso cai 11% em todo o país. (RISTOFF, 2013, p. 41).

Portanto, os índices mostram que a evasão aumentou nos últimos anos. Isso nos leva a refletir sobre esses jovens que precisam trabalhar para sustentar a família ou aqueles que não conseguem emprego e se veem obrigados a abandonar os estudos. Infelizmente, sabemos que nem todos têm a sorte tida por CB, que além de entrar no curso superior em uma universidade pública, conseguiu quatro bicos diferentes para fazer nos finais de semana. Por falar em quatro bicos, apresentaremos agora a quarta função de CB para aumentar a renda. O jovem foi trabalhar à noite como entregador em uma pizzaria.

Figura 53 – Entregador de pizzas



Fonte: SOUSA, 2014, nº 7, p. 64.

Por fim, esses foram os bicos de CB para ajudar nas despesas. Nesse último, o jovem fazia entregas na pizzaria de um italiano. No quadrinho, no canto esquerdo superior, vimos uma informação que nos ajuda na localização entre o último bico e o atual. A informação nos aponta que a loja de calçados ficava do lado oposto à pizzaria. CB aproveitava todo o final de semana para fazer esses trabalhos e sempre saía às pressas para chegar ao outro local. Aqui, por exemplo, quando o jovem chega para as entregas, o proprietário do estabelecimento diz: “*che*

bello! Já tem encomenda esperando!”, que quer dizer “*que bom*”²⁰, em italiano. Como vimos no recorte anterior, CB trocava de uniformes dentro do carro para não se atrasar. Percebemos que o jovem fazia o possível para conciliar um trabalho com o outro e com os estudos, afinal, durante a semana, precisaria se dedicar apenas à universidade.

Até aqui, vimos a representação de um jovem trabalhador, que não desanimou perante as dificuldades e, principalmente, que tem o objetivo de se formar em Agronomia para poder ajudar a família que ficou no campo. Mas, além das atividades remuneradas para ajudar nas despesas, o gibi mostra também um jovem que realiza serviços domésticos que surpreendem os jovens da cidade.

Figura 54 – Lavando roupas



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 75.

Nos quadrinhos acima, podemos ver CB trabalhando na república e mostrando que sabe fazer serviços domésticos, enquanto seu colega Jura mostra-se incrédulo ao ver CB lavando roupas no tanque, afirmando que nem sabia que lá havia um. Com essa cena, podemos observar que o jovem vindo do campo, aos 18 anos, está preparado para viver longe dos pais. Outro detalhe é que a questão de diferença de classe fica nítida mais uma vez nesse quadrinho, pois, enquanto Jura só usa a máquina para lavar as roupas, CB lava no tanque. Por essa cena, podemos diferenciar quem é de família pobre e quem não é. Essa diferenciação na representação é

²⁰ Disponível em: <https://context.reverso.net/traducao/italiano-portugues/%22Che+bello>. Acesso em: 02 jun. 2021.

denominada por Hall (2016, p. 171) como “*naturalização*”. Segundo ele, essa naturalização é uma estratégia representacional que visa a “*fixar a diferença*”, nesse caso, a de classe. Segundo ele, “é uma tentativa de deter o inevitável ‘deslizar’ do significado para assegurar o ‘fechamento’ discursivo ou ideológico”. É quase impossível fugirmos dessa reflexão sobre a classe social do jovem CB, pois sabemos que, a todo momento, ao representar a diferença entre campo e cidade, somos influenciados a notar essas questões. Nessa cena, alguns podem olhar e pensar: “*que cara ‘bobinho’, não sabe usar a máquina de lavar roupas!*” Outros podem pensar: “*Garoto esperto, simples, aprendeu se virar e está preparado para viver com o mínimo de luxo!*” São visões diferentes, que dão sentido ao que estamos apresentando neste estudo, principalmente, sobre a importância de ler criticamente as imagens transmitidas pelos produtos da indústria cultural. O preconceito pode estar impregnado na nossa cabeça, mas as imagens transmitidas por esses veículos são extremamente importantes para a *naturalização* dele.

Além de lavar roupas, ele também sabe cozinhar. A próxima imagem nos revela mais esse dom do jovem.

Figura 55 – Preparando o almoço



Fonte: SOUSA, 2013, nº 2, p. 78.

Notamos nessa cena, assim como em todas as outras apresentadas até aqui, que CB tem inúmeras qualidades, mostra-se disposto a participar de todas as tarefas da casa e sempre surpreende seus colegas, que, aparentemente, não sabem fazer tais serviços. Podemos notar o

espanto de Jura, como se ali ninguém soubesse cozinhar. Com todas essas qualidades, podemos pensar que há uma imagem muito positiva do jovem do campo, porém, um jovem que não está mais morando na sua localidade de origem. Isso pensando pelo viés da imagem positiva versus a imagem negativa da pessoa do campo. Tomamos como base os escritos de Hall (2016, p. 216) quando ele reflete sobre o estereótipo de negros norte-americanos, para fazer esse elo com a estereotipagem das pessoas do campo. Para o autor, uma das estratégias

para contestar o regime racializado de representação, é a tentativa de substituir as imagens negativas, que continuam a dominar a representação popular, por várias imagens positivas de pessoas negras, e sua vida e cultura. Essa abordagem tem o mérito de corrigir o equilíbrio e é sustentada pela aceitação da diferença – de fato, por sua celebração. (HALL, 2016, p. 216).

Partindo dessa reflexão de Hall, podemos pensar em estratégias para superar a representação estereotipada que, há muitos anos, é vista com inferioridade por muitos produtores de materiais e seu público leitor. Acreditamos que essa realidade de preconceito causada pelo estereótipo pode ser trocada por imagens positivas da pessoa do campo. Nessa nova versão, por exemplo, mesmo representando um jovem que não sabia falar corretamente e não sabia se portar no meio urbano, ele foi capaz de ensinar português para os colegas estrangeiros, de fazer inúmeros trabalhos para se manter, além de realizar várias tarefas domésticas. Além disso, mostrou-se preparado para as aulas do curso escolhido, por apresentar conhecimentos que as pessoas da cidade não detêm.

Aqui notamos as qualidades do personagem, mesmo que elas estejam implícitas no texto. Talvez, essa mudança da imagem negativa para a positiva cause incômodo, como causou no colega Vespasiano, que ficou incomodado com a facilidade de CB em lidar com as aulas práticas. Porém, precisamos olhar por vários ângulos, principalmente pelo olhar de leitores críticos das imagens veiculadas pela cultura da mídia. Acreditamos que ler imagens criticamente é fundamental para vencer a barreira do preconceito contra as pessoas do campo. Acreditamos também, que não desistir é um fator primordial para todos que estão diariamente lidando com dificuldades reais. Assim como o próprio CB escreve à professora:

Figura 56 – Desistir, jamais!



Fonte: SOUSA, 2013, nº 5, p. 38.

Como bem escreve o jovem, “ninguém disse que seria fácil” e, na verdade, sabemos que, para entrar na universidade, é preciso muita coragem e determinação. É preciso lutar pelos seus objetivos diariamente, acreditando que cada passo dado nos levará a lugares jamais visitados, abrirá novas portas e nos tornará mais capazes de compreender o mundo e aprender a lidar com seus conflitos. Por fim, acreditamos na importância de trilhar caminhos que nos façam enxergar o sentido da vida, das lutas, dar perdas, dos sofrimentos, das alegrias, vitórias e conquistas, pois, só assim, seremos capazes de ser felizes em qualquer situação, mesmo que, às vezes, elas nos destruam por dentro.

O exemplo dado por CB é motivador, pois nos faz perceber a importância de ignorar alguns desafetos ou palavras que não condizem com aquilo que há dentro de nós, nem com a nossa realidade de vida. Também nos ajuda a encarar a realidade, por mais difícil que ela seja, pois só assim alcançaremos nossos objetivos e experimentaremos o verdadeiro sentido da palavra gratidão. E, se tudo der errado, voltaremos ao começo, ao nosso lugar de paz, aquele que só nós sabemos onde é, assim como diz a letra da música *Diário do Caipira*²¹, da dupla sertaneja Zé Mulato e Cassiano (2003).

Eu já morei na cidade mas não pude ser feliz
 Voltei a viver no mato onde está minha raiz
 Eu hoje quando acordei fiz a oração costumeira
 Antes de tomar café eu me banhei na cachoeira

²¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=mIYDhb6SYHQ>

Caminhei lá pro curral pra desleitar a rancheira
Parei para assunta o canto do sabiá-laranjeira
Passarinho apaixonado que traz no canto magoado
A poesia brasileira
Eu já morei na cidade mas não pude ser feliz
Voltei a viver no mato onde está minha raiz
Logo depois que armocei fui descendo a corredeira
Ver a ceva de piau no poço da gameleira
Pesco quase todo dia eu gosto da brincadeira
Mas só pego um ou dois, desperdiçar é besteira
Somos só dois no ranchinho, gosto de peixe fresquinho
E aqui não tem geladeira
Eu já morei na cidade mas não pude ser feliz
Voltei a viver no mato onde está minha raiz
Subi para apanhar lenha beirando a capoeira
Observei lá na roça o rastro de uma mateira
Voltei, trelei os magrelo, pus o baio na cochoeira
Porque amanhã é domingo, quero dar uma carreira
Com um poquinho de sorte quem sabe ela
Vai pro corte
No baque da cartucheira
Eu já morei na cidade mas não pude ser feliz
Voltei a viver no mato onde está minha raiz
Tô rematando o serviço, só pego segunda-feira
O sol vai rapando o morro e a sombra desce a ladeira
Tô feliz e vou pensando que eu fiz a coisa certa
Caboclo ir pra cidade é cair na ratoeira
Enfim terminou meu dia, é hora da ave Maria
Vou rezar com a companheira

Essa música é um belo exemplo de uma pessoa que não conseguiu se encaixar na vida padrão da cidade. E está tudo bem! Importante mesmo é entender que cada lugar tem suas particularidades, sua cultura, seu saber. O que precisamos é aprender a lidar com as diversidades que há em cada um desses lugares e, principalmente, que não precisamos nos esconder da

sociedade, afinal, todos os lugares têm seus problemas e seu caos, mas também suas belezas e suas vantagens. Que possamos, todos os dias, aprender aquilo que não sabemos e ensinar aquilo que já nos foi ensinado, mas sem desprezo, com alegria e disposição, para mostrar que somos capazes de ser e de fazer diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com amparo do referencial teórico-metodológico e das análises realizadas, percebeu-se que a representação do jovem do campo no gibi CBM é veiculada de forma estereotipada, como visto nas versões infantis. Foi possível perceber que, mesmo o jovem saindo do campo, o estereótipo presente na roupa, na fala e na ingenuidade do jovem permaneceram como símbolos usados na sua representação. Mesmo que esse produto tenha abordado outras imagens do que é ser jovem do campo, além daquelas conhecidas há muitos anos por meio da mídia como a pessoa atrasada, desprovida de inteligência, incapaz, preguiçosa etc, nota-se que o estereótipo não se desvincula do personagem.

Isso porque, apesar de ele ter perspectivas de futuro e de mudança de vida por meio do Ensino Superior, esse jovem também é representado como aquele sem conhecimentos modernos suficientes para lidar com as dificuldades da cidade, além de ser tachado como aquele que usa uma linguagem incorreta e trajes cafonas. Entende-se que esse modo de representar o jovem do campo diz muito sobre a imagem que as pessoas da cidade têm dessa população, pois sabe-se que, nas tradicionais festas juninas, as pessoas se fantasiam com roupas semelhantes aos personagens caipiras conhecidos na mídia. Essa imagem do caipira brasileiro com camisa xadrez, calça rasgada ou remendada, chapéu de palha e dentes estragados é um estereótipo que tem causado a discriminação e a inferiorização da população do campo.

Não estamos dizendo que não há diferença entre a vida no campo e na cidade, nem mesmo tentando convencer de que aqueles que vivem no campo não levam uma vida mais simples, mas é preciso entender que não é ético transmitir a todo momento a imagem de pessoas iguais por residirem em uma determinada localidade. Em ambos os lugares, essas pessoas vivem em constante transformação, por isso, não convém criar um estereótipo e utilizar dele como meio de lucratividade, sabendo que há essa grande diversidade de culturas.

É como Williams (1989, p. 387) afirma: “o campo e a cidade são realidades históricas em transformação tanto em si próprias quanto em suas inter-relações.” Sabemos que o Brasil é um país com uma grande diversidade, e essa diversidade está presente em todos os lugares, nas vilas, nos bairros, nas comunidades, nas fazendas, nas grandes cidades, nos estados etc. Portanto, não é possível dizer que todas as pessoas de um determinado lugar são semelhantes e vivem da mesma forma, assim também consideramos injusta a representação estereotipada das pessoas do campo. Segundo Ribeiro (1995), a população do Brasil é diversa, e temos resposta para esse multiculturalismo. Segundo o autor,

surgimos da confluência, do entrechoque e do caldeamento do invasor português com índios silvícolas e campineiros e com negros africanos, uns e outros aliciados como escravos. Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo. (RIBEIRO, 1995, p. 19).

Por isso, nestas análises, consideramos importante refletir sobre essa distância cultural existente entre campo e cidade, permitindo que seja reconhecida e respeitada toda forma de vida, em respeito aos nossos antepassados que vieram de diferentes lugares, que deixaram as marcas de suas culturas. Porém, infelizmente, os brasileiros ainda mantêm um pensamento eurocêntrico, o qual concebe como inferiores todas as culturas diferentes desta, fazendo com que diversas pessoas sofram com a discriminação e o preconceito. Para Ribeiro (1995, p. 23), nessas questões relacionadas à formação cultural brasileira, “exacerba-se o distanciamento social entre as classes dominantes e as subordinadas e entre estas e as oprimidas agravando as oposições para acumular debaixo da uniformidade étnico-cultural e da unidade nacional tensões dissociativas de caráter traumático”.

Por essas e outras questões que envolvem a formação cultural do Brasil, verificamos, nesta pesquisa, que a representação no gibi CBM reforça as diferenças de classe social e mantém, em parte das edições, a imagem estereotipada da pessoa do campo. Conforme verificamos no decorrer deste estudo, a indústria cultural tem o poder de manipular o pensamento das pessoas com seus textos e imagens, por isso, a análise crítica desses produtos é essencial para minimizar os efeitos negativos que ela pode trazer.

Entretanto, baseando-se nas experiências vividas por mim como jovem e estudante do campo que precisei ir para a cidade em busca de Ensino Superior, nota-se que diversas vezes o gibi traz situações que se assemelham à realidade de quem vive no campo, como as dificuldades para sair da sua localidade, de ser aceito na cidade e até mesmo seus dilemas para se adaptar a essa nova cultura. Entende-se que, ao mesmo tempo que este produto aborda questões relevantes a respeito das dificuldades dos jovens do campo para acessar o Ensino Superior, ele transmite a ideia de que a pessoa do campo vive uma cultura inferior e, portanto, precisa se adaptar ao modo urbano para que não sofra ou continue sofrendo discriminação.

No decorrer das análises, foi possível perceber que as experiências educacionais do jovem do campo abrem espaço para que ele conheça novas pessoas, novas culturas e línguas. Entretanto, enfrentou diversos problemas para compreender a linguagem acadêmica usada pelos professores, mas suas habilidades com o meio rural auxiliaram nas aulas práticas do curso de Agronomia.

Foi possível perceber que o gibi CBM representou, também, uma imagem diferente daquela estereotipada. Conforme apresentamos no último capítulo, CB, ao se mudar para a cidade, tornou-se estudioso, dedicado e trabalhador. Encarou diferentes trabalhos para conseguir ajudar seus pais nas despesas. Porém, concluímos as análises, pensando a respeito do que provavelmente tenha causado a mudança na representação desse personagem. Acreditamos em duas possibilidades. A primeira é que os estudos de diversos pesquisadores brasileiros que criticam a imagem estereotipada desse personagem tenham influenciado essa mudança, levando os Estúdios Maurício de Sousa a repensarem sobre a permanência dessa imagem antiga do caipira. A segunda não é muito aceita por nós, porém, pode ser a realidade. Ela se refere ao fato de que quem permanece no campo continua sendo caipira e quem muda para a cidade torna-se inteligente, estudioso, educado, culto e trabalhador. Não gostaríamos de acreditar nessa possibilidade, porém, todos os personagens que ficaram no campo continuaram sendo “caipiras”, ou seja, trajando roupas fora de moda, chapéu de palha e usando um dialeto fora das normas da língua portuguesa. Foi possível verificar isso nos diversos quadrinhos em que aparecem os pais de CB e seu amigo Zé Lelé que permaneceram no campo. Nossa intenção não é dizer que mudar seus hábitos para fazer parte de outra cultura seja errado, mas levar à reflexão sobre a importância de respeitar todas essas culturas, sem menosprezar aqueles que continuam no campo, nem exaltar aquele que foi para a cidade e tornou-se moderno.

Por fim, consideramos que a análise crítica da mídia, sugerida por Douglas Kellner (2001), foi essencial para nossas reflexões, pois permitiu que observássemos minuciosamente cada detalhe, possibilitando que as imagens transmitidas por esse gibi fossem compreendidas e transmitidas por meio desta dissertação. Esperamos que muitos leitores também aprendam a ler criticamente os produtos midiáticos, assim como Kellner (2001, p. 10) nos ensina que “a obtenção de informações críticas sobre a mídia constitui uma fonte importante de aprendizado sobre o modo de conviver com esse ambiente cultural sedutor”. Por isso, acreditamos que a leitura crítica da mídia pode ajudar inúmeras pessoas a fugir da manipulação desses produtos. Entretanto, nossa crítica não é apenas à cultura da mídia, mas às representações que ela traz, às formas de dominação que muitas vezes podem vir camufladas de espetáculo:

A cultura da mídia pode constituir um entrave para a democracia quando reproduz discursos reacionários, promovendo o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros, mas também pode propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo. (KELLNER, 2001, p. 13).

A partir das ideias de Kellner sobre a cultura da mídia, somos capazes de compreender que ela tem sua importância, desde que não carregue ideologias capazes de menosprezar culturas ou grupos sociais. Acreditamos que ler imagens criticamente torna leitores aptos a enfrentar a dominação quando ela se fizer presente.

Enfim, concluímos esta pesquisa convictos de que mudanças têm ocorrido nos últimos anos, porém, há uma longa estrada a ser percorrida. Mas os movimentos sociais do campo têm nos ensinado, ao longo da história, que vale a pena lutar por todos os nossos direitos. Por isso, acreditamos em mudanças e lutaremos por elas no cenário da mídia brasileira, entendemos que novas representações podem ser capazes de enxergar todas as qualidades do campo, a importância da agricultura familiar, dos extrativistas, dos pescadores artesanais, dos ribeirinhos, dos assentados e acampados da reforma agrária, dos trabalhadores assalariados rurais, dos quilombolas, dos caiçaras, dos povos da floresta, dos caboclos e tantas outras denominações, culturas, comunidades e características das pessoas do campo brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Douglas. Urbanidade e qualidade da cidade. In: RHEINGANTZ, Paulo Afonso; Rosa Maria Leite Ribeiro, PEDRO; SZAPIRO, Ana Maria. *Qualidade do Lugar e Cultura Contemporânea*. Rio de Janeiro: UFRJ/ FAU/PROARQ, 2012.
- ANDRADE, Paula Deporte; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais e educação. *Textura*, Canoas, v. 17, n. 34, p. 48-63, mai./ago. 2015.
- APPLE, Michael W. *Educação e Poder*. Tradução de Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ARAÚJO, Lígia Mara B. M. de; RUIZ, Marco Antônio A. Estereótipos básicos e estereótipos opostos: representações do dialeto caipira em discursos institucionais e científicos. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v. 16, n.4, p. 4316- 4327, out./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n4p4316>. Acesso em: 23 ago. 2020.
- AZEVEDO, I. P. de. *Da vila aboborinha para nova esperança: a construção discursiva do homem do campo nos quadrinhos de Chico Bento*. Dissertação de mestrado em Letras. Universidade Federal da Bahia: Salvador, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29171>>. Acesso em: 02 jun. 2021.
- AZEVEDO, I. P. de.; ALVAREZ, P. V. B. H. A construção da subjetividade nas representações do sujeito do campo em chico bento moço: uma abordagem discursiva. In: TONELLI, F.; SOUZA, L. (Orgs.). *Linguística, letras e artes: culturas e identidades 2*. Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz?* 49. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- BRASIL. *Decreto 7.352, de 04 de novembro de 2010*. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Brasília, DF: Presidência da República, [2010]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7352.htm. Acesso em: 02 mar. 2020.
- BRASIL. *Educação do campo: diferenças mudando paradigmas*. Plano Nacional de Formação dos Profissionais da Educação do Campo. Brasília, DF: SECAD/MEC, 2007.
- BRASIL. *Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação nacional. Planalto, Brasília, 1961.
- BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1997.
- CAJANO, Pâmela. Cartas escritas à mão se tornam relíquias nos dias de hoje. *Universidade Metodista de São Paulo*, São Paulo, maio 2013.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CARLOS, Giovana Santana. Mangá: o fenômeno comunicacional no Brasil. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 10., 2009, Blumenau. *Resumos [...] Blumenau: Intercom, 2009*. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/R16-0436-1.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2020.

CARNEIRO, Ana, CIOCCARI, Marta. *Retrato da repressão política no campo - Brasil 1962 - 1985 - Camponeses torturados, mortos e desaparecidos*. Brasília: MDA, 2010. Disponível em: <https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/464>. Acesso em: 18 abr. 2020.

CARVALHO, DJota. *A educação está no gibi*. Ilustrações de Bira Dantas. Campinas, SP: Papirus, 2006.

CENTRALCBM. *Evolução do traço*. Disponível em: http://centralcbm.blogspot.com/p/personagens_21.html. Acesso em: 28 maio 2020.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte de. Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 843 - 862, maio/ago. 2015.

EISNER, Will. *Narrativas gráficas de Will Eisner*. Tradução de Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2005.

EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FELIPPI, Ana Cristina Trevisan; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Juventude rural e novas formas de sociabilidade: um estudo do uso do celular no sul do Brasil. *Revista Latinoamericana de Comunicação*, v. 14, n. 26, p. 140-150, 2017. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/906>. Acesso em: 12 fev. 2021.

FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. *ECO-PÓS*, v. 7, n. 2, p. 45-71, 2004.

FRONZA, Marcelo. *A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

FRONZA, Marcelo. *O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GARSKE, Lindalva Maria Novaes. A trajetória da educação do campo: considerações básicas. In: GARSKE, Lindalva M. N.; CUNHA, Érika Virgílio R. *Educação do Campo: Intencionalidades políticas e pedagógicas*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.

GIROUX, Henry. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: SILVA, T. T.

(org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

HORN, Ticiania Elisabete. “É qui eu num sei nada di nada!”: visualidades sobre a infância rural em artefatos visuais endereçados às crianças. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). *Cultura Visual e Infância: Quando as imagens invadem a escola*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

ITUASSU, A. Hall. Comunicação e a política do Real. In: Hall, S. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-Rio, 2016.

KELLNER, Douglas. *A Cultura da mídia - Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas. Lendo imagens criticamente: Em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T. T. (org.). *Alienígenas na sala de aula – uma introdução aos estudos culturais em educação*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles, 1987. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINE, G.; CAMARGO, L. Crescimento e distribuição da população brasileira: tendências recentes. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v. 1, n. 1, 1984. Disponível em: https://www.rebep.org.br/revista/article/view/5/pdf_3. Acesso em: 19 set. 2020.

MATO GROSSO. *Cartilha Orientativa da Comissão de Ética da SEDUC-MT*. Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso: Cuiabá, 2021.

McCLOUD, Scott. *Desvendando os quadrinhos*. Tradução Carvalho e Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

MORAES, Filipe Proença de Carvalho. *O movimento punk paulista como sintoma e agência de uma classe operária em desagregação*. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

NELSON, C.; TREICHLER, P. A.; GROSSBERG, L. Estudos Culturais: Uma introdução. In: SILVA, T. T. (org.). *Alienígenas na sala de aula - Uma introdução aos estudos culturais em educação*. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise Social*, v. 25, n. 1º, 2º, p. 105-106; 139-165, 1990.

PAIVA, Fábio da Silva. *Histórias em quadrinhos na educação: memórias resultados e dados*. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

PEREIRA, Taís Assunção Curi. Os estereótipos nos meios de comunicação. In: SILVA, Rafael Souza (Org.). *Discursos simbólicos da mídia*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

REDIN, Ezequiel. Políticas educacionais e juventude rural no ensino superior. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 63, p. 237-252, jan./mar. 2017.

RIBEIRO, Darci. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RISTOFF, Dilvo. Perfil socioeconômico do estudante de graduação. Uma análise de dois ciclos completos do Enade (2004 a 2009). *Cadernos do GEA*, n. 4, jul./dez. 2013.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. 5. ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade – Uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Teoria cultural e educação – um vocabulário crítico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000b.

SILVA, M. C. da.; SOUZA, S. T. de.; GOMES, N. S. *As aventuras de um caipira na cidade grande: observações sobre chico bento, de Maurício de Sousa*. *Revista Philologus*, Ano 20, Nº 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/60sup/052.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2021.

SOUSA, Maurício de. *Almanaque do Chico Bento*. São Paulo: Maurício de Souza Produções, nº 80, 2015.

SOUSA, Maurício de. *Chico Bento Moço: Um novo começo*. São Paulo: Panini Brasil, nº 1, ago. 2013. Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/sul2009/resumos/r16-0436-1.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2020.

SOUZA, P. D. dos; SANTOS, A. K. B. *Urbanização e monitoração estilística: a variação linguística e as representações da fala caipira nas histórias em quadrinhos*. *Forum lingüístic.*, Florianópolis, v.15, n.1, p. 2 843 - 2859, jan./mar. 2018. Disponível em: <<file:///C:/Users/welbe/Downloads/Dialnet-UrbanizacaoEMonitoracaoEstilistica-6566272.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2021.

VENCESLAU, Higor. *Correios, logística e uso do território: o serviço de encomenda expressa no Brasil*. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo: São Paulo, 2016.

VENTURI, Gustavo; TORINI, Danilo. *Transições do mercado de trabalho de mulheres e homens jovens no Brasil*. Organização Internacional do Trabalho. Genebra: OIT, 2014.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

WILHELM, Fernanda Ax. *Comportamentos de mães de meio rural em relação a cuidados com seus filhos como características da organização familiar*. Florianópolis, 2005.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/101976/221509.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 jul. 2020.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WORTMANN, Maria Lúcia; COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em Educação no Brasil. *Educação*, PUCRS, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 32-48, jan./abr., 2015.

ZAGO, Nadir. Migração rural-urbana, juventude e ensino superior. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21, n. 64, p. 61-78, jan./mar. 2016.

ZANLUCHI, Amanda Cristina. LIMA, Aires David de. Projeto coração de estudante: cidadania na escola e o acesso à universidade. In: SEMEX, 2011. *Anais [...]*. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/semex/article/view/494/493>. Acesso em: 20 jun. 2021.

ZÉ MULATO; CASSIANO. *Diário do Caipira. Álbum 25 anos*. Song, 2003.